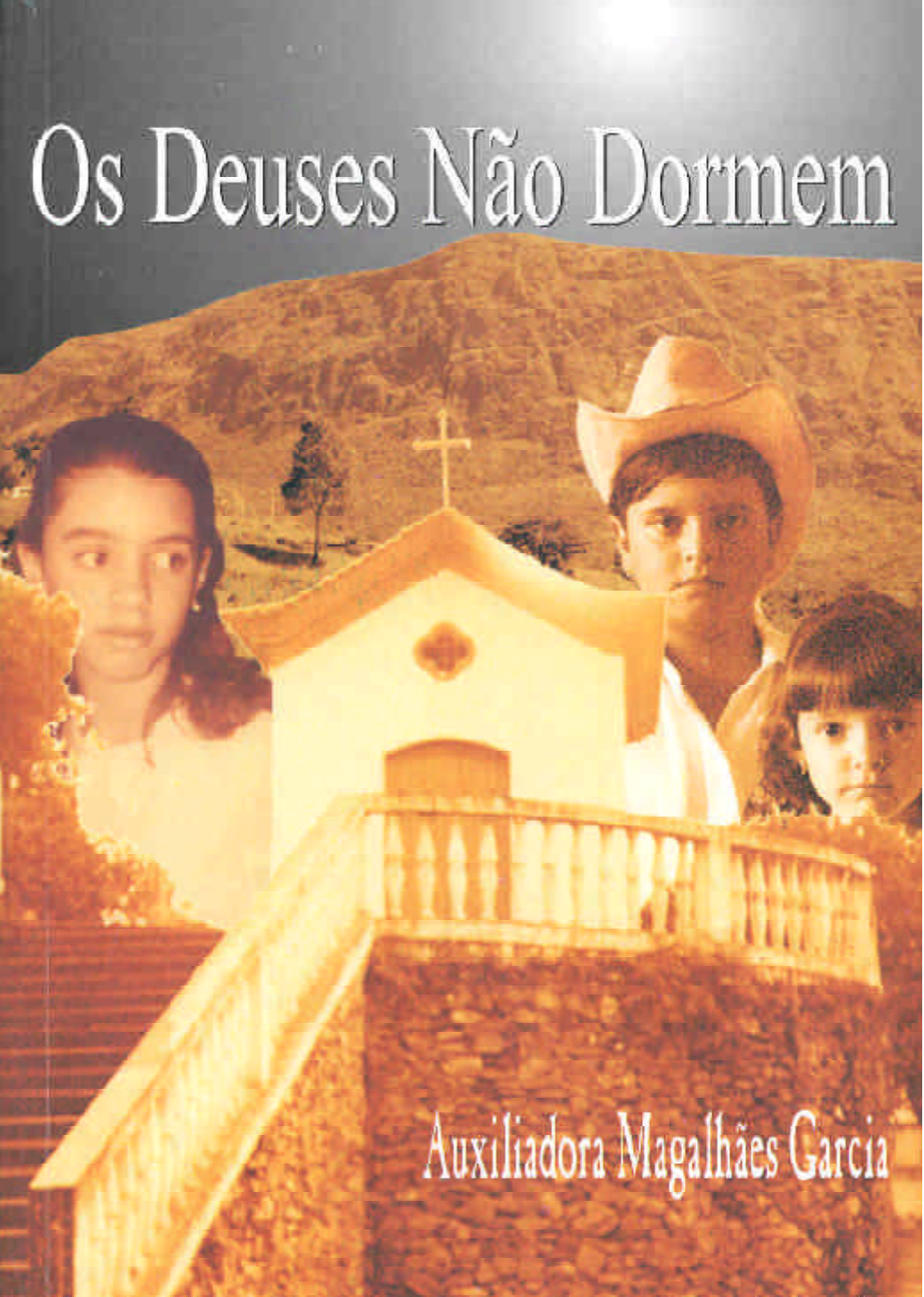


Os Deuses Não Dormem



Auxiliadora Magalhães Garcia



Auxiliadora Magalhães Garcia

OS DEUSES NÃO DORMEM



iEditora, São Paulo, Brasil, 2000
Copyright by Auxiliadora M. Garcia, 1999
Todos os direitos desta versão reservados a
iEditora: <http://www.ieditora.com.br>

*Vede também as naus que, sendo tão grandes,
e levadas de impetuosos ventos,
se viram com um bem pequeno leme
para onde quer a vontade daquele que
as governa.*

Tiago 3,4

*Dedico este livro a Sílvia Magalhães...
com muita saudade...*

Sumário

Primeira Parte - *A Força da Natureza*

- Cap 1 - A Sinhá pariu um anjo - 6
- Cap 2 - Como quem cultivava uma rosa - 16
- Cap 3 - Uma seca maior secaria as entranhas dos homens - 24
- Cap 4 - Mulher não tem querer - 30
- Cap 5 - Um homem desvirginou a Santinha - 35

Segunda Parte - *A Força do Coração*

- Cap 6 - As rosas continuariam frescas e viçosas - 45
- Cap 7 - Ter perdido alguma coisa, em algum lugar - 51
- Cap 8 - A flor de Satanás - 64
- Cap 9 - Olhando as estrelas - 74
- Cap 10 - Merecer um encontro e talvez o perdão - 86
- Cap 11 - Perseguir um sonho ou cumprir uma sina - 92

Terceira Parte - *A Força do destino*

- Cap 12 - Maria do Rosário - 99
- Cap 13 - Maria Antonieta - 104
- Cap 14 - Maria Carmelita - 115
- Cap 15 - Maria das Mercês - 127
- Cap 16 - Prêmio e Castigo - 138
- Cap 17 - Mais fugaz que a própria vida - 141
- Cap 18 - Palavras teriam a força de mudar destinos - 146
- Cap 19 - O último Monte Castro - 165
- Cap 20 - Sorriso de Menino - 171
- Cap 21 - Estilhaços de um sonho lançados na noite - 183
- Cap 22 - Como pombos, em revoada - 192
- Cap 23 - Por detrás da serra, por detrás do céu - 198

PRIMEIRA PARTE

A Força da Natureza

Capítulo 1

A sinhá pariu um anjo

Naquele ano de 1916, os fenômenos astrológicos mexiam com o humor e o destino das pessoas. O eclipse confundira até mesmo as mentes mais sensatas. Antes que as pessoas pudessem recompor suas idéias, numa noite fria, o cometa cruzou os céus, encantando e estarecendo os moradores do pequeno vilarejo de São Sebastião das Corredeiras.

O afã da ciência, que borbulhava nas grandes cidades da Europa e da América, ainda não conseguira atravessar rios e montanhas, para banhar com sua luz aquele vale recôndito.

Assim, puras e inocentes, as pessoas viviam de modo mais intenso a força e a magia da natureza. Seus corações e suas mentes absorviam uma parcela maior da energia cósmica que brindava a terra naquele ano especial.

Uns poucos homens naquela comunidade tinham acesso às informações. Homens que detinham o poder político e econômico em São Sebastião. Eles atravessaram as montanhas nos lombos dos burros e conheceram cidades como Esmeraldina, que ficava do outro lado da serra. Então ficaram sabendo coisas que ninguém sabia e que, na verdade, não tinham muita utilidade, como ler, escrever, algum conhecimento sobre outras terras e sobre os astros. Mas nem mesmo às suas esposas ou filhos, esses homens se preocuparam em transmitir essas experiências e ensinamentos. Eram fazendeiros e se preocupavam com o gado, com a cana, com o milho e o café.

Na metade do século XVII, os bandeirantes violentaram as entranhas de Minas Gerais, à procura de ouro e pedras preciosas. Nessa busca, dois irmãos, José Pedro e

José Ignácio Monte Castro, descobriram uma serra de beleza inigualável. Um verdadeiro capricho da natureza, uma pedra imensa e sinuosa, incrustada no coração das Minas Gerais, entrecortada por numerosas corredeiras. Nas corredeiras, havia ouro e pedras preciosas, e atrás de João Pedro e José Ignácio, outros homens vieram tentar fortuna e, ao pé da serra, fundaram o Arraial de São Sebastião das Corredeiras.

A ilusão do ouro em São Sebastião não durou tempo suficiente para que o Arraial prosperasse. Quando o ouro e o sonho acabaram, os garimpeiros partiram em busca de novas terras. Mas o acesso àquele lugar era tão difícil, que uns poucos homens, que já estavam velhos demais ou desiludidos demais, ficaram por ali. Banhada por tantas corredeiras, a terra era fértil e lhes daria o sustento. Plantaram milho, cana, café, criaram gado, porcos e galinhas. Com o tempo, formaram respeitáveis fazendas, mas sem o resplendor do ouro.

E o pequeno vilarejo de São Sebastião das Corredeiras atravessou dois séculos completamente adormecido, ao pé daquela serra. Raramente passava por ali algum forasteiro, trazendo notícias do resto do mundo. E seus habitantes viviam com naturalidade o isolamento e a solidão.

O poder, em São Sebastião, se dividia entre os fazendeiros mais abastados, descendentes daqueles primeiros garimpeiros. No início do século XX, estava nas mãos de Alonso Mesquita e de João Pedro da Silva Monte Castro – o JP.

João Pedro era descendente direto de José Pedro e dono da maior propriedade da região, a fazenda Santa Marta. Isso já seria suficiente para fazer dele o homem mais poderoso do Vilejo.

Mas João Pedro tinha, ainda, as qualidades e defeitos inerentes aos líderes: era impetuoso, determinado. Tinha músculos e vontade de ferro. Era persistente, teimoso e não se curvava diante de obstáculos. Que, aliás, naquelas cercanias, um Monte Castro não se curvava di-

ante de nada ou de ninguém. Não era homem de mente brilhante, mas tinha o raciocínio lúcido e prático.

E, seguindo esse raciocínio, casou-se com Elvira Mesquita, irmã caçula de Alonso, e uniu as duas famílias mais poderosas do lugar.

D. Elvira era uma mulher madura, de aproximadamente 35 anos, de modos distintos e austeros. Comandava com perfeição a vida daquela casa, que era a alma da fazenda Santa Marta. Tinha uma autoridade nata, um senso de disciplina inigualável, mas era justa e benevolente com os criados, e assim tornou-se querida e estimada por todos.

Da varanda do casarão, D. Elvira vira o eclipse, se encantara e se estarrecera na passagem do cometa e agora via os filhos brincando no terreiro de café. Arnaldo, o primogênito, já era um rapazola de doze anos e estava deitado de costas, sob o sol. D. Elvira observava o homem que começava a nascer no seu menino, e se preocupava. Arnaldo ainda não demonstrara qualquer interesse pela lavoura ou pelo gado, não tinha ares de primogênito. Não herdara a autoridade da mãe, nem a determinação do pai. E agora, que a adolescência se aproximava, ia ficando cada dia mais arredio. Andava pelos cantos da casa, sorrateiro como um gato. Comia mal, dormia mal... e sonhava demais! Não era um substituto para João Pedro – ponderava Elvira em seus devaneios. E Lourenço e Olímpio certamente disputariam o poder naquela casa.

Naquela época, Lourenço tinha nove anos, Olímpio, seis, e Juca, cinco. Apesar da pouca idade, os traços de personalidade eram evidentes. Olímpio e Lourenço tinham muito em comum. Eram determinados, voluntariosos, tinham sede de vida e teriam sede de poder. Eram verdadeiros Monte Castros. Juca era uma criatura da terra. Amava os campos, as árvores, os rios e os animais, e se misturava a eles numa simbiose perfeita. Teria a paciência dos lavradores, a humildade dos sábios, e seria, assim, um homem da terra.

D. Elvira acariciou levemente o ventre crescido e se encheu de ternura por aquela nova vida, que em breve traria ao mundo. Sabia, com a sapiência dos que amam, que Deus lhe mandava agora uma menina.

O eclipse e a passagem do cometa, de certa forma, confirmavam seus presságios. Sentia no ar uma estranha vibração, uma energia que envolvia mãe e filha num abraço. D. Elvira vencia sua própria austeridade e transbordava em ternura e emoção. Jamais ousara se emocionar tanto, jamais ousara amar tanto...

No último dia de setembro, o céu se encheu de nuvens pretas, que pareciam querer desabar. Um vento forte começou a varrer os campos, inicialmente como se pretendesse apenas limpar o vale, tirar dali as folhas secas, as impurezas e os pecados. Depois como se quisesse arrancar as árvores, destruir as casas, fazer os homens voar. Nos pastos, os animais ficaram inquietos e procuravam abrigo. Nos terreiros, os cães latiam agoniados. As crianças foram recolhidas às pressas, e os homens se olhavam mudos e cheios de pavor. No interior das casas, amedrontadas, as mulheres queimaram palha santa.

O dia se fez noite, e a natureza enfurecida castigou a terra, com um vendaval e uma chuva de pedras, que, por horas a fio, devastaram os campos, arrancaram árvores, reviraram os telhados das casas, mataram animais e destruíram plantações.

Foi durante a tempestade que D. Elvira sentiu as primeiras dores do parto. Sob a luz de um pequeno lampião, a pobre gemeu a noite inteira, com as entranhas dilaceradas.

Durante toda a noite, fiel como um cão de guarda, Inácia esteve ao seu lado. Aquela velha mulher, filha de uma escrava de sua mãe, trouxera ao mundo mais de duas gerações de crianças brancas e negras. Em suas mãos, havia o milagre da vida...

Finalmente, quando a fúria da natureza se aplacou

e um novo dia começou a surgir, D. Elvira colocou nos braços de seu marido uma menina a quem chamaram Maria Laura. Exaustas, D. Elvira e Inácia só notariam no dia seguinte que aquela criança tinha uma marca de nascença singular: no lado esquerdo do peito, exatamente sobre o coração, a tatuagem perfeita de uma estrela!

A alguns poucos quilômetros da fazenda, nos arredores de São Sebastião, a chuva de pedras fez desabar o teto da casa de Eurídice, e, sob os escombros, morreu uma jovem prostituta italiana, conhecida como Nena, deixando órfã a pequena Pietra, de apenas três meses.

Na fazenda de Francisco Brandão, a fúria das águas derrubou parte da antiga senzala, e dois negros morreram.

Nas terras de Alonso Mesquita, dois meninos, filhos de ex-escravos, foram arrastados pelas águas, e os corpos dos pobrezinhos, levados rio abaixo, nunca foram encontrados.

No pé da serra, um raio atingiu e matou um camarada de Joaquim Bezerra, que ingenuamente se abrigou da tempestade sob um gigantesco jacarandá.

Nas terras de Ignácio Pedreira, um casebre desabou e matou toda uma família de retireiros, que chegara por ali há cerca de uma semana, em busca de emprego e abrigo.

Nas terras de João Pedro, quando a tempestade passou, nem uma árvore sequer havia tombado. As pastagens e as plantações estavam intactas; no casarão, na antiga senzala, nas casas de colonos, nem uma telha sequer estava fora de lugar. Nenhuma flor ou fruto derrubado pelo vento, e nenhum animal morto ou sequer ferido, em toda a extensão da fazenda.

Enquanto os demais moradores de São Sebastião somavam os prejuízos e choravam as desgraças, aquelas

terras, no pé da serra, amanheceram viçosas como amanhecem as fazendas depois de uma chuva de verão. Como se uma redoma divina tivesse protegido aquele lugar, cada um de seus moradores, cada planta, cada animal...

Incrédulas, as pessoas atribuíram o milagre ao nascimento da menina. Em romaria, foram visitá-la, e de lá saíam louvando a Deus, pois a recém-nascida a todos exibia um rosto de anjo, com os olhos reluzentes e negros, completamente abertos, ávidos de vida e de luz.

– A Santinha nasceu de olhos abertos! – comentavam.

D. Elvira, assustada com a romaria, a princípio tentou esconder a filha. Mas logo percebeu que seus esforços eram muito menores que a fé daquele povo. Então recomendou severamente a Inácia que a ninguém, nem mesmo a João Pedro, comentasse acerca da marca de nascença da criança.

Com a altivez e a paciência que lhe eram peculiares, esperou que todos viessem visitar e louvar sua menina.

– A Santinha cobriu de graças as terras de seu pai – comentavam alguns.

E Santinha ela seria chamada, por todos e para sempre, naquela cidade. Até mesmo seu próprio pai e seus irmãos, apesar dos protestos veementes de Elvira, a chamariam Santinha. Apenas para Elvira e para a velha Inácia ela foi, e seria sempre, a sua Maria Laura.

Depois da tempestade, o vilarejo de São Sebastião viveu dias difíceis. Havia muito que reconstruir, e os recursos eram poucos.

JP, com as terras intactas, foi solidário com os outros. Trabalhou com eles, de sol a sol, emprestou animais e cedeu colonos para ajudar nas terras vizinhas. Trabalhava arduamente, obstinado, como um animal... ou como alguém que precisa, desesperadamente, preencher seu

tempo e gastar suas imensas energias, para não sucumbir ao peso da própria realidade...

“– JP foi agraciado naquela noite” – dizia o povo – “Suas terras foram poupadas por Deus, pra receber a Santinha.”

Mas nunca, em toda a sua vida, JP estivera tão taciurno. Por natureza, era homem de poucas palavras e muita ação, mas JP estava mais que calado: andava amargurado, o olhar perdido e o peito apertado.

Foi nessa época que seus laços com Francisco Brandão se estreitaram. De dia trabalhavam juntos, na recuperação da cidade e das fazendas; à noite, bebiam juntos na casa de Eurídice. Embora fosse bem mais jovem, Francisco tinha uma prosa agradável e, acima de tudo, inspirava confiança.

Certa noite, depois de alguma bebida, Francisco sondou o amigo:

– O povo comenta que você é um homem de sorte, JP. Tanta destruição, e suas terras foram poupadas... – Francisco fez uma pausa – Mas o amigo não me parece tão feliz assim...

– O povo enxerga de menos... E fala demais, Chico. Muitas vezes um homem parece que não perdeu nada, e na verdade perdeu tudo... tudo o que tinha de mais precioso...

Era de Nena que JP falava – a prostituta italiana, morta durante a tempestade. Naquela noite, já tocado pela bebida, JP desabafou com o amigo. Perdera um grande amor, a mulher que preenchia o vazio de suas noites... E havia ainda a menina... Há muito que Nena não recebia outros homens, e JP sabia que a pequena Pietra, que sobrevivera entre os escombros, era sua filha. Precisava dar um lar para aquela criança, mas não podia levá-la para casa. Elvira era mulher altiva, determinada, jamais aceitaria a menina. Mas não podia deixar aquela filha crescer numa casa de mulheres, criada por Eurídice e pelas outras prostitutas... A solução agora era conseguir uma fa-

mília de colonos, que ficasse com a menina...

– Eu tinha planos de tirar Nena deste lugar, ia montar uma casinha pra ela e pra menina... Eu não me conformo, Chico, eu não me conformo!

O punho cerrado de JP desceu forte sobre a mesa, e Francisco Brandão percebeu que seus olhos brilhavam demais. Uma lágrima ameaçou rolar naquele rosto rude, curtido pelo sol e pela vida.

Francisco percebeu que JP carregaria aquela mágoa pelo resto de sua vida. Por algum capricho dos deuses, naquela misteriosa madrugada, a fúria da natureza havia varrido a cidade e levado para sempre a mulher que ele tanto amava, aquela que lhe dava alento e prazer... Essa mesma natureza enfurecida havia poupado suas terras... mas havia dilacerado as entranhas de Elvira e lhe trouxera uma filha... E essa menina inocente seria para João Pedro a lembrança constante e o estigma de sua dor.

No dia seguinte, ainda bem cedo, Francisco Brandão conversou com Samara, sua mulher. A pequena Djanira já tinha quatro anos, e Deus não lhes dera outros filhos... provavelmente não lhes daria mais...

As mulheres, naquele vilarejo, viviam como lobas, e pouco lhes restava, além de cuidar de suas crias... A idéia de um nenenzinho fez Samara sorrir...

E a pequena Pietra foi levada para o casarão da fazenda Serra Negra...

Estavam selados para sempre os laços entre João Pedro e o jovem Francisco Brandão.

Não havia, sobre a face da terra, criatura mais feia e desajeitada que Mundico da Grota. Negro fugido, não se sabe de onde, aparecera por ali no primeiro ano do século e ficara morando na serra.

Era baixo, troncudo e atarracado, de cabeça chata e

grande. Sob o chapéu de palha, gasto pelo tempo, sobran- celhas e pálpebras muito grossas escondiam dois olhinhos pretos e miúdos. Um nariz imenso e achatado e uma boca desdentada saíam por entre um bigode e uma barba cres- pa, rala e ligeiramente grisalha. Usava sempre uma calça e uma túnica, de pano grosso e amarelado pelo tempo, cuja verdadeira cor não se podia mais definir. Na verdade, aquele homem tinha cor e cheiro de mata. Os pés imen- sos e rachados jamais conheceram qualquer tipo de cal- çado, mas trazia sempre consigo um gibão de couro preto, atravessado no peito. Era impossível calcular sua idade. Desde que aparecera por ali que exibia a mesma aparên- cia grotesca, como se o tempo passasse para todos, me- nos para Mundico da Grotá.

Mundico mancava da perna esquerda, mas apesar do defeito físico, tinha a agilidade de um gato. Aparecia às vezes no Arraial, quase sempre para trocar alguma caça por querosene. Sua figura grotesca, a princípio assustava os moradores. Com o tempo o povo se acostumou com sua estranha presença, e o medo deu lugar a um senti- mento de admiração e respeito: estava claro que, por trás daquele rosto disforme, daquele corpo desajeitado e da- queles olhinhos miúdos, havia um coração de menino. Ninguém mais puro e inofensivo que aquele pobre ho- mem.

E foi assim que Mundico da Grotá se incorporou à vida e ao folclore de São Sebastião das Corredeiras. Len- das se criaram a seu respeito, as mais variadas e, por vezes, as mais inusitadas.

Dizia o povo que Mundico era filho de escravos e tinha nascido numa fazenda, distante muitas léguas de São Sebastião. Ainda menino, quando tomava banho num rio, tinha sido abocanhado por uma gigantesca sucuri, que engoliu o pobrezinho inteiro e depois desceu rio abaixo, até dar nas redondezas do Arraial. Mundico viveu assim, durante anos, nas entranhas da sucuri, até que um dia um raio fulminante caiu sobre a cobra, dividindo-a em duas, e Mundico se libertou. Mas ganhara poderes, nesse perío- do, de ficar invisível na selva e de fazer o tempo parar. Era

imune aos raios, lia pensamento e adivinhava o futuro. Sentia, pelo cheiro, a presença de ouro e pedras preciosas e previa com precisão as mudanças do tempo. Tornou-se, então, bem-vindo no Arraial, nas fazendas e nos garimpos.

Cada vez que aparecia no Arraial, Mundico surpreendia com alguma novidade, sobre a serra, o tempo e os astros. Foi ele quem avisou do eclipse e da passagem do cometa, que chamava de estrela rabuda. E tudo aconteceu do jeitinho que ele falou, no dia e hora marcados.

Tantas eram as lendas e tão pouco realmente se sabia sobre Mundico, que, com o tempo, até para o mais lúcido dos cidadãos, ficava difícil determinar exatamente onde terminava a verdade e começava a fantasia sobre Mundico da Grotá.

Vez por outra, Mundico da Grotá aparecia pelas bandas da fazenda Santa Marta. João Pedro lhe queria bem, gostava de sua presença, dava-lhe comida e agasalho. Para pagar a hospitalidade, Mundico mantinha João Pedro informado de suas previsões do tempo.

Quando a Santinha nasceu, não tardou para que Mundico aparecesse na fazenda. Quando Elvira, a seu chamado, apareceu na varanda, o chapéu entre as mãos, Mundico falou-lhe humildemente:

– Sinhá perdoa o atrevimento desse preto véio... Inté sei que vou lhe pedi demais... Mundico qué vê a Santinha, sinhá... só dá uma espiadinha nela...

D. Elvira, constrangida, atendeu ao apelo. Trouxe a menina, embrulhadinha em um manto branco.

Diante da pequenina, Mundico caiu de joelhos, como quem está diante da imagem de uma santa. De cabeça baixa, proferiu aquelas palavras, que Elvira nunca mais esqueceria:

– A sinhá pariu um anjo. E a luz do anjo é muito forte, vai alumiá tudo em vorta dela... Mas a luz do anjo pode feri os ói daqueles que não tão preparado pra tanto brio... Que Ele – e nesta hora Mundico levantou a cabeça,

indicando o céu – proteja a sinhá e sua santinha.

Dizendo isso, Mundico levantou-se, benzeu-se e já ia indo embora. Quando tinha dado meia dúzia de passos, voltou-se.

– Sinhá num deve deixá o povo ficá sabendo que a estrela rabuda, quando passou por aqui, marcou a Santinha. Nem mesmo o povo da casa deve de saber disso. Nem o pai, nem os irmãos dela... Pra protegê a Santinha, sinhá me entende? O preto véio, lá do alto da serra, vai orá muito pra vosmecê e pra sua fiinha... – fez uma pausa – e vou orá também pra irmãzinha dela... Os destinos são muito diferentes, mas os caminho um dia vão se cruzá...

E dizendo isto, Mundico foi-se embora...

D. Elvira ficou ainda um longo tempo na varanda, estática, atônita com as palavras de Mundico. Ele estava se referindo à marca de nascença que sua filha trazia no peito... e a irmã, de que irmã Mundico estava falando?

Por fim, chamou Inácia. Haveria ela falado a alguém sobre a marca da estrela, no peito de Maria Laura? Mas a negra jurou, por tudo o que havia de mais sagrado sobre a face da terra, que não havia falado nada, absolutamente nada, a ninguém...

Capítulo 2

Como quem cultiva uma rosa

D. Elvira criou aquela filha como quem cultiva uma rosa. Rompeu os limites de sua própria austeridade e se desfez em carinhos e cuidados para aquela menina. Tomou

para si todas as tarefas referentes à criança, mesmo aquelas que normalmente eram delegadas aos empregados. De corpo e alma se dedicou e fez de Maria Laura o seu dia-a-dia, o seu objetivo, a sua vida, enfim.

Naquela época, o casamento de Elvira já se despedaçara. João Pedro bebia com mais frequência e já não ocultava de ninguém suas constantes visitas à casa de Eurídice. Sob a desculpa da menina, que a princípio chorava muito de noite, Elvira mudou-se para o quarto da frente, que dava para a varanda, e era mais fresco. Por lá ficou pelo resto de sua vida. João Pedro nunca mais a procurou, e o casal não teve outros filhos.

No ano seguinte ao nascimento da filha, João Pedro levou os três filhos mais velhos para o internato, em Esmeraldina: precisavam estudar. E o casarão da fazenda Santa Marta tornou-se o cenário solitário da infância de Juca e Maria Laura.

Se naturalmente os dois irmãos já demonstrariam uma grande afinidade, a ausência dos mais velhos estreitou os laços entre eles.

E Juca, o menino do campo, proporcionou à irmã uma infância feliz. Ensinou-lhe a catar pedrinhas na beira dos rios, a cavar a terra, em busca de minhocas, a conversar com plantas e animais. Falou-lhe dos segredos dos rios, das matas, dos campos e das criações. Ensinou-lhe a beleza do pôr-do-sol, nos dias de verão, e a magia do amanhecer...

Secretamente, escondido da mãe, ensinou-lhe a montar cavalo chucro, a subir em árvores, enfim todas essas deliciosas e perigosas aventuras para as quais os campos nos chamam... Quando D. Elvira se ocupava da costura ou do bordado, e sabiam que ela se distrairia deles por um tempo maior, se embrenhavam na mata, para ver plantas nativas, pequenos animais selvagens e até mesmo para procurar o velho Mundico da Grotá...

A princípio, Maria Laura temia o velho Mundico. Com

o tempo, acostumou-se à sua figura exótica. Fizeram amizade. Para Mundico, a presença das crianças, na serra, era motivo de festa. Contava-lhes histórias, mostrava-lhes seus tesouros: um lírio novo, ao pé de uma corredeira, uma bromélia, um ninho de tico-tico cheio de filhotes. Para ver os meninos, suas visitas à Fazenda Santa Marta tornaram-se mais freqüentes. Mundico foi assim uma espécie de ídolo, na infância de Juca e Maria Laura.

À medida que o tempo passava, e Maria Laura crescia, secretamente D. Elvira dava razão às crendices do povo de São Sebastião.

Havia qualquer coisa de diferente com sua menina. De toda parte, do Arraial e das fazendas vizinhas, mães aflitas levavam crianças doentes para a Santinha benzer.

A pequena Maria Laura impostava a mãozinha direita sobre a criança doente ou ferida e rezava com fervor. E Elvira muitas vezes se estarrecia, ao ouvir saindo daquela boquinha belas orações, que nunca lhe ensinara. Crianças e animais saíam curados da fazenda Santa Marta, e a fama da Santinha se espalhava por todo o vale.

A João Pedro incomodava aquela romaria. Mais ainda lhe incomodavam tantos louvores, dirigidos à sua filha.

Para evitar maiores problemas, D. Elvira mandou fazer um pequeno oratório de madeira, com a imagem da Virgem Santíssima, e colocou-o num canto da varanda, junto a uma escada lateral, de sorte que quando as pessoas procuravam pela Santinha, ela os benzia ali mesmo, na varanda, sem que estranhos precisassem penetrar a intimidade do casarão.

D. Elvira sabia, porém, que aquele dom, aquele precioso dom, poderia perturbar o espírito de sua filha. Maria Laura tinha o sono agitado, e muitas vezes acordava de madrugada, gemendo e gritando, as mãozinhas geladas e o corpo banhado de suor.

Certa vez, num desses delírios, Maria Laura gritava pelo pai. Acordou como sempre, completamente

transtornada, e, chorando, disse à mãe que vira seu pai caído na beira da estrada, e, que seu cavalo, caído sobre ele, o esmagava.

D. Elvira levantou-se aflita, foi até o quarto do marido, João Pedro não estava. Era uma dessas noites frias de junho. Enrolada em um cobertor, bateu na casa de colonos mais próxima, e, em poucos minutos, dois camaradas saíram à procura de JP.

Encontraram o patrão a uma légua do casarão, desmaiado, na beira da estrada. O cavalo de JP estava morto, picado de cobra e, caído sobre o dono, esmagava parte de seu corpo.

JP foi salvo, apesar de muito ferido, mas seu pé direito ficou inutilizado para sempre.

O episódio não conseguiu mudar o sentimento ou a atitude de JP em relação à filha. Havia entre eles uma distância intransponível. E, pelo resto de sua vida, JP arrastou o pé direito esmigalhado, como quem arrasta uma lembrança dolorosa.

Com Juca, Maria Laura aprendeu a subir em árvores, correr pelos campos, catar minhoca na beira dos rios. Mas na hora certa, Elvira fez com que ela dividisse o tempo entre as brincadeiras no campo e o aprendizado: então ensinou-lhe os segredos do crochê, do tricô, da costura e do bordado.

Um dia, JP falou à esposa que já era hora de levar também o Juca para o internato. Elvira sentiu um frio percorrer-lhe a espinha: Maria Laura não saberia ser feliz sem o irmão!

Por aquela época, oportunamente se mudara para São Sebastião uma professora de Esmeraldina, muito bem conceituada. Com jeito, D. Elvira convenceu o marido a contratar seus serviços. E foi assim que D. Matilde veio fazer parte da vida daquela casa.

Vinha toda tarde, de charrete, trazendo nas mãos

alguns livros e uma pequena varinha de marmelo, que, na verdade, nunca foi usada.

Maria Laura, apesar da pouca idade, foi-se agregando às aulas. Em pouco tempo, os dois irmãos puderam ler e efetuar as quatro operações.

JP, cada dia mais alheio à família, esqueceu-se por uns tempos da idéia do internato, e D. Matilde acabou ficando muito mais tempo do que o combinado.

Quando julho e dezembro se aproximavam, no casarão da fazenda Santa Marta, D. Elvira, Inácia e as outras criadas começavam os preparativos para receber os três rapazes, que vinham da cidade. Limpavam a casa, matavam porcos e colocavam na gordura, faziam torresmo, lingüiça, os mais variados doces, licores, bolos e roscas.

Com as férias, chegavam os três irmãos, e a rotina do casarão se transformava. Recebiam visitas, o almoço atrasava, o jantar não tinha hora certa...

Maria Laura desejava secretamente que aqueles irmãos voltassem logo para a cidade, e a vida pudesse voltar ao normal naquela casa. Não conseguia estabelecer vínculos com eles. Arnaldo, o mais velho, era o mais amável. Era gentil, chegava a ser carinhoso, em algumas situações. Mas, por temperamento, era taciturno e distante. Lourenço tratava-a com uma indiferença tão grande, que chegava a machucar: assim como se crianças e pequenos animais domésticos fossem desprezíveis criaturas, que não merecessem muita atenção. Olímpio era muito falante e lhe dava alguma atenção; mas era muito temperamental e intempestivo, tinha rompantes de mau humor e Maria Laura sempre preferia manter distância. Era claro que tinha ciúmes: aqueles intrusos lhe roubavam a mãe... e lhe roubavam Juca, que parecia fascinado com a presença dos irmãos mais velhos: queria ouvir suas histórias, saber cada detalhe da vida na cidade.

Numa noite quente, em meados de janeiro, no ano de 1927, na hora do jantar, JP proferiu a sentença: quando

as férias terminassem, Juca iria com os irmãos para o internato, em Esmeraldina. Maria Laura não conseguiu terminar o jantar. Permaneceu sentada, de cabeça baixa, sem dizer uma palavra. Quando, mais tarde, se levantaram da mesa, Maria Laura estava com as mãos geladas e a testa muito quente. Por três noites e três dias, ardeu em febre. D. Elvira e Inácia se revezavam em sua cabeceira.

Elvira tentou argumentar com JP: em vão, a decisão já estava tomada, Juca precisava partir.

E assim, no início de fevereiro, Juca foi embora. Enquanto a comitiva partia, da varanda, ao lado da mãe, Maria Laura acenava com um resto de doçura para o irmão: terminava naquele momento a sua infância. Morria dentro de Maria Laura a menina feliz, e uma adolescente cabisbaixa e pensativa começava a nascer.

Naquele ano, Maria Laura cresceu muito, e a menina bonita se transformou numa adolescente muito magra e desajeitada, que vivia calada, pelos cantos da casa. Encheu-se de espinhas, de dores e temores. Perdeu o interesse pelas coisas do campo e, somente por insistência da mãe, ocupava algumas horas de seu tempo com os trabalhos manuais.

Maria Laura passou a esperar as férias com grande ansiedade. Quando o mês de julho se aproximou, animou-se toda: ajudou a mãe nos preparativos para a chegada dos irmãos. Bordou toalhinhas para enfeitar a casa, ajudou na limpeza e na cozinha.

Quando, enfim, o inverno e os irmãos chegaram, a decepção: Juca estava praticamente um homem. Veio correndo ao seu encontro, abraçou-a cheio de ternura, mas, desde o primeiro momento, Maria Laura percebeu que aquele não era o mesmo Juca, o seu Juca, o menino do campo. Ela também não era mais uma menininha travessa... Como se o tempo e a distância houvessem quebrado elos preciosos... já não havia a cumplicidade de antes... parecia-lhe que jamais seria a mesma coisa...

Mesmo assim, quando julho foi embora e a comitiva partiu, da varanda, ao lado da mãe, Maria Laura acenou

novamente... E logo começou a esperar pelas férias de fim de ano. A espera, a expectativa e a decepção se renovariam muitas vezes, como uma roda gigantesca, imperiosa, que não pode parar de rodar...

Em 1929, influenciado pelos novos costumes da época, JP mandou os três filhos mais velhos para o Rio de Janeiro. Juca ficou sozinho em Esmeraldina, acalentado apenas com as promessas do pai, de que para o ano, ele se juntaria novamente aos irmãos...

Olímpio e Lourenço brilharam nos estudos e nos salões do Rio de Janeiro. A cana, o café e o ouro de JP seriam insuficientes para a vida que os filhos almejavam. Os moços moraram bem, comeram e se trajaram ainda melhor. Freqüentaram as melhores escolas, os melhores bares e cafés do Rio de Janeiro.

Olímpio ingressou na Faculdade de Medicina, e Lourenço, na de Farmácia; ambos prometiam uma carreira brilhante.

Para Arnaldo, porém, a sorte não sorriu da mesma maneira. Tão logo chegou ao Rio, ingressou na escola de Direito. Depois de um ano e meio de muitos atropelos, abandonou definitivamente o curso. Nesse período, viveu de bar em bar, sempre na companhia de intelectuais da esquerda. Trabalhou para um jornal clandestino, e, nos momentos de maior depressão, escrevia poemas. Inúmeros poemas, falando do amor verdadeiro, que não conhecia, mas que acreditava iria encontrar. Buscava o sentido da vida e sabia que não o descobriria nos bancos da escola de Direito ou de qualquer outra. Mas também não o descobriu nos bares, nas rodas de amigos ou nas casas de mulheres... Ao contrário, a vida desregrada consumiu-lhe a saúde.

Cada vez que ele voltava à fazenda, D. Elvira sofria impotente com a decadência do filho. Arnaldo estava cada vez mais magro, pálido e abatido. A mãe tentava cuidar de sua saúde física, já que seu espírito estava distante e inatingível para ela. Fazia-lhe chás, gemadas... Dava-lhe

toda sorte de fortificantes e depurativos de sangue de que tinha notícia...

Por fim, uniu todas suas forças, e abordou JP, pedindo-lhe que não mandasse Arnaldo de volta para o Rio de Janeiro.

– Ele está se consumindo, João Pedro... Essa vida não está fazendo bem pro nosso menino... Antes ele ficar aqui conosco, que se transformar num doutor e se acabar para isso...

– Arnaldo não é mais um menino, Elvira... é um homem! Se está se acabando assim, é porque está com vadiagem, bebendo demais.

– Não é vadiagem, João Pedro... Arnaldo é diferente dos irmãos... Ele tem uma tristeza dentro d'alma, uma coisa que não deixa ele seguir seu destino...

– Tristeza d'alma? Ora, onde já se viu... Esse seu filho é um vadio, um moleque. O infeliz largou a escola e estava lá quieto, gastando o meu dinheiro com bebedeira e com mulher... Diz que deu até pra escrever uns versos... onde já se viu... Eu conversei com ele, vou lhe dar uma última chance. Ele vai entrar pra Faculdade de Farmácia, e esse curso ele termina de qualquer jeito... ou não me volta mais aqui... nunca mais...

Impossível querer que JP entendesse as sutilezas de uma alma – pensou Elvira. E assim, derrotada, viu o filho partir, no final das férias de janeiro, naquele ano de 1931.

Pouco antes da partida, Arnaldo aproximou-se de Maria Laura e lhe fez um pedido:

– Santinha, você me benze?

Maria Laura pegou o irmão pela mão e o levou até a varanda. Diante da Virgem Maria, rezou com fervor. Enquanto rezava, sentiu um forte cheiro de rosas no ar. Um cheiro tão forte, que lhe causava náuseas...

Dois meses depois, já tarde da noite, um mensageiro bateu à porta do casarão da fazenda Santa Marta. Trazia a notícia da morte de Arnaldo.

O primogênito de Elvira e JP se enforcara no banheiro da escola de Farmácia, e o corpo já fora enterrado.

Capítulo 3

Uma seca maior secaria as entranhas dos homens

O ano de 1931 foi particularmente difícil para os moradores de São Sebastião das Corredeiras. Nos primeiros meses, o tempo estava excessivamente quente e seco. A terra ardia sob o sol implacável. O gado estava magro, e as plantações, queimadas. O ar, muito seco e sujo, espalhou doenças pelo vale.

No casarão da Fazenda Santa Marta, uma romaria interminável de mães aflitas, trazendo criancinhas doentes, buscou a ajuda das preces de Maria Laura. Com o mesmo fervor da infância, a adolescente desajeitada rezou e benzeu cada um.

Mundico da Grota, que andava sumido, desceu a serra. Pediu ao povo que não lamentasse tanto os prejuízos da seca. Os deuses estavam bravos com a ganância dos homens, no vale. Uma seca maior poderia chegar... e secaria as entranhas dos homens, e eles arderiam em febre até a morte.

Foi então, em meados de abril, que apareceu aquela febre, moléstia até então desconhecida no vale. Aparecia primeiro uma febrezinha de nada, e a pessoa nem

fazia conta daquilo. Depois, a febre ia subindo, subindo... tinha picos, sempre à mesma hora, e levava sua presa ao delírio. Então as fezes soltavam, a pessoa tremia e suava por horas a fio. Quando a doença avançava, a pessoa ia amarelando, os olhos afundavam muito, e as forças se esvaíam até a morte. A moléstia fatal se espalhou no vale e foi fazendo suas vítimas, sem distinção de sexo, idade ou cor. Vieram umas chuvas no início de maio, estranhas, temporonas, e o povo teve esperança de que limpasse o ar. Mas a praga não estava mais somente no ar: estava impregnada em cada folha, em cada flor, em cada fruto, nas paredes das casas, nas águas dos rios, em cada pedaço de chão.

Na segunda metade de junho, D. Elvira pegou a febre. A doença, que normalmente durava cerca de quarenta dias, consumiu aquele corpo de uma forma tão rápida e devastadora, como se não encontrasse naquele organismo qualquer obstáculo, qualquer defesa. Durante 15 dias e 15 noites, Inácia e Maria Laura se revezaram em sua cabeceira. Preparavam-lhe chás e lhe faziam compressas de água fria para abrandar a febre. Na verdade, pouco ou nada havia a fazer. Restava, sim, a Inácia e Maria Laura rezar e chorar na cabeceira da cama, enquanto Elvira amarelava e definhava.

Quando Olímpio, Lourenço e Juca chegaram, no início de julho, a mãe agonizava. Elvira reuniu suas últimas forças, recostou-se na cama, e abençoou os filhos. Depois pediu que todos se retirassem do quarto, queria ficar sozinha com Juca. Com um fio de voz, fez seu último pedido ao filho:

“– Juca, toma conta de Maria Laura.”

Naquela madrugada, Elvira partiu.

Maria Laura guardaria durante muitos anos a lembrança viva daquele dia e de uma dor imensa a lhe cortar o peito. Foi pequeno o cortejo que conduziu sua mãe, ape-

nas a família, os empregados, alguns parentes e uns poucos amigos. À frente, JP e os filhos conduziam o caixão. JP tinha o semblante muito carregado, mas seria impossível definir o sentimento que devassava aquela alma rude. Maria Laura seguia sozinha, em passos trêmulos, os olhos vermelhos e muito inchados, como se já houvesse esgotado toda a sua capacidade para sofrer a dor daquele momento.

O corpo de Elvira foi sepultado na fazenda, a poucos metros de uma corredeira que descia caprichosa da serra e se jogava no rio São Sebastião. Anoitecia, e um vento gelado percorria o vale. Por trás da serra, o céu foi-se tingindo de vermelho, como que ensangüentado.

Naquela madrugada, São Sebastião das Corredeiras foi castigada pela maior geada de que se tem notícia em toda a sua história.

As lavouras amanheceram queimadas pelo frio. E, dessa vez, a fazenda Santa Marta não foi poupada, como antes. Pelo contrário, ali a destruição foi quase total: JP amanheceu com o cafezal praticamente destruído.

O povo chegou mesmo a dizer que era Elvira a verdadeira santa e que, partindo, a fazenda ficara sem proteção. Sim, ela era a verdadeira santa milagreira. Maria Laura seria assim uma espécie de anjo, e santa era Elvira, a mulher que parira um anjo.

Mundico desceu de novo a serra. Na fazenda Santa Marta, durante longo tempo rezou junto à sepultura de Elvira. Depois procurou JP e outros fazendeiros e avisou das geadas. Mas não havia nada a fazer. Resignados, os fazendeiros se renderam aos caprichos maldosos da natureza.

Os prejuízos com as geadas mudaram os planos de JP. Olímpio e Lourenço voltaram para o Rio, mas Juca ficou na fazenda, com o pai.

Maria Laura era para JP um problema, ele não sabia o que fazer com a filha. Apesar dos apelos de Juca, de

uma coisa JP tinha certeza: sem Elvira, Maria Laura não podia continuar ali, na fazenda.

Em agosto, JP mandou a filha para o Internato das Irmãs Carmelitas, em Esmeraldina.

No final de agosto, a febre levou Samara, esposa de Francisco Brandão.

Na época, Francisco fazia fortuna depressa. A fazenda Serra Negra prosperava, e o pequeno empório que ele abria perto da Igrejinha já era o maior ponto de troca e venda do Arraial. Mais que isso, se a noite girava em torno da casa de Eurídice, o empório era o ponto obrigatório do dia, onde se encontravam os homens que ditavam os destinos de São Sebastião. Ali aconteciam os grandes negócios, ali eram tomadas as grandes decisões.

Cansada da vida na fazenda, Samara havia pedido a Francisco que construísse uma casa no Arraial. Então o povo de São Sebastião viu começar a surgir, no lote ao lado do empório, o maior e mais imponente sobrado da região. Casa como aquela, não havia outra em São Sebastião, ou até mesmo em Esmeraldina.

A construção chegava ao fim quando a febre levou Samara. Desiludido, Francisco mandou abandonar a obra.

Durante muitos anos, o casarão abandonado foi a lembrança da devastação e do sofrimento do povo de São Sebastião das Corredeiras, naquele trágico ano de 1931.

A febre deixou São Sebastião com as famílias mutiladas, umas sem o pai, outras sem a mãe, algumas sem o primogênito ou sem o caçula.

Por outro lado, a seca do início do ano e as geadas de julho deixaram as roças queimadas, o gado magro, e os fazendeiros mais pobres.

Um temor imenso pairava sobre o vale. A partida da Santinha aumentou os maus presságios.

Quando setembro chegou, trazendo a primavera, poucas eram as flores dispostas a se abrir.

O tempo é o senhor da razão. Só ele é o verdadeiro remédio, que cicatriza as feridas e cura os doentes. Só ele apaga as marcas da alegria e da dor de um povo. Até mesmo faz esquecer os mortos queridos...

Não foi diferente em São Sebastião das Corredeiras. Um novo ano chegou, mais ameno. Outros vieram, com boas chuvas. O gado engordou de novo, as lavouras recuperaram o viço. Nas fazendas, apenas as cruzeiras brancas de madeira lembravam as vítimas da febre.

E até mesmo de ouro e pedras preciosas se falou novamente, em São Sebastião das Corredeiras...

Quando Samara morreu, Djanira já era moça feita, e Pietra acabara de completar quinze anos.

Aos quinze anos, Pietra tinha corpo, rosto e jeito de mulher. Era loura, tinha os olhos verdes e herdara de Nena o corpo bem feito, a pele avermelhada e o sangue quente dos italianos.

Cresceu sabendo de sua condição de filha adotiva, sem contudo conhecer sua verdadeira origem. Mas a língua do povo é implacável e impiedosa, e não havia em São Sebastião uma pessoa sequer que não soubesse que a bela italianinha que Francisco Brandão criava em sua casa saíra dos escombros da casa de Eurídice.

Apesar disso, Francisco vinha fazendo fortuna, e não foi difícil arranjar para a filha um noivo. Quando Djanira fez dezesseis anos e Pietra ainda era uma meninota de doze, Francisco Brandão acertou o casamento das duas com Haroldo e Heraldo Mesquita, filhos gêmeos de Alonso. Os moços estavam fora, estudando, e ficou firmado que os dois casamentos aconteceriam tão logo eles se formassem e voltassem pra São Sebastião.

Antes que os planos de Francisco se concretizassem,

o inesperado aconteceu.

Falava-se novamente em ouro em São Sebastião. A palavra mágica atraiu aventureiros.

Por essa época, um acampamento de ciganos ficou alguns meses nos arredores do Arraial. Os ciganos não foram muito felizes no garimpo e começaram a fazer pequenos serviços nas fazendas, para levantar dinheiro suficiente para ir embora, tentar melhor sorte em outro lugar.

Foi assim que Francisco levou para a fazenda um jovem cigano de nome Igor, a princípio para amansar uns cavalos. Mas Igor foi ficando por ali, ajudando em outras tarefas e, cada vez mais, se aproximando do casarão.

Djanira notou a maneira como Igor e Pietra se olhavam e desconfiou que os dois se encontravam. Mas guardou para si suas desconfianças, temendo a reação do pai.

Quando os ciganos levantaram acampamento, Pietra partiu com eles. Deixou para a família um pequeno bilhete, mal escrito, num português sofrível, pedindo perdão ao pai e falando de seu grande amor pelo ciganinho.

Francisco Brandão não mediu esforços e mandou diversas comitivas para tentar achar os ciganos e trazer Pietra de volta. JP emprestou seus homens, para ajudar na busca.

Todas as tentativas foram em vão. Quando os ciganos foram encontrados, Pietra e Igor já não estavam mais com eles. Tinham-se desgarrado do acampamento, e ninguém tinha notícias deles.

Francisco Brandão nunca mais veria Pietra.

O acontecimento reviveu na memória do povo as origens de Pietra. E o povo se esbaldou em comentários maldosos. O que se poderia esperar de uma moça que tinha nas veias o sangue ruim de uma mulher de vida fácil? Mesmo criada com todo zelo, a qualquer momento,

ela não negaria a raça. E dessa vez não foi possível impedir que o segredo tão bem guardado por Francisco e Samara chegasse ao casarão da Fazenda Serra Negra.

A insensatez de Pietra abalou até mesmo as relações entre Francisco Brandão e Alonso Mesquita. Dada a gravidade do caso, Alonso achou por bem cancelar por completo o compromisso, inclusive no que dizia respeito ao casamento de Djanira.

Mil vezes Djanira amaldiçoou aquela irmã de criação, cuja irresponsabilidade jogava lama em toda a família e lhe atrapalhava o casamento; por sua culpa, estava praticamente condenada ao celibato. Djanira tinha quase vinte anos, sabia-se sem muitos atrativos e sentia-se velha demais para arranjar outro noivo.

Capítulo 4

Mulher não tem querer

Somente em 1936, JP consentiu que Maria Laura voltasse à São Sebastião. Durante aqueles longos anos, as visitas periódicas de Juca foram o único elo com a família e com o passado.

Os primeiros anos no Internato foram de angústia e sofrimento. A separação de sua mãe ainda machucava, seria uma dor difícil de ser superada. Maria Laura viveu durante muitos anos uma dolorosa sensação de perda. Perdera Elvira e, sem ela, ficara completamente sozinha e desamparada. Exilada no Internato, perdera também sua casa, a fazenda, a velha Inácia e o povo que a chamava de Santinha. À luz dos conhecimentos religiosos do Internato, perderia também

aquela essência interior que até então norteara a sua vida: o dom de benzer. Naquela época, a Igreja Católica considerava que as bênçãos eram atributos únicos dos santos e condenava violentamente qualquer procedimento dessa natureza.

Maria Laura passou por crises profundas de depressão. Tinha dificuldades em se entrosar com as outras internas. Estranhava a cama, a comida e a austeridade da vida dentro do pavilhão imenso, de paredes brancas, frias e vazias. No difícil instante de deixar de ser menina para ser mulher, seu corpo e sua mente eram um turbilhão imenso de sentimentos e emoções, que, por vezes, a derrubavam no mais profundo e negro dos abismos.

Somente o tempo pôde aplacar seus sentimentos. Restava-lhe aceitar o destino, e Maria Laura acostumou-se à vida quieta e meditativa do Internato e se apegou aos estudos e à oração. Destacou-se entre as demais e tornou-se conhecida pelo seu brilhantismo nos estudos e estimada pela singeleza de seu comportamento. Aos dezoito anos, decidiu seguir carreira religiosa.

Faltavam alguns meses apenas para Maria Laura prestar os votos de castidade e pobreza, quando Juca trouxe a notícia: Lourenço ia-se casar. Com Djanira, filha de Francisco Brandão. O casamento fora acertado entre JP e o pai da noiva, e seria realizado no mês de maio. Juca viera a Esmeraldina trazer a notícia e também um pedido de Inácia: queria ver a sua Santinha. Os anos, finalmente, haviam pesado para Inácia. Já velha e doente, queria ver sua menina, antes de partir para sempre. Com a permissão da madre superiora e o consentimento de JP, Maria Laura voltou. Ficaria apenas o suficiente para assistir ao casamento do irmão e rever a sua Inácia.

Quando Maria Laura desceu na estação, de braços dados com Juca, as pessoas se perguntaram quem seria aquela moça. E então o povo de São Sebastião se assustou ao ver que a adolescente magricela e desajeitada, que partira há tantos anos, se transformara numa bela mulher.

Os cabelos castanhos, presos numa trança grossa, os olhos grandes, a boca carnuda e bem desenhada. A sobriedade das roupas e do penteado só faziam realçar sua beleza. E o povo parou para ver a Santinha passar pela praça...

Maria Laura encontrou a família envolvida em sérios problemas financeiros. Desde a morte de Elvira, quando as geadas destruíram a maior parte do cafezal, a fazenda Santa Marta entrara em decadência. JP, a princípio, parecia não querer enxergar a sua própria realidade. No Rio, Olímpio e Lourenço continuaram vivendo com todo luxo e conforto, deixando nos bares e cabarés da cidade o que restava do café e do ouro da família. O próprio João Pedro continuou vivendo a ilusão de ser o mais rico e mais poderoso fazendeiro do Arraial, sempre acreditando que a colheita do próximo ano seria farta, e tudo voltaria a ser o que era e o que deveria ser.

Quando finalmente Olímpio e Lourenço terminaram os estudos, JP não tinha mais meios para custear-lhes a vida na Capital. Acostumados ao luxo e à vida farta, os dois não eram capazes de sobreviver por sua própria conta. Devidamente diplomados, voltaram para São Sebastião e ali permaneceram, compartilhando com JP a ilusão de riqueza e poder do passado, incapazes de encarar a vida e seus próprios destinos.

Toda essa ilusão foi mantida à custa de dinheiro tomado emprestado, principalmente com Francisco Brandão. Com o passar do tempo, as dívidas se avolumaram e começaram a comprometer cada palmo de terra da fazenda. JP não perdeu a pose, mas perdeu o crédito e o poder na Cidade.

Finalmente, em 1936, sem meios para sequer começar a pagar as dívidas, a fazenda Santa Marta estava praticamente nas mãos de Francisco Brandão. O casamento de Lourenço e Djanira, providencialmente arquitetado pela mente brilhante do D. Olímpio, amenizava, mas não resolvia o problema.

Maria Laura era filha da família mais tradicional do Arraial. Recebera uma educação esmerada, tanto de Elvira, quanto das irmãs Carmelitas. Era das moças mais cultas e prendadas de São Sebastião: sabia do português ao tricô, do latim à costura, do francês ao bordado, da cozinha ao piano.

Mas, acima de tudo era jovem e muito, muito bonita. E foi isso o que chamou a atenção de Francisco Brandão.

Desde o primeiro instante em que a viu, no casamento de Lourenço e Djanira, sentiu-se completamente atraído pela Santinha.

Como as famílias agora estavam oficialmente ligadas, não foi difícil para Francisco se aproximar de Maria Laura. Assim, naquele inverno, suas visitas ao casarão da fazenda Santa Marta tornaram-se freqüentes, até mesmo diárias.

Chegava sempre à mesma hora, depois do jantar. Apeava do cavalo e subia os degraus da varanda, com passo decidido.

Na varanda, JP e os filhos se reuniam depois do jantar. Fumavam cigarro de palha e bebiam licor de jenipapo.

Maria Laura normalmente não participava dessa roda, mas, a partir de então, Francisco sempre dava um jeito para que ela fosse chamada, nem que fosse por alguns minutos.

Francisco Brandão era um homem falante e carismático. Contava casos curiosos sobre coisas e pessoas do Arraial... Mas também sabia falar de coisas do resto do mundo, como se por ele houvesse viajado... Falava da vida com uma sensibilidade e uma poesia que Maria Laura nunca vira nos homens com quem convivia, que eram o pai e os irmãos. Sua presença tornou-se tão agradável, que Maria Laura às vezes sentia-se confusa.

Com a ingenuidade de quem ainda não conhecia o

amor, Maria Laura não pôde perceber claramente as intenções de Francisco. Mas, com a sagacidade natural das fêmeas, percebeu, sem entender, os olhares cheios de desejo que aquele homem lhe dirigia.

Na calada da noite, JP e os filhos conspiraram, percebendo que estava ali, bem perto deles, a solução dos problemas financeiros da família.

Finalmente, numa manhã fria, no final do mês de julho, JP chamou a filha:

– O Francisco Brandão esteve aqui ontem, Santinha.
– JP falava pausada, mas firmemente, como quem vai proferir uma sentença – Como você já sabe, ele está viúvo há muitos anos, precisa se casar de novo. Ele pediu a sua mão em casamento. Eu consenti. Disse a ele que faço muito gosto... e seus irmãos são da mesma opinião.

– Casar?!! – Maria Laura era toda espanto – Mas eu não quero me casar, meu pai. Nem com o Sr. Francisco Brandão, nem com ninguém. Eu quero voltar para o Colégio e seguir carreira religiosa, meu pai... quero servir a Deus...

JP não teve paciência para ouvir os argumentos da filha.

– Você vai servir a seu marido, Santinha. Vai dar filhos a ele. Vai cuidar da casa, dos filhos...

– Mas, meu pai, o senhor não me entendeu... Eu estou prestes a fazer os votos de castidade e pobreza. É uma missão, meu pai, uma missão que me espera... Eu quero me tornar uma religiosa...

– Vossa mãe, Maria Laura, quando a criou, parece que se esqueceu de lhe ensinar que mulher não tem querer.

Assim dizendo, JP levantou-se, deu as costas e saiu pisando duro, arrastando o pé esmigalhado, sem olhar para trás, certo de que as ordens estavam dadas e que seriam cumpridas.

“Se esqueceu de lhe ensinar que mulher não tem

querer...” “mulher não tem querer...” Durante anos, muitos anos, essa frase ressoaria pragmática aos ouvidos de Maria Laura.

Todas as vezes que JP falava de Elvira, sua voz vinha carregada de rancor. Rancor: era esse o sentimento que Maria Laura vivenciara no casamento dos pais. E rancor era tudo que Maria Laura sabia sobre o casamento, de um modo em geral.

Mas a maior decepção de Maria Laura não foi o autoritarismo do pai. Não foi saber que Olímpio e Lourenço conspiravam secretamente para que o casamento se realizasse. A maior decepção de Maria Laura foi quando procurou Juca, na busca desesperada de apoio. Encontrou o irmão acuado, desesperado com a situação financeira da família. Seus olhos como que imploravam a Maria Laura que não lhe pedisse ajuda, que se casasse com Francisco Brandão e que salvasse a fazenda Santa Marta... Juca, principalmente Juca, dependia da terra...

Capítulo 5

Um homem desvirginou a Santinha

O casamento de Francisco Brandão e Maria Laura foi marcado para o final de novembro, tempo necessário para que Francisco Brandão retomasse e concluísse as obras do casarão, abandonado desde a morte de Samara.

JP não permitiu que Maria Laura voltasse ao Colégio. Na fazenda, com paciência de monge e submissão de escrava, Maria Laura costurou e bordou cada peça de seu enxoval.

Quando a notícia da presença da Santinha se espalhou pelo vale, a romaria recomeçou. A despeito de sua família e de todos os ensinamentos do Internato, Maria

Laura não pôde resistir aos apelos de seu povo... que iam ao encontro dos apelos de seu próprio coração. Do Arraial e das fazendas, adultos, velhos e crianças, doentes do corpo e da alma, sofredores dos mais diferentes males, vinham buscar alívio para suas dores. Inácia orientava os colonos, e os colonos orientavam os romeiros, que viessem sempre à tarde, quando JP estava na roça. Assim, a cumplicidade dos empregados permitiu que, durante algum tempo, Maria Laura estivesse junto de seu povo, daquele povo que tanto esperava dela, cumprindo aquela que julgava ser a sua missão.

Não demorou muito, porém, para que o pai e os irmãos descobrissem aquele segredo, compartilhado por tantos.

Certa tarde, Dr. Olímpio apareceu por acaso na fazenda. Aos pés da Virgem Santíssima, Maria Laura rezava, ao mesmo tempo em que banhava com ervas uma criança recém-nascida. O menino tinha o mal de sete dias e se consumia numa febre voraz.

Olímpio não permitiu que Maria Laura completasse suas orações:

– Você desonra a casa de meu pai, com estas bruxarias, minha irmã... E quanto à senhora, se seu filho está doente, que procure um médico, que este banho de ervas só pode acabar de matá-lo.

Num acesso de raiva, expulsou a mulher da varanda e ordenou a Maria Laura que fosse para o quarto e que de lá só saísse no dia de seu casamento, ou para receber as visitas de seu noivo.

Através dos empregados, Francisco Brandão soube do acontecido. Naquela mesma noite, foi à fazenda Santa Marta. Indignado, conversou a sós com JP. Não podia admitir que sua noiva ficasse prisioneira dentro de sua própria casa. Exigia, ainda, que Olímpio se desculpasse com a irmã e queria a palavra de JP que Maria Laura seria respeitada e bem tratada pelo pai e pelos irmãos.

A reação do noivo surpreendeu a todos. Na presença

do pai, dos irmãos e de Francisco Brandão, Olímpio pediu desculpas a Maria Laura. Mas não conseguiria jamais esquecer aquela humilhação. E durante anos não apagaria de seu coração o ódio que, naquela noite, sentiu por Francisco Brandão.

No dia seguinte, Maria Laura desmontou o altar da varanda. Guardou com carinho a imagem da Virgem Santíssima. Sentia-se profundamente grata a Francisco Brandão, mas não recebeu mais ninguém e só saiu de sua casa alguns meses depois, no dia de seu casamento.

Teve notícias, porém, de que o recém-nascido havia sobrevivido. Chamava-se Salazar.

Não se tinha notícia, em São Sebastião das Corredeiras, de outra seca como aquela. Há meses não se via sinal de chuva. O leito do rio São Sebastião baixara pela metade, suas margens secas e rachadas lembravam os pés imensos e maltratados de Mundico da Grotta. Na serra, muitas corredeiras haviam secado. As lavouras suplicavam por água, e, nos pastos, ralos, o gado definhava. O capim estalava. O ar estava tão seco e poeirento que feria e ressecava a garganta das pessoas. Os olhos ardiam. As crianças botavam sangue pelo nariz e tinham febre sem motivo.

Os homens tentavam salvar suas roças, mas não havia muito o que fazer. As mulheres se reuniam em novenas, pedindo chuva. A lembrança da seca e da febre de 1931 assombrava os mais velhos.

Dois dias antes do casamento de Maria Laura e Francisco Brandão, Mundico da Grotta desceu a serra. Trazia alguma caça, que, desta vez, não queria trocar por querosene. Queria “moeda de branco”. Depois de barganhar com um e outro fazendeiro, conseguiu alguns tostões, dinheiro suficiente para levá-lo pela primeira e última vez até um pequeno bazar, onde se podia comprar alguma louça, perfumes, fitas e outros mimos.

Mundico não teve a audácia de entrar. Foi atendido

na porta e escolheu uma licoreira de vidro cor-de-rosa com quatro tacinhas. Recomendou que fizessem um belo embrulho de presente.

O chapéu de palha numa mão, a caixa na outra, Mundico bateu à porta do casarão da Fazenda Santa Marta e pediu que chamassem a Santinha.

Entregou-lhe o presente, com meia dúzia de palavras:

“– A Santinha tá duma belezura sem igual... – emocionou-se diante daquela beleza pura de mulher – tá mais bonita que o pôr-do-sol... Mas o véio num veio falá disso. O véio veio dizê pra Sinhazinha pra abri seu coração. Confiá nos deuses... As estradas do destino são cheia de muita surpresa... Mas os deuses num dorme, Sinhá... os deuses num dorme...”

Maria Laura se emocionou ao ver aquele velho homem, figura lendária de sua infância. Quanta ternura nos olhos e nas palavras de Mundico...

Guardou com carinho o presente. E guardou na memória, para sempre, aquelas palavras.

“Os deuses não dormem...”

Era costume, na época, que os casamentos de gente de posses se realizassem pela manhã, seguidos por um almoço. Mas Maria Laura quis que seu casamento se realizasse às seis horas da tarde, hora da Ave-Maria. Depois da atitude radical de Francisco Brandão, as “maluquices da Santinha” eram respeitadas pela família.

E a cerimônia foi marcada para o dia 26 de novembro de 1936, às seis horas da tarde.

O dia ameaçava entrar noite adentro. Enquanto a lua cheia ia surgindo por trás da serra, no poente o sol resistia, como se quisesse presenciar a cerimônia.

E foi assim que Francisco Brandão e Maria Laura se uniram: com o sol e a lua brilhando juntos, num céu

completamente sem nuvens, respingado pelas primeiras estrelas.

Depois da cerimônia, Francisco recebeu os parentes e uns poucos amigos no casarão. Beberam vinho e comeram queijo suíço, mas cedo os convidados se retiraram.

Quando ficaram sozinhos, Francisco foi até o escritório. De lá voltou com uma caixinha preta, de veludo, amarrada por um laço de cetim vermelho. Na outra mão, trazia um ramalhete de rosas brancas, as mais belas e inexplicáveis que Maria Laura já vira em toda a sua vida.

– São lindas, muito lindas... Mas como o senhor conseguiu rosas tão viçosas, em meio a toda esta seca?

– Eu também faço meus milagres, minha Santinha... – e Francisco sorria – Inácia me disse que são suas flores prediletas... Mas eu não quero que você me chame de senhor... Estamos casados e depois estamos sozinhos... me chame de você.

– Mas, senhor, isso não é o usual... E o que dirão os outros? Pensarão que lhe falto com o respeito...

– Sabe, Maria Laura, eu não me preocupo muito com os outros... Com o tempo, você vai me conhecer melhor...

Maria Laura olhava Francisco envergonhada. Por trás daquele sorriso largo, viu, naquele que era agora o seu marido, um homem bonito e atraente. E aquela beleza masculina, nunca antes reparada, a perturbava.

– Espero que você goste disto também.

E Francisco entregou-lhe a caixinha preta de veludo. Dentro dela, um colar e um par de brincos, de ouro e água marinha.

– Obrigada. Eu nem mesmo sei o que dizer...

Nesta hora Francisco já estava perto demais de sua mulher. Colocou sua mão rude sobre os lábios delicados de Maria Laura, como para impedir que ela falasse qualquer

outra palavra e quebrasse a magia daquele momento. Com a delicadeza e a sensualidade que lhe eram peculiares, colocou na esposa os brincos e o colar. Maria Laura sentia aquele corpo junto ao seu, aquele coração batendo forte junto ao seu. Não sentia desejo, mas tinha o ímpeto de se jogar nos seus braços, para ser envolvida por um abraço quente e protetor.

Francisco pegou Maria Laura pela mão e levou-a para o quarto. Embora não estivesse preparada para o amor, Maria Laura se entregou àquele homem sem qualquer receio, serena e confiante.

O fogo começou por volta das duas horas da madrugada, em um velho galpão, perto da praça principal. Em poucos minutos, avançou na direção da igreja, e, após um breve intervalo de tempo, toda a estrutura de madeira estava ardendo. Não satisfeito, foi crescendo, espalhado pelo vento. Labaredas enormes lambeiram as casas mais próximas. Com fúria insaciável, espalhou-se pelo Arraial. Em menos de uma hora, metade do pequeno Arraial de São Sebastião das Corredeiras ardia em chamas, e, nas ruas, atônito, o povo acreditava estar vendo o inferno.

O fogo, tão repentino, na calada da noite, encurralou algumas pessoas em suas casas. Velhos e crianças foram surpreendidos pela fumaça e pelas chamas. O desespero fez com que pulassem pelas janelas, tentassem atravessar as portas lambidas pelas labaredas.

– A Santinha foi desvirginada, e Deus mandou o castigo! – Foi essa a explicação que o povo encontrou para aquela tragédia!

Mas foi o próprio Francisco Brandão quem desceu do casarão, em sua noite de núpcias, e começou a comandar uma operação de emergência para combater o fogo. Mandou buscar ajuda nas fazendas vizinhas e, madrugada adentro, sob a luz da lua e das chamas, tentavam apagar o incêndio, com latas d'água trazidas do rio.

Como não havia um hospital, Francisco Brandão levou os feridos para o casarão e os entregou aos cuidados de Maria Laura e das outras mulheres. Olímpio foi chamado, e o médico e a irmã esqueceram suas diferenças e passaram a madrugada lado a lado, cuidando dos feridos.

Antes que amanhecesse, os moradores, exaustos, estavam prestes a desistir. Era impossível vencer o fogo. Quando julgavam que ele estava apagado em uma direção, o vento soprava e reacendia uma fagulha.

– É o fim do mundo – gritou alguém.

– É a danação.

– É um castigo! Gritou um outro.

– Sim, é um castigo dos céus! Porque um homem desvirginou a Santinha!

– Pois vamos deixar que o fogo varra todo o vale, pra queimar o pecado!

Foi quando surgiu Mundico da Grotta, atraído pelo clarão. Como um profeta, dirigiu-se ao povo, reunido na praça:

– Vosmecê deve continuar lutando... Todos junto, unindo as forças... E é bom que vosmecê fiquem sabendo que nada disto está acontecendo por causa do casamento da Santinha. O fogo veio pra testar vosmecê... Só os homens de força merece morá neste vale... Mas os deuses vão ter piedade de vosmecê. Quando o dia amanhecer, as nuvens de fumaça vão virar nuvens de água, e a chuva vai chegar. Mas até lá vosmecê têm que continuar lutando, senão esse fogo maldito vai varrer todo o arraial. E aí num vai sobrar pedra sobre pedra, pra dizer que aqui um dia, neste lugar, viveu um fio de Deus.

Animados pela profecia de Mundico, cada um reuniu as forças que lhe restava, para continuar lutando contra o fogo. Ignorando as blasfêmias, Francisco Brandão continuou a comandar, incansável, aqueles homens.

Ao amanhecer, por trás das nuvens de fumaça, nuvens carregadas apareceram no céu. E a profecia de

Mundico se cumpriu: uma chuva mansa banhou o vale.

Os tempos que se seguiram foram muito difíceis. Pela segunda vez, em sua história, o Arraial de São Sebastião das Corredeiras exigia de seu povo o sacrifício da reconstrução.

Para o fogo, aquelas pessoas humildes só encontravam uma explicação:

– Foi castigo! Foi castigo dos céus porque um homem desvirginou a Santinha!

Alheios às maledicências, Maria Laura cuidou dos doentes, até que a última ferida cicatrizasse, e Francisco Brandão abriu as portas de seu empório, para que o povo não passasse fome.

Na noite do casamento, Maria Laura havia colocado as rosas brancas que Francisco lhe dera em seu oratório, ao pé da Virgem Santíssima. Ocupada com os feridos, não lhes prestou muita atenção. Alguns dias depois, fazendo suas orações, observou as rosas: uma semana se passara, e elas continuavam frescas e viçosas, como se tivessem sido colhidas naquela hora.

Francisco comandou pessoalmente a reconstrução do Arraial. Foram tempos difíceis, de muito trabalho. Maria Laura foi incansável, ao lado do marido. À noite, exausta, às vezes se esquecia de suas orações. Mas as rosas brancas lá estavam, ao pé da Virgem Santíssima. Semanas haviam-se passado, e elas continuavam frescas e viçosas, como se tivessem sido colhidas naquela hora...

Sobre as cinzas da Igrejinha, Francisco Brandão mandou construir um novo templo, com tal luxo e esplendor, que a milhas não se via outro igual. A primeira missa foi rezada em setembro de 1937, quase um ano depois do in-

cêndio, e Maria Laura enfeitou, com suas rosas brancas, o altar de Nossa Senhora. Meses haviam-se passado, e elas continuavam frescas e viçosas, como se tivessem sido colhidas naquela hora...

SEGUNDA PARTE

A Força do Coração

Capítulo 6

As rosas continuaram frescas e viçosas

Houve uma época na vida de Maria Laura em que os anos passaram depressa, e a vida foi mais feliz do que ela jamais ousara desejar.

Francisco Brandão revelou-se um marido carinhoso e gentil. Era uma pessoa especial, diferente de todos os homens com quem Maria Laura havia convivido. Sabia usar as palavras, tinha o sorriso largo e contagiante: ao seu redor, as coisas ganhavam um colorido especial.

Gostava da mesa farta e requintada e da casa cheia de gente. Por qualquer motivo, assavam leitoas e cozinhavam cabritos, abriam garrações de vinho e os parentes e amigos se reuniam em volta daquela mesa, onde nunca faltaram queijos suíços, vinhos portugueses e outras iguarias vindas de longe. Francisco apreciava o requinte: as toalhas eram de linho branco, a porcelana, inglesa, e os castiçais, de prata norueguesa. Era impressionante como um homem rude, um fazendeiro, sem estudos, morando num vale esquecido do resto do mundo, fosse capaz de tantas sutilezas.

Maria Laura comandava a vida do casarão com a mesma perfeição com que, um dia, D. Elvira havia comandado a vida no casarão da Fazenda Santa Marta. Dava ordens na cozinha, inspecionava a limpeza dos quartos e das salas e, muitas vezes, ela mesma ajudava a cuidar do jardim, da horta e do pomar. Tudo com tanta dedicação e naturalidade, como uma mulher verdadeiramente nascida e criada para o lar.

Assim, as janelas do casarão de Maria Laura e

Francisco Brandão viviam abertas; o jardim vivia florido; o pomar, no fundo da casa, carregado de frutas. Tudo era fértil e feliz...

Juca morava com JP, na fazenda Santa Marta, mas era presença constante na casa da irmã, e, se não resgataram a cumplicidade da infância, criaram laços fortes.

JP vinha sempre aos domingos. Almoçava, trovejava na varanda o seu vozeirão, depois partia. Durante anos, conservou por Francisco Brandão a mesma amizade sincera de outros tempos. Quanto à filha, era agora tratada com respeito, embora permanecesse uma certa indiferença. O que, ainda assim, era bastante para Maria Laura.

Aos domingos, toda a família se reunia naquele casarão, onde era traçado o destino do Arraial de São Sebastião das Corredeiras. Juntos, Francisco Brandão, o sogro e os cunhados detinham o poder político e econômico do lugarejo. São Sebastião se desenvolvia numa velocidade espantosa, e, em 1939, o Arraial passou a Cidade, e Lourenço foi seu primeiro prefeito.

À noite, depois do amor, Maria Laura fazia suas orações. No oratório, aos pés da Virgem Santíssima, ainda floresciaam aquelas rosas brancas. Um ano se passara, outros tantos passariam, e, aos pés da Virgem Maria, as rosas continuariam frescas e viçosas, como se tivessem sido colhidas naquela hora...

Nos primeiros tempos de casada, o ato do amor foi para Maria Laura apenas mais uma obrigação do casamento. Que ela cumpria com a mesma dedicação com que cuidava da casa.

Mas Francisco Brandão era um homem muito especial. Não havia coração de mulher capaz de resistir a tantos mimos...

Depois de algum tempo, Maria Laura surpreendeu-se, assim, completamente apaixonada pelo marido ...

Maria Laura nunca se despira completamente para o amor. Usava sempre camisolas de cambraia de linho, levemente transparentes, que apenas insinuavam suas belas formas. Certa noite, algum tempo depois de casados, Francisco surpreendeu-a com um pedido: que tirasse aquela camisola. Não era uma ordem, era um pedido. Ordens eram bem mais fáceis para Maria Laura, deviam ser cumpridas. Pedidos lhe davam a difícil oportunidade da escolha.

Mas Maria Laura atendeu ao pedido do marido. E quando as mãos rudes de Francisco Brandão deslizaram sobre seu corpo nu, e os lábios úmidos tocaram seus seios, Maria Laura perdeu o controle de seu próprio corpo. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, sentiu-se dilacerar, uma inusitada sensação de culpa e de prazer. Um momento intenso e breve, um preciso segundo do mais profundo êxtase.

Naquela noite, Maria Laura conheceu verdadeiramente o amor...

Em 1937, o amor frutificou. Inácia já estava bem velhinha, parecia esperar apenas por este momento: com sua ajuda, Maria Laura deu à luz uma menina.

Na noite de seu casamento, quando o fogo ameaçava destruir São Sebastião, aos pés da Virgem Santíssima, Maria Laura havia feito uma promessa: se o casamento lhe trouxesse filhos, todos os meninos teriam o nome de José, todas as meninas, o nome de Maria.

A menina recebeu, então, o nome de Maria do Rosário.

Alguns meses depois, morreu Inácia. JP atendeu ao pedido da filha, e Inácia foi sepultada na Fazenda, ao lado de Elvira.

A segunda gravidez, em 1938, trouxe Maria Antonieta.

Maria Laura sabia que Francisco esperava ansioso pela chegada de um pequeno José... Evitava falar no assunto, mas Maria Laura sabia como o marido desejava ardentemente um filho homem, um herdeiro, um substituto. E o casarão ia-se enchendo de moças...

Francisco ria e dizia que continuariam tentando, até que Deus lhes mandasse o José Francisco...

O tempo passava, e, enquanto o casarão prometia se encher de crianças, para Lourenço e Djanira o amor não trouxe frutos.

Por outro lado, Juca e Olímpio continuavam solteiros. Os filhos e filhas de Maria Laura teriam o nome Monte Castro Brandão. Mais uma geração, e o sobrenome Monte Castro se perderia; os netos seriam apenas Brandão.

Dependia, portanto, de Juca e de Olímpio a preservação da estirpe do poderoso JP.

Juca era um homem bonito, e pelo menos meia dúzia de moças, das mais distintas famílias de São Sebastião, suspiravam por ele. Mas o tempo ia passando, e Juca não demonstrava intenção de assumir qualquer compromisso sério.

Era um homem do campo... e da boemia. Levantava-se antes do sol, passava o dia na lida na fazenda. E terminava suas noites na casa de Eurídice. Emendava às vezes o dia e a noite, com tamanho vigor, que não dava mostras de cansaço. Tinha saúde e vontade de ferro. E, “de ferro também parecia seu coração” – pensava Maria Laura, preocupada ao ver que os anos se passavam e Juca não arranjava uma companheira.

“– Enquanto Juca permanecer solteiro, estaremos mais unidos” – pensava Maria Laura – “Ele não tem outros

laços de família. Eu, Chico e as meninas somos a sua família.” – Maria Laura se assustava e repreendia a si mesma pelo egoísmo de seu pensamento. Mas o certo é que a amizade e a cumplicidade entre os dois irmãos aumentavam dia a dia, e Maria Laura sentia que estavam próximos de resgatar aquele forte sentimento que os unira na infância.

Maria Laura, porém, rompia os limites de seu amor e de seu egoísmo: “– Juca precisa se casar, ter uma esposa, filhos... Um homem não pode viver só! Todo homem precisa de um pedaço de terra e de uma mulher” – pensava – “para em ambas plantar suas sementes e assim escrever sua história...”

E Maria Laura procurava chamar a atenção do irmão para alguma moça da cidade. Elogiava a beleza de uma, a graça e a elegância de outra:

“– Juca, ontem vi, na Igreja, a Maria das Graças Ferreira. Mas que beleza de moça... Os cabelos muito pretos, o corpo muito bem feito... e tão piedosa...”

“– Como está bonita a filha caçula de Dona Bília... Como é mesmo o nome dela, Juca? Ah... lembrei-me... O nome dela é Goreti, Maria Goreti. Uma beleza de moça... Os olhos, parecem duas esmeraldas...”

“– Juca, você reparou como a Tininha Benevides está graciosa? Sempre muito bem vestida, muito elegante... E que educação... Fala fluentemente o francês e o latim...”

Juca ria da irmã... Sabia de sua preocupação com ele. Mas não seria de nenhuma daquelas moças, tão bonitas e tão prendadas, o seu selvagem coração.

Juca já passara dos trinta anos, e Maria Laura já desistia de ver o irmão casado, quando o inesperado aconteceu.

Numa festa em Esmeraldina, dia de Santo Expedito, padroeiro da cidade, Juca conheceu Berenice. Uma menina, não tinha mais que quinze anos. A pele muito clara, os

cabelos ruivos, em mechas grossas, saindo por baixo de um chapeuzinho lilás, os traços perfeitos, Berenice parecia uma pintura...

Filha de um modesto alfaiate do Rio de Janeiro, há dois anos Berenice ficara órfã de pai e mãe. Como não havia herança a dividir, os filhos do pobre casal foram divididos entre os parentes, e quis o destino que Berenice fosse mandada para tão longe, para viver na companhia de um tio paterno, que exercia em Esmeraldina a mesma profissão de seu falecido pai. Quis também o destino que, naquela tarde de abril, no meio da multidão que enchia a praça, os olhos de Juca encontrassem os seus. E o coração de ferro, indomável, que não tinha dona, disparou por aquele rostinho ingênuo e por aquele corpo, que não era mais de menina, e ainda não era de mulher.

Na semana seguinte, acompanhado de JP, Juca procurou o tio de Berenice. A menina ainda não estava prometida, e Juca era das mais distintas famílias da região, de forma que as coisas se resolveram muito rápido.

Marcaram logo o noivado e, antes de seis meses, estavam casados.

Olímpio e Lourenço censuraram a leviandade do irmão: apaixonar-se, em Esmeraldina, por uma órfã desconhecida, sem eira nem beira, sem dote!

“– Juca consegue ser mais insensato até mesmo que a pobre da Santinha!” – desabafou o Dr. Olímpio, numa roda de amigos...

Mas Juca não dependia de ninguém, muito menos da aprovação dos irmãos...

Maria Laura recebeu a cunhada de braços abertos e coração transbordando de ternura. Encantou-se com sua beleza e, aos pés de sua Virgem, rezou fevorosamente, para que Deus os cobrisse de bênçãos.

Observando Berenice, porém, Maria Laura temeu, secretamente, que aquela menina tão doce e delicada não

resistisse à dureza da vida na fazenda e às agruras de um matrimônio. Mas nem mesmo a Francisco, falou de seus temores...

Capítulo 7

Ter perdido alguma coisa, em algum lugar

Envolvida com a casa, com as filhas, com o marido e com as freqüentes festas e convidados, durante muitos anos a Santinha se esqueceu de seus milagres e, por vezes, até mesmo de suas orações.

Os pesadelos que ocuparam seu sono na infância e na adolescência e que haviam servido de sinal para tanta gente, em São Sebastião, deram lugar a um sono tranqüilo, sem sonhos, interrompido apenas pelo choro das filhas ou pelos carinhos de Francisco. Os presságios já não aconteciam mais, já não era tão intuitiva e vivia feliz, embora constantemente tivesse a impressão de ter perdido ou esquecido alguma coisa, em algum lugar.

Houve até quem comentasse, em São Sebastião, que a Santinha trocara sua missão pela vida mundana, e que “o castigo viria a cavalo”.

A conversa chegou ao casarão, e Maria Laura se afligiu:

“– Conversa de invejosos, minha Santinha” – Francisco procurou tranqüilizá-la – “a sua missão agora está dentro desta casa, minha Santa. Cuidar do seu velho e de nossas

filhas...”

Mas o povo não se calou:

“– O castigo virá” – diziam – “O castigo virá a cavalo.”

A cavalo chegou Getúlio Brandão, numa tarde de setembro, no ano de 1939. Aquele irmão que ninguém sabia que existia.

O passado e a família de Francisco Brandão eram mistérios esquecidos por todos. Francisco Brandão chegara em São Sebastião das Corredeiras por volta de 1912. Era apenas um rapazola, não tinha mais que dezessete anos. Puxava um burrinho, onde Samara vinha montada, já prestes a dar à luz. Um quadro que lembrava a Sagrada Família. Ninguém sabia de onde vinham e para onde iam, mas, naquela época, muitos eram os forasteiros que passavam por ali.

Trabalharam primeiro no garimpo, depois ficaram alguns tempos nas terras de Alonso Mesquita. Ninguém sabia dizer se Francisco fora feliz no garimpo, ou se juntara dinheiro trabalhando para o velho Alonso. O certo é que, em menos de dois anos, comprou um pedaço de terra e abriu um pequeno empório no Arraial, onde vendia secos, molhados e, principalmente, munición. Comprava, vendia, garimpava, plantava café, emprestava dinheiro a juros e, então, comprava mais terra. Rapidamente formou a fazenda Serra Negra, a segunda maior da região, que, em tamanho, só perdia para a Santa Marta.

Quando o povo de São Sebastião parou para prestar atenção naquele forasteiro, Francisco Brandão já era o homem mais rico do Arraial, e já não era mais um forasteiro. Criara raízes. Através do casamento com Maria Laura, herdou, de certa forma, a força do legendário JP. Tornou-se, então, o homem mais poderoso de São Sebastião das Corredeiras. E ninguém mais se lembrou de indagar sobre o seu passado, até aquela tarde de setembro, quando aquele homem alto e bem apessoado apeou de seu cavalo, em frente ao casarão, e se apresentou

como Getúlio Brandão, irmão caçula de Francisco Brandão.

Quando a criada avisou a Maria Laura que, lá fora, um homem se apresentava como irmão de seu marido, um arrepio percorreu-lhe a espinha. Inexplicavelmente sua vista se turvou, e, completamente tonta, sentiu como se o chão se abrisse sob seus pés. A moça fez com que a patroa se assentasse e correu a lhe buscar um copo d'água.

Maria Laura atribuiu o mal-estar à gravidez. Por essa época, esperava sua terceira criança. Recompôs-se e foi receber o cunhado, tentando puxar pela memória. Nas poucas vezes em que falara do passado, o marido contara de um irmão mais moço, de nome Getúlio, franzino e doente, por quem Francisco sentia uma imensa ternura, mas que julgava morto e enterrado.

O homem que esperava Maria Laura no alpendre nada tinha de franzino ou doente. Era vigoroso, transbordava saúde. Alto, musculoso, tinha a pele dourada, curtida de sol. Os olhos negros e grandes brilhavam de maneira enigmática, e era ainda mais falante e carismático que o próprio Francisco Brandão. Sem dúvida, pareciam-se muito fisicamente, mas Francisco estava mais velho, mais marcado pelo tempo. Aquele homem devia ter entre quarenta e quarenta e cinco anos, mas conservara bem o viço da juventude.

O estranho falou da viagem de muitos dias e demonstrou grande ansiedade em rever o irmão.

Francisco Brandão estava na roça. Maria Laura fez o moço entrar, serviu-lhe café e quitanda e mandou um mensageiro avisar o marido da visita.

Antes do anoitecer, Francisco Brandão chegou a galope. Apeou do cavalo e irrompeu casa adentro, como um furacão.

“– Surpreso, meu irmão?”

Francisco Brandão olhou atônito o homem que o

esperava. Maria Laura nunca vira o marido assim: Francisco estava pálido, suava frio, gaguejava...

“– Você... eu desconfiei que devia ser você... como... como você me descobriu aqui?”

“– Isso não importa. O que importa é que eu te achei, finalmente. Estamos juntos, novamente... meu irmão!”

“– O que você quer de mim, seu miserável...”

O forasteiro não deixou que Francisco completasse aquela palavra.

“– Calma, meu irmão, calma... O que é que a D. Santinha vai pensar de nossa família? ...”

Somente neste momento Francisco lembrou-se da presença da esposa. Acuado, num canto da sala, Maria Laura tentava entender o que se passava. Pensou que devia deixá-los sozinhos, mas, ao mesmo tempo, sentia que não devia sair daquela sala... Queria saber, afinal, o que se passava... Nunca vira o marido tão transtornado, e sentia que Francisco precisava de sua proteção.

Mas, atentando para a presença de Maria Laura, Francisco se conteve. Pediu à esposa que lhes buscasse um café. Quando Maria Laura voltou, minutos mais tarde, trazendo o café, encontrou os dois homens calados. Calados, tomaram o café, e Francisco levou o forasteiro para o cômodo de negócios. Por mais de hora conversaram, a portas fechadas.

Aos pés da Virgem Santíssima, Maria Laura rezou, como há muito não rezava. Um peso imenso lhe oprimia o peito, e, naquela noite, a Virgem não lhe sorriu... mas as rosas continuavam lá, frescas, viçosas, como se tivessem sido colhidas naquele dia...

Quando saíram do cômodo de negócios, quase duas horas depois, Francisco foi até a varanda dos fundos, que

dava para a cozinha, onde, tinha certeza, encontraria a esposa. Desde o início do casamento, sempre que estava preocupada ou aborrecida – ou, como dizia Francisco, “aperreada” – era no varandão que Maria Laura se refugiava.

Era uma varanda imensa, toda de pedra. Ficava nos fundos e se ligava à casa pela cozinha. Uma escadinha de quatro degraus levava ao terreiro e ao pomar. Bem junto da varanda, logo que se casaram, Francisco mandou plantar umas acácias, que já haviam crescido bastante e davam uma sombra agradável na varanda. Maria Laura enchera o parapeito de vasos de flores e, quando se aborrecia, na certa estava por ali, mexendo num gerânio, jogando água nas violetas, cutucando uma begônia...

Ali, Francisco encontrou a esposa, cuidando de suas plantinhas:

– Maria Laura, peça a Zizinha para preparar um quarto pro meu irmão... Ele vai ficar aqui esta noite! Aliás, por favor, veja você mesma, para que não falte nada a ele.

Nunca, em todos aqueles anos de casada, Francisco usara com Maria Laura aquele tom de voz... tão áspero, tão seco... ao mesmo tempo, tão dolorido...

– Francisco, aconteceu alguma coisa de errada? Está tudo bem? Ele trouxe notícias de seus pais?

A curiosidade e a estranheza de Maria Laura em relação aos últimos acontecimentos eram naturais. Francisco Brandão, porém, se esforçava para não se irritar com as perguntas da esposa. Estava demasiado tenso, no limite de seu controle.

– Maria Laura, por favor, faça o que lhe pedi.

Aquele não fora um pedido, fora uma ordem, e Maria Laura sabia muito bem reconhecer uma ordem, quando ouvia uma. A voz de Francisco soou a seus ouvidos como sempre lhe soara a voz de JP. E Maria Laura, prontamente, obedeceu.

Mais tarde, depois do jantar, Francisco pediu à esposa que lhes servisse um licor. Maria Laura se aproximava, com a bandeja nas mãos. Subitamente, o mal-estar que sentira à tarde se repetiu: sua vista se turvou, o mundo rodou à sua volta, como se fosse perder os sentidos. A bandeja lhe escapou das mãos e caiu no chão.

Francisco levantou-se rapidamente e amparou a esposa. Maria Laura recuperou-se em poucos minutos. Garantiu ao marido que não era nada, apenas um mal-estar passageiro.

Um pequeno tapete de linha, tecido há muitos anos por Elvira, amorteceu a queda da bandeja, e a licoreira e as tacinhas não se quebraram. Mas a tampa foi arremessada longe e espatifou-se.

Era uma licoreira cor-de-rosa, que Maria Laura apreciava muito. A licoreira cor-de-rosa, presente de Mundico da Grotá...

Na manhã seguinte, bem cedo, Francisco levou o forasteiro para a Fazenda Serra Negra. Por lá ficaram até o anoitecer. Nos dias que se seguiram, saíam sempre cedo, voltavam ao anoitecer, e, muitas vezes, Francisco não dizia aonde iam. Estava claro para Maria Laura que o marido a evitava, para não ter de falar sobre o constrangedor encontro com o irmão.

Alguns dias depois, Maria Laura sentiu as primeiras dores do parto. Ainda não era a hora certa, a criança se antecipava, e Dr. Olímpio sugeriu que a irmã fizesse um repouso rigoroso.

Por quinze dias, Maria Laura não saiu de seu quarto. Mas, diferente das outras vezes em que ficara doente, poucas foram as visitas do marido... não lhe levou flores, não passou algumas horas à sua cabeceira, como antes.

Maria Laura ressentia-se com a transformação de Francisco. Tinha certeza que essa brusca mudança estava

associada à chegada de Getúlio. Queria falar com o marido sobre o assunto, queria reclamar sua presença, seus carinhos... mas então se lembrava da maneira com que Francisco falara com ela, na noite da chegada do irmão. Aquele mesmo tom de voz de JP. A mesma entonação que JP usava quando conversava com sua mãe. Aquele mesmo tom com que, um dia, JP lhe dissera: “sua mãe se esqueceu de lhe ensinar que mulher não tem querer”. Então se intimidava, preferia ficar calada. Palavras podem machucar muito, e Maria Laura tinha muito medo de se machucar... De certa forma, tinha muito medo dos homens. Crescera com medo do pai e dos irmãos... de todos, menos de Juca. Com Francisco, aprendera a amar, sem temer... e agora o castelo desse amor parecia ruir devagarinho...

Getúlio nunca disse por que veio, nem quanto tempo ficaria. Simplesmente foi ficando por ali.

O forasteiro gostava de uma boa prosa, de música e sabia contagiar as pessoas ao seu redor. Tocava uma viola como ninguém. Estava sempre alegre e bem disposto. Sabia ser gentil, com velhos, adultos e crianças. As pessoas se acostumaram rapidamente com sua presença.

Getúlio foi bem recebido por JP, Olímpio e Lourenço, mas Maria Laura, por mais que se esforçasse, não conseguia lhe querer bem. Juca parecia compartilhar o sentimento da irmã e chegou a se afastar do casarão. Naquela época, Berenice ficou grávida, sentia sempre muitos enjôos e tonturas, e todos atribuíram a isso o seu afastamento.

Quanto a Francisco, Maria Laura nunca entendeu o que realmente se passava entre aqueles dois irmãos. Estava claro que a presença de Getúlio perturbava Francisco, que, por vezes, parecia se curvar aos desejos do irmão. Além disso, estava sempre mais tenso e irritado. Parece até, que depois de sua chegada, Francisco envelheceu...

Em janeiro de 1940, Maria Laura deu à luz sua terceira filha, Maria Carmelita. Maria Carmelita Monte Castro Brandão.

Naquele mesmo mês, comemoraram os sessenta anos de João Pedro. JP não sabia ao certo sua data de nascimento. Sabia apenas que era de janeiro de 1880. Então a família comemorava o seu aniversário no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade.

JP começava a dar os primeiros sinais de velhice. A saúde já não era mais a mesma. Tossia muito, começava a andar mais devagar, como se fosse difícil arrastar aquele velho corpo. Mas o principal sinal foi a voz. O vozeirão perdia força. O Monte Castro não trovejava mais.

Naquela mesma época, morreu Alonso Mesquita, e JP andou meio cismado, com idéias de morte e mania de doença.

Depois de algum tempo, Getúlio transitava com total liberdade no casarão, no empório e na fazenda. Talvez nem mesmo Francisco tenha-se dado conta, mas aquele homem foi-se infiltrando em suas vidas de uma forma voraz e irreversível.

Certa noite, Maria Carmelita chorou, e quando Maria Laura se levantou, o marido não estava na cama. Ouviu vozes na sala. Eram Francisco e Getúlio. Palavras entrecortadas chegavam ao quarto, e Maria Laura percebeu que eles discutiam. A certa altura da discussão, Francisco se alterou. Maria Laura ouviu várias vezes o nome Geraldo. Parecia-lhe que Francisco chamava o irmão por esse nome. De repente, foi a voz de Getúlio que sobressaiu. Acusava o outro. Falava que Francisco havia destruído a sua vida.

A nenenzinha estava inquieta; Maria Laura tentava em vão acalantar a filha, mas o choro tornou-se mais forte, e não foi possível ouvir o resto da discussão.

Em julho de 1940, nasceu a criança de Juca e Berenice. Um menino. Recebeu o nome de JP: João Pedro da Silva

O filho de Juca e Berenice nasceu doente. Muito doente. Sua cabecinha era imensa, completamente desproporcional ao corpo. Os membros eram moles, perninhas e bracinhos soltos, pareciam desconectados do corpo. Não chorava. Emitia gemidos, que cortavam o coração. Os olhinhos se abriam, em busca de luz, e ficavam fixos, por longo tempo, num ponto qualquer do espaço, mas parecia que não enxergava o mundo exterior. Devia olhar para si mesmo... ou talvez enxergasse as estrelas, os anjos, o cosmos... Em alguns momentos sua boquinha se retorcia, como se esboçasse um sorriso. E Maria Laura acreditava que, naqueles momentos, ele enxergava o menino Jesus...

No primeiro momento, Juca se recusou a enxergar Pedrinho como ele realmente era. Mas, com o passar do tempo, a realidade tornou-se tão evidente, que não foi mais possível evitá-la. Foi grande a dor de Juca. Sonhos se desmoronaram, e ele sentiu-se pequeno e limitado demais... incapaz de gerar um filho perfeito, à sua imagem e semelhança.

Maria Laura sofreu com o irmão. Algumas vezes, se revoltava com sua sina. Juca era um homem forte, jovem, bonito. Berenice também era jovem e bela. E ambos eram saudáveis, como os cabritinhos que pulavam nos campos. Por que capricho dos deuses não poderiam eles gerar um filho perfeito? Mas o tempo passava, e todas as perguntas ficavam sem resposta. Restava a Maria Laura estar ao lado do irmão, sofrer solidariamente com ele.

Logo após o parto, pressentindo a realidade, Berenice sucumbiu sob o peso de sua própria sina. Caiu em profunda depressão. Dormiu dias e noites seguidos, como se quisesse fugir deste mundo e habitar apenas o mundo de suas fantasias. Quando finalmente acordou, passou dias sem se levantar. Não se interessava por nada, não conversava, mal dava sinal de vida. Comia se lhe dessem

de comer. Bebia se lhe dessem de beber e, algumas vezes, fazia nas roupas e na cama as suas necessidades. Não perguntava por Juca ou por qualquer outra pessoa. Nunca perguntou pela criança, como se jamais tivera um filho.

Juca levou Berenice a um médico famoso, em Esmeraldina. E o doutor falou que ela padecia de um mal raro e incurável, que acometia as mulheres logo após o parto, e que, na medicina, era conhecido como “psicose pós-parto”.

Depois de algum tempo, Berenice deu alguns sinais de melhora. Saía do quarto, andava pela casa. Às vezes ia até o jardim. E então, brincava de bonecas. Brincava de bonecas como brincam as meninas. Na verdade, Berenice tinha, nessa época, dezesseis anos... era pouco mais que uma menina. Dia após dia, interessava-se mais e mais pelas bonecas e delas criou seu próprio mundo. Enfim, saiu do negro abismo da depressão, para mergulhar em um colorido e traiçoeiro abismo de sonhos, bonecas e fantasias, que habitaria pelo resto de sua vida.

Maria Laura sentiu que, mais do que nunca, Juca precisava dela. Em todos os momentos, esteve a seu lado.

Cuidou do sobrinho com todo o amor de seu coração. Viu aquele corpinho crescer, bem alimentado, limpo e bem cuidado, mas nunca obteve do pequenino qualquer sinal de entendimento.

– Não é um menino – pensava Maria Laura – é um anjo! Um anjo frágil e pequenino, que fugiu do céu num dia de descuido...

E se dividia entre os cuidados com o sobrinho, com Berenice e com as próprias filhas. Envolvida com tantas tarefas, os dias passaram rápido. Ficava mais tempo na fazenda Santa Marta que em sua própria casa. Francisco se ressentia com a ausência da esposa, mas jamais reclamou. Sabia que Maria Laura, de certa forma, desejava fugir da incômoda presença de seu pretenso irmão.

Maria Laura não podia ficar indefinidamente na Fazenda. Afinal, tinha sua casa, seu marido e suas filhas

para cuidar. Pensando assim, Juca saiu a procurar uma mulher que pudesse dirigir aquela casa, dar as ordens às empregadas, cuidar de Berenice e de Pedrinho. Alguém sugeriu Irene, viúva de Isaltino.

Não houvera em Santa Marta, e não haveria nunca, nem ali nem em qualquer outra fazenda, outro homem como Isaltino.

Isaltino era um homenzarrão de quase dois metros de altura e mais de cem quilos de músculos socados e vigorosos. Era moreno claro, tinha o cabelo meio pichaim e dois olhinhos miúdos, cravados no rosto imenso, que lhe davam um ar ingênuo, meio abestalhado. Mas aqueles olhinhos miúdos eram como olhos de águia. De longe avistava e distinguia o perigo. Tinha faro de lince, era forte como um touro, astuto como uma raposa velha e fiel como um perdigueiro. Tinha uma grande intimidade com as coisas da terra e com os animais e uma agilidade na mata comparada até mesmo à de Mundico da Grota.

Era sempre chamado para as tarefas mais difíceis e perigosas da fazenda, e, não raro, pediam sua ajuda nas fazendas vizinhas. E nunca decepcionara quem precisava de sua força ou de sua esperteza.

Naquele corpanzil que não conhecia limites morava um coração de menino, fiel, ingênuo, brincalhão.

E esse homenzarrão tombou como um passarinho, numa tarde de verão, mortalmente picado, não por uma cobra, que ele tinha um domínio completo dos animais peçonhentos, mas simplesmente por abelhas. Deixou três filhos, dois meninos e uma menina, e uma viúva jovem e faceira.

Isaltino agonizou nos braços de Juca e a ele fez seu último pedido:

“– Num deixa a Irene desvalida, sinhozinho. Cuida dela e dos meus fios...”

Irene e os filhos continuaram na fazenda, numa casinha perto da sede. Juca cuidava para que o último desejo de Isaltino fosse satisfeito e nada lhes faltasse.

Irene ajudava na roça, mas numa espécie de consideração e gratidão a Isaltino, Juca fazia com que lhe fossem designadas as tarefas mais leves. E, vez por outra, era chamada para ajudar no casarão.

Irene foi, então, chamada para cuidar de Pedrinho e Berenice. Era uma mulher trabalhadora e despachada e, em pouco tempo, assumiu as rédeas da casa, de forma que Maria Laura já não precisava ficar tanto tempo na fazenda.

Irene levava sempre consigo a filha caçula, Maria Isaltina, uma menina de uns sete ou oito anos, que se tornou uma companheira inseparável para Berenice. Brincavam de bonecas como se tivessem a mesma idade, e Berenice rapidamente se afeiçoou à nova amiguinha.

Irene era uma mulata de corpo bem feito, seios firmes e volumosos, cintura fina e ancas largas. Um par de coxas grossas se insinuava sob o avental. Não se poderia dizer bela de rosto, mas não era uma mulher feia. Tinha sobancelhas grossas, olhos grandes e lábios carnudos.

A beleza selvagem e sensual de Irene não passou despercebida a Juca. E, na cama de Irene, Juca foi afogar sua dor.

O amor de Irene era diferente de tudo o que Juca vivera com sua jovem esposa: o prazer não tinha limites. A princípio, de ambas as partes, era só desejo e também uma espécie de gratidão. Mas, com o tempo, a afeição e o companheirismo foram surgindo. Laços fortes se criaram. Um ano depois, Irene mudou-se definitivamente para aquela casa, assumiu todos os papéis de esposa. Para Berenice e Pedrinho, Irene foi verdadeiramente uma mãe.

Algum tempo depois do nascimento de Pedrinho, chegou aos ouvidos de Maria Laura o que diziam as más

línguas de São Sebastião: que o sangue dos Monte Castros estava podre. Por isso, o menino nascera doente. Também por isso, Lourenço não tinha filhos. Olímpio, com certeza, também não os teria. E, pelo mesmo motivo, a Santinha não conseguia gerar um filho homem.

Desde a época de seu casamento, Maria Laura ficara sentida com as maledicências de seu povo. Mas, dessa vez, eles tinham ido longe demais. Maria Laura ficou profundamente magoada, afastou-se de tudo e de todos e até mesmo a Igreja deixou de freqüentar.

A presença de Getúlio arranhou, mas não destruiu a felicidade de Francisco e Maria Laura.

Em 1943, nasceu mais uma menina, Maria das Mercês de Monte Castro Brandão. Em 1944, Maria Laura ficou novamente grávida.

Nessa mesma época, Getúlio fazia constantes e misteriosas viagens a Esmeraldina. Por lá ficava três, quatro, às vezes dez dias. E então Maria Laura alimentava a ilusão de que ele não voltaria. O sentimento lhe causava remorsos: afinal, era o irmão de seu marido. E Francisco queria tão bem a toda a sua família! Sem Francisco, talvez a família Monte Castro tivesse-se desmantelado... Mas não! Ele fazia questão de manter firmes os laços, o casarão era um ponto de encontro, e em torno de Francisco Brandão se mantinham unidos os filhos de JP!... Além do mais, Getúlio era querido por todos, inclusive pelos seus próprios irmãos. Dia após dia, parecia se estreitar a amizade de Getúlio, Olímpio e Lourenço. E Getúlio parecia ser muito útil a Francisco Brandão. Ajudava no empório, na Fazenda... Enfim, eram todos uma grande família! Mas Maria Laura não conseguia se afeiçoar ao cunhado. Secretamente, pedia a Deus que ele não voltasse de uma dessas viagens a Esmeraldina.

Mas Getúlio Brandão sempre voltava, falante, sorridente e invadia sua casa e sua vida...

Capítulo 8

A flor de Satanás

No verão de 1944, os jardins de Maria Laura se encheram de uma praga conhecida na região pelo nome de Flor de Satanás.

A erva daninha nascia de uma pequena semente, que vinha no vento ou no bico dos pássaros. Na terra úmida, prosperava. Primeiro em forma de delicados galhinhos, de folhas tenras e mimosas. O mais experiente dos jardineiros seria capaz de jurar que ali começava a brotar uma plantinha delicada e rara. E esta convicção se confirmava quando se abriam as primeiras flores, brancas, cálidas e miúdas como miosótis. Mas, em seguida, a delicada plantinha começava a crescer desordenadamente. Com rapidez espantosa, espalhava – se pelos canteiros, infiltrava-se nas frestas dos muros, agarrava-se nos caules e troncos de outras plantas. O mato, então, desenvolvia pequenas garras, conhecidas como “dedinhos”. Eram pequenas extensões de seu caule, resistentes e pegajosas, que se fixavam nas outras plantas de maneira cruel. Sugava, então, a seiva de suas hospedeiras, com um apetite voraz, levando-as à exaustão, e, muitas vezes, à morte.

Rapidamente a flor de satanás se espalhou pelo jardim de Maria Laura e tomou conta de tudo. Morreram as tulipas, e os brincos de princesa. Secaram as hortênsias e os lírios. Até mesmo os beijos e os gerânios, plantas mais resistentes, terminaram em caules tristes e nus, açoitados pelo vento e pela chuva.

Semelhante seria a ação de Getúlio Brandão naquela casa...

Depois da morte do velho Alonso, a família Mesquita entrou em um processo de vertiginosa decadência. Na

disputa pelas terras, irmãos se tornaram inimigos, marido e mulher se desentenderam, filhos se voltaram contra os próprios pais. A grande fazenda Santa Esmeralda foi palco de muitas brigas e muito sofrimento. A própria terra pareceu-se ressentir, não mais produzia como antes. O gado ficou magro, muitas reses morreram. Os irmãos fizeram dívidas, foram comprometendo seu patrimônio. Em 1944, a Fazenda foi colocada à venda. E havia em São Sebastião das Corredeiras um único homem em condições de comprar e recuperar a Santa Esmeralda. E esse homem se chamava Francisco Brandão.

No começo de julho de 1944, Francisco chamou a esposa ao escritório. Estava alegre, muito animado. Tomara uma decisão, compraria a Fazenda Santa Esmeralda. Para isso, teria que levantar uma certa quantia no Banco, em Esmeraldina, pois o dinheiro de que dispunha não era suficiente. Precisava que ela assinasse uns papéis.

Maria Laura estranhou não que Francisco comprasse a Fazenda, mas que lhe faltassem os recursos. Correu os olhos pelos papéis que o marido lhe estendia. Ali se falava em hipoteca: o casarão ficava hipotecado ao Banco, em garantia do pagamento da dívida.

Naquela época, não era comum que as mulheres entendessem e opinassem nos negócios dos maridos. Maria Laura era uma mulher culta, inteligente, mas não seria uma exceção. Achou tudo aquilo muito estranho, pareceu-lhe arriscado hipotecar a casa, teto de suas filhas. Mas, à sua frente, Francisco sorria e falava animado de seus planos para as novas terras. No seu rosto, estava estampado um sorriso largo e confiante, como há muito Maria Laura não via. Não havia, portanto, por que temer.

Maria Laura assinou os papéis, e Francisco partiu para Esmeraldina, acompanhado de Getúlio.

Naquela noite – era uma sexta-feira, 4 de julho de 1944 – Maria Laura esperou inquieta a volta do marido.

Quando Francisco chegou, já passava das dez horas. Apesar de cansado, trouxera o dinheiro que precisava e parecia feliz. Mas havia voltado sozinho! Getúlio havia ficado em Esmeraldina.

Havia muito tempo que Mundico da Grota não descia a serra, e o povo chegou a acreditar que ele tivesse morrido. Naquela tarde, ele apareceu na Fazenda Santa Marta.

Era um sábado – dia 5 de julho de 1944. Francisco Brandão estava na Fazenda Santa Esmeralda, com Lourenço. Contavam o gado e acertavam com os filhos de Alonso os últimos detalhes para o negócio. Mundico encontrou Juca e Maria Laura na varanda. Fazia muito frio, e os irmãos conversavam perto da escada, sob uma réstia de sol.

“– É bão vê os meninos assim juntos, quentando sol” – falou Mundico. Fez uma pausa. Parecia triste, naquele dia.

“– Quando a Santinha nasceu, o véio já era véio. A Santinha cresceu, casou, teve criança, tá prenha de novo... Eh, o véio deve de tá muito véio...”

Fez outra pausa. Parecia cansado. Juca tentou animá-lo, com palavras e com uma pequena dose de aguardente, que Mundico tanto apreciava. Mas havia qualquer coisa de diferente com ele, naquela tarde. Estava tomado por uma emoção e um saudosismo, que não lhe eram peculiares. Mundico olhou longamente para Maria Laura. Que ternura sentia o velho por sua Santinha! Então, olhou bem dentro dos olhos de Juca e falou com voz firme:

“– Juca, presta muita atenção no que o véio vai falá pra vosmecê. O véio vai subir a serra e num vorta mais. Nunca mais. Toma conta da Santinha, Juca... toma conta da Santinha...”

Dizendo isso, foi-se embora. Juca ficou impressionado com suas palavras. Tantos anos depois, Mundico repetia a frase que Juca ouvira de sua mãe, em seu

leito de morte. Mas, nessa altura da vida, o pedido parecia não fazer sentido. Afinal, Maria Laura tinha Francisco Brandão, que a amava tanto e que zelava por ela a cada minuto do dia ou da noite. Mas havia uma força tão grande nas palavras de Mundico e uma tristeza tão grande em sua voz...

Conforme havia dito, Mundico da Grota subiu a serra e nunca mais voltou. Ninguém poderia dizer ao certo o seu destino: se estava vivo, se estava morto, se havia partido para outras terras... ou, quem sabe – dizia o povo – se não tinha virado um anjo negro, que no céu sorria, ao lado de São Benedito. De qualquer forma, as lendas sobreviveram, e Mundico para sempre viveria nas fantasias do povo de São Sebastião das Corredeiras. Imortal, imune ao tempo...

Domingo. Dia 6 de julho de 1944. Francisco Brandão acordou muito cedo, antes mesmo do nascer do sol. Às dez horas da manhã deveria encontrar-se com a viúva e os filhos de Alonso, na Fazenda Santa Esmeralda; em um gibão de couro levava todo o dinheiro para fechar o negócio. Mas era cedo, e ele passaria primeiro na Fazenda Serra Negra.

Antes de sair, Francisco aproximou-se de mansinho da cama e beijou Maria Laura na testa.

Maria Laura acordou com o beijo do marido, mas não houve tempo para trocarem uma só palavra. Viu apenas, na penumbra do quarto, o seu vulto junto à porta. Julgou ver um sorriso, nos lábios de Francisco, mas, sonolenta, adormeceu novamente.

Maria Laura acordou algumas horas mais tarde, com o sol de julho acariciando a janela. O quarto estava todo tomado por um estranho perfume de rosas. Era um cheiro

forte e adocicado, que chegava a lhe causar náuseas. Maria Laura estremeceu. Andou de um lado para o outro do quarto, tomada de pânico. Foi até o oratório. Lá estavam as suas rosas brancas. Lindas, frescas, viçosas... Mas não vinha delas aquele cheiro forte, que tomava conta de tudo...

Alguém bateu à porta do quarto e avisou que seus irmãos estavam na sala, esperando por ela.

Juca e Olímpio estavam de pé, junto do retrato de Francisco Brandão – uma pintura a óleo, feita há poucos meses por um pintor desconhecido, que passara pela cidade. Mas não estavam sozinhos. Maria Laura podia ouvir vozes, um burburinho que vinha de fora da casa. Pela janela da sala, pôde perceber que a varanda estava cheia de gente. E tudo estava tomado por aquele cheiro forte e adocicado de rosas...

Alguma coisa muito grave estava acontecendo, e Maria Laura tinha medo de encarar os irmãos. Porque não seria preciso uma palavra sequer, a notícia estaria estampada no rosto de Juca, nos olhos de Juca...

Francisco Brandão tinha sido baleado. Estava morto. Na velha estrada de terra, que ligava as Fazendas Serra Negra e Santa Esmeralda, fora encontrado o corpo sem vida de Francisco Brandão.

De tudo o que se passou logo após a morte de Francisco Brandão, Maria Laura guardaria apenas vagas lembranças de um ou outro episódio daquele que foi o mais doloroso período de toda a sua vida. Mesmo assim, imagens nebulosas, como em um pesadelo.

Lembrava-se do velório, na Fazenda Santa Marta, uma noite interminável. Fazia muito frio, e o casarão estava cheio de gente. Lembrava-se nitidamente de JP: seu pai ficara o tempo todo sozinho em um canto da sala, encolhido, chorando baixinho, como um menino assustado. Lembrava-se de Juca, sempre a seu lado, e de Irene, passando pela sala, com Carmelita no colo. Não se

lembrava de mais nada e de mais ninguém. E, por mais que puxasse pela memória, Maria Laura nunca conseguiu lembrar-se do rosto do marido depois de morto. Vinha-lhe sempre à mente a última vez em que o vira com vida: naquela manhã, o vulto junto da porta do quarto, o sorriso largo estampado no rosto.

O pequeno cemitério de São Sebastião das Corredeiras ficava na encosta da serra. O acesso era difícil, muito íngreme. Não poderia haver escalada mais árdua que subir aquela ladeira e deixar para sempre o homem amado.

Maria Laura caminhou até o cemitério em passos lentos, mas decididos, de braços dados com Juca. Caminhavam calados, cada qual mergulhado em seus próprios pensamentos, que aquela dor era um sentimento solitário, impossível de ser compartilhado.

Mais difícil seria voltar... deixar para trás toda a história de um amor tão grande... voltar e saber que era preciso continuar a viver. Mesmo sabendo que Juca estaria ao seu lado, parecia difícil até mesmo continuar a viver...

Para Maria Laura, naquele ano, o inverno pareceu mais rigoroso do que todos os outros de sua vida. O frio lhe penetrava na carne como um punhal; doíam-lhe os ossos, ela não tinha vontade de se levantar da cama para começar um novo dia.

As responsabilidades e os problemas que pesaram sobre seus ombros, de certa forma, impediram que Maria Laura se entregasse à tristeza. Uma semana depois da morte de Francisco Brandão foi preciso erguer a cabeça, olhar o mundo de frente, respirar fundo e continuar vivendo.

Maria Laura, como todas as mulheres de sua época, nada entendia de negócios. Apesar disso, era bastante

lúcida e não foi difícil entender o que se passava.

Uma semana depois da morte de Francisco, dois homens bateram à porta do casarão. Estavam muito bem vestidos, ambos de terno preto, e logo se via que não eram dali. Vinham de Esmeraldina, representavam o Banco onde Francisco Brandão fizera um empréstimo, dois dias antes de morrer. Vinham apenas lembrar à viúva que aquela casa estava hipotecada ao Banco, como garantia da dívida.

Francisco havia partido de casa com todo o dinheiro, para comprar a Fazenda Santa Esmeralda, mas fora baleado no caminho, antes de fechar o negócio. O dinheiro provavelmente estaria no gibão de couro, que ele carregava consigo. Mas o corpo foi encontrado à beira da estrada, e não havia junto dele qualquer gibão de couro. Maria Laura, portanto, não tinha a Fazenda Santa Esmeralda, nem tampouco o dinheiro. Tinha apenas uma dívida, uma dívida vultosa para pagar, sob pena de perder a própria casa.

Mas isso não era tudo. Os problemas apenas começavam. No empório, o cofre estava vazio, e havia um grande número de contas a pagar. Credores de Esmeraldina e até mesmo de outras cidades bateram à porta do casarão, para cobrar da viúva as dívidas do falecido. Francisco era um homem extremamente correto e, em tantos anos, jamais atrasara uma única conta. Nos últimos tempos, porém, andava muito envolvido com a Fazenda, e Juca desconfiou que Getúlio desviava o dinheiro que Francisco lhe dava para pagar as contas. O empório, portanto, estava praticamente falido. Seria preciso um bom dinheiro, para pagar as contas, limpar o nome de Francisco Brandão e continuar tocando o negócio.

De Getúlio – aquele que se dizia o irmão caçula de Francisco Brandão – ninguém nunca mais ouviu falar. Desde aquela tarde de sexta-feira, quando partiram juntos para Esmeraldina, Getúlio nunca mais voltou. Sumiu misteriosamente, da mesma maneira como havia aparecido, cinco anos atrás.

Quanto à Fazenda Serra Negra, Lourenço alegava que

metade dela, por direito, pertencia a Djanira, uma vez que não houvera partilha depois da morte de Samara. Juca se lembrava – e muito bem – que, por ocasião do casamento de Lourenço e Djanira, o dote referente à parte de Djanira na Fazenda Serra Negra havia sido trocado pelo perdão da dívida imensa que JP e os filhos mais velhos tinham com Francisco e que comprometia cada palmo de terra da Fazenda Santa Marta. Ficara acertado, então, que JP e Olímpio se entenderiam com Lourenço, de forma a lhe pagar a sua parte na dívida. Nada, porém, fora documentado! Era a palavra de Juca contra a palavra de Lourenço! JP já estava muito senil, com as idéias totalmente embaralhadas. Olímpio sabia, melhor do que ninguém, tudo o que se passara. Uma só palavra sua poderia definir a questão. Mas Olímpio se calou. E seu silêncio era o apoio de que Lourenço precisava.

Maria Laura vendeu a Lourenço a sua parte da Fazenda Serra Negra, e o dinheiro foi suficiente apenas para pagar ao Banco, de forma a honrar o compromisso do marido e não perder o casarão.

Em seguida, o casarão foi colocado à venda. Diante daquela situação, Maria Laura raciocinou que poderia morar com as filhas em uma casa menor, ou até mesmo ficar uns tempos na Fazenda, com Juca. Pretendia levantar dinheiro e continuar tocando o empório. Meses se passaram, e Maria Laura não conseguiu vender o casarão. São Sebastião das Corredeiras era uma cidade muito pequena, não havia ali um só comprador para uma casa como aquela.

Alguns meses depois, como não houvesse outra alternativa, o empório foi vendido a um comerciante de Esmeraldina.

O assassinato de Francisco Brandão foi um verdadeiro mistério para todos. São Sebastião era, naquela época, uma cidadezinha pacata, e não se sabia que Francisco tivesse

inimigos. Desapareceu com ele o gibão de couro, com o dinheiro para a compra da Fazenda Santa Esmeralda, mas era difícil aceitar a hipótese de que tivesse sido vítima de um assalto.

Havia, porém, alguns fatos que intrigavam a todos, mas não havia lei em São Sebastião, e as perguntas permaneceriam sem respostas.

Aquele que se dizia o irmão caçula de Francisco desaparecera sem deixar qualquer rastro. Misteriosamente, dois dias antes do assassinato.

Não se sabe como, pouco tempo depois, Lourenço e Olímpio levantaram dinheiro suficiente e compraram a Fazenda Santa Esmeralda. A sociedade, porém, não durou seis meses. Aparentemente, os dois se desentenderam, e o Dr. Olímpio partiu para começar vida nova no Rio de Janeiro.

Algun tempo depois, um caixeiro-viajante contou ao povo uma história cuja veracidade nunca foi comprovada. Em suas viagens, passara por uma cidade de nome Chapada do Gagé, no extremo sul do estado. Pois, em Gagé, não era segredo para ninguém a história de um homem chamado Francisco Brandão. Filho do Professor Brandão, que não era o homem mais rico, mas era, sem sombra de dúvida, o mais culto e o mais distinto da cidade. O Professor Brandão tinha apenas dois filhos, Francisco e Getúlio, e criou também um sobrinho, de nome Geraldo Brandão. Getúlio, o filho caçula, foi desde criança um menino franzino e doente e morreu antes de completar dezoito anos.

Mesmo não sendo um homem rico, o Professor Brandão procurou se esmerar na educação do filho e do sobrinho; Francisco e Geraldo estudavam no melhor Internato da região.

Naquela época, morava em Chapada do Gagé um velho turco, muito rico, de estranhos costumes, entre eles a poligamia. Dizia-se dele que era um autêntico Barba Azul.

Naquele verão, o velho se vangloriava de sua última aquisição: uma libanesa, graciosa e jovem, de nome Samara. Francisco e Geraldo chegaram para as férias, e, não se sabe como, Francisco e Samara se conheceram e se apaixonaram. Encontravam-se às escondidas, e, antes do final das férias, Francisco tomou uma decisão: roubaria Samara e fugiria com ela. Era uma verdadeira loucura, mas Francisco era muito jovem e estava completamente apaixonado. Com a ajuda de Geraldo, foi feito o plano para o seqüestro de Samara. Mas o Barba Azul desconfiou, mandou sondar Geraldo. Por um bom dinheiro, Geraldo entregou o primo. Francisco e Geraldo colocaram o plano em ação, Geraldo sabendo que, na calada da noite, o velho turco esperava por eles. Trocaram tiros, mas, apesar da cilada, Francisco foi mais feliz: matou o Barba Azul e fugiu com sua amada. O velho turco era muito rico e muito poderoso na cidade; o crime teve uma grande repercussão. Geraldo não conseguiu fugir, foi preso e acabou condenado; pagou sozinho pelo crime de seu primo. Jurou vingança. Depois de muitos anos, conseguiu fugir e saiu mundo afora, à procura de Francisco Brandão.

Dizia, ainda, o povo de Gagé que Geraldo finalmente encontrara Francisco, morando numa pequena cidade, ao pé de uma serra. Dizia, ainda, que Samara havia morrido, e Francisco se casara de novo. Era fazendeiro e, nesse meio tempo, fizera fortuna. Geraldo apresentou-se na cidade como Getúlio Brandão, irmão caçula de Francisco, e, durante anos, morou em sua casa. Francisco não teve mais um minuto de paz, sempre ameaçado e chantageado pelo outro. Finalmente, com a ajuda de dois dos cunhados de Francisco, Geraldo matou o primo. Mas antes roubou dele uma alta soma de dinheiro, que, mesmo dividida com os cunhados traidores, era suficiente para reconstruir uma vida. Então voltou para Chapada do Gagé. Naquela região, tudo se comprava com um bom dinheiro, até mesmo a liberdade. Geraldo nunca mais foi molestado pela justiça, estabeleceu-se e vivia tranqüilo.

Da boca do povo de Gagé o caixeiro-viajante ouviu aquela história. E a trouxe para os ouvidos do povo de São

Sebastião das Corredeiras.

Certamente, verdade e fantasia se mesclavam nessa história, como nos casos que se contavam sobre Mundico da Grotta. E o mais lúcido dos ouvintes dificilmente poderia discernir até onde ia a verdade e onde começava a fantasia.

E o mistério acerca da morte de Francisco Brandão permaneceu...

Capítulo 9

Olhando as estrelas

Depois da morte de Francisco Brandão, Juca assumiu todas as responsabilidades da família de Maria Laura. Não deixou que nada lhes faltasse, desde o pão de cada dia, o estudo para as meninas, o carinho e o apoio de que a irmã precisava.

Três meses depois da morte de Francisco, Maria Laura deu à luz dois meninos.

Os gêmeos devolveram a Maria Laura a vontade de viver. A casa seria uma grande festa com seu nascimento, se Francisco Brandão estivesse vivo. Mas sua morte estava ainda muito recente, e os problemas eram muitos, para que alguém naquela casa ousasse ser feliz. De qualquer forma, a chegada dos meninos conseguiu pelo menos quebrar um pouco o ar lúgubre e funesto que envolvia o casarão.

Os gêmeos foram batizados com os nomes de José

Francisco e José Augusto.

Os traços de Francisco Brandão eram marcantes naqueles rostinhos. Diversas vezes, enquanto cuidava dos pequeninos, Maria Laura sentiu a seu lado a presença de Francisco Brandão. E era uma presença tão forte, tão real, que ela procurava ficar o mais quieta possível, para não quebrar o encanto, e para que Francisco não fosse embora...

Rosário e Antonieta ajudaram a cuidar dos irmãozinhos, como quem se prepara para ser mãe. Para Carmela e Mercês, os gêmeos foram como brinquedos, pequenos bonecos de verdade, que, do céu, o pai lhes havia mandado.

A longevidade era uma das características genéticas da poderosa família Monte Castro. Mas JP ficou senil muito cedo. Depois da morte de Francisco, não era mais que um velho. Os cabelos estavam ralos, e completamente brancos, o rosto curtido de sol estava enrugado, e os braços e as mãos se encheram de pintas escuras, dessas comuns aos anciãos. Suas idéias se embaralharam, ele começou a tremer, e até as atividades do dia-a-dia se tornavam terríveis obstáculos. Os passos estavam a cada dia mais lentos e incertos, e a voz foi ficando fraca e rouca. O homem que na juventude trovejava viria então a sussurrar... Mas o coração, o legítimo coração de um Monte Castro, continuou batendo forte, vigoroso, por anos a fio, indiferente à decadência do resto do corpo...

Em junho de 1948, Pietra voltou.

A princípio, ninguém reconheceu naquela mulher abatida, desgastada pelo tempo e pela doença, a bela italianinha criada por Francisco Brandão.

Pietra chegou montada num burrinho magro e doente, puxado por um cigano também doente e magro. Igor conservara no rosto e no corpo resquícios das feições bem desenhadas e dos músculos vigorosos. Quanto a Pietra, o tempo, caprichoso, tinha corroído devagar toda a

sua beleza.

Tinha os olhos fundos e as pálpebras inferiores caídas mostravam o vermelho dos olhos. Estava muito magra, e as rugas se avolumavam ao redor da boca e dos olhos. Por volta dos seus trinta e poucos anos, Pietra tinha, definitivamente, a aparência de uma velha.

Um vento gelado varreu o vale à passagem do casal e fez esvoaçar, desgrenhados, os cabelos grisalhos que emolduravam aquele rosto tão marcado pelo tempo.

Pietra assustou-se ao ver um desconhecido no empório, na mesa atrás do balcão, onde sempre ficava Francisco Brandão. Perguntou por ele e foi informada de sua morte.

– A viúva mora no casarão...

As idéias um pouco embaralhadas pela viagem e pela doença, não lhe ocorreu perguntar quem era a viúva de Francisco Brandão.

– E sua filha, a Djanira, mora por aqui?

– Na rua da Igreja. O único sobrado da rua, com muro de pedra.

Pouco depois, Pietra batia à porta da casa da irmã.

O encontro de Pietra e Djanira estava longe de ser o encontro emocionado de duas irmãs saudosas. Durante anos, Djanira guardara consigo o rancor de ter visto seus sonhos se desmoronarem com a atitude irresponsável de Pietra. O casamento com Lourenço fora um casamento de conveniências, para ambas as partes. Foi esposa fiel, dona de casa exemplar, mas jamais conheceu o doce sabor de amar e ser amada. E, com o passar do tempo, tornou-se uma pessoa amarga, demasiadamente austera e exigente, consigo e com os outros.

Quando Pietra bateu à sua porta, acabada e doente, para pedir abrigo e proteção, Djanira sentiu um misto de pena e nojo daquelas criaturas doentes, que vinham da promiscuidade e da pobreza e que jamais poderiam perturbar o mundo limpo, digno e sadio que era o seu lar.

Ao mesmo tempo, ironicamente sentiu-se vingada, ao ver que a bela italianinha se despedaçara pela vida desregrada que ela mesma escolhera.

Sem saber exatamente o que fazer com aquela incômoda irmã de criação e seu amásio cigano, Djanira recebeu-os na cozinha, deu-lhes de comer e de beber nas vasilhas dos criados.

Pensou mesmo em acolhê-los por aquela noite. Poderiam dormir no quartinho do terreiro, onde Lourenço guardava suas selas e outros apetrechos que usava em suas caçadas e onde, às vezes, acomodavam os camaradas que vinham da fazenda. No dia seguinte, lhes daria roupas e algum dinheiro, para que fossem embora. E assim, ficaria em paz com sua consciência cristã.

Logo depois de comer, porém, Pietra revelou à irmã a verdadeira razão de sua volta: estavam tuberculosos, ela e Igor. E Pietra queria morrer ali, ao pé da serra, onde nascera. Na verdade, viera em busca de Francisco Brandão. Queria o perdão de seu pai antes de morrer. Estava tão fraca, que sequer tivera lágrimas para chorar a morte do pai.

A notícia da tuberculose abalou Djanira profundamente: não podia acolher dois tuberculosos em sua casa! Não havia, naquela época, um mal maior que a tuberculose. Doença fatal, sem chance de cura, e altamente contagiosa, a tuberculose era mais que uma simples doença. Era assim uma espécie de praga ou estigma, e quem tinha a infelicidade de contrair aquela doença caminhava sozinho para a morte, envergonhado, humilhado, evitado por todos.

Djanira arrumou-lhes uma sacola com roupas velhas, algum dinheiro e, sem conseguir olhar nos olhos verdes da irmã, pediu-lhes que fossem embora, que sentia muito, mas não poderiam ficar ali. Com a ponta dos dedos, entregou-lhes o pequeno embornal e, logo que Pietra partiu, lavou-se e desinfetou-se um sem número de vezes, completamente apavorada com a doença da irmã.

A notícia de tuberculosos em São Sebastião

espalhou-se como um rastilho de pólvora. Todas as portas e janelas se fecharam à passagem do casal, e não houve venda ou bar que lhes vendesse sequer um copo de café.

Durante horas, Pietra e Igor vagaram pela cidade, vendo portas e janelas se fecharem à sua passagem. Quando começou a anoitecer, cansados, com fome, e totalmente desiludidos, decidiram que se embrenhariam na serra. Não tinham forças para voltar a Esmeraldina. Não teriam mais muito tempo de vida. Morreriam na serra. Pietra conhecia um atalho, que levava à divisa da fazenda Serra Negra. Morreriam ali, nos limites da fazenda de seu pai. Naquele mesmo chão, entre aquelas mesmas árvores, onde, um dia, seu amor nascera.

Começavam a se embrenhar na mata, quando Pietra ouviu uma voz, que já não era de criança, mas que ainda não era a voz de um homem feito, que a gritava pelo nome:

– D. Pietra! D. Pieeetrraaa!

Pietra virou-se e, no meio das árvores, viu um menino de uns onze ou doze anos, de cabelos encaracolados e um belo sorriso no rosto. Estava meio encoberto pela sombra da noite, e, a princípio, Pietra pensou que estava vendo um anjo...

– Quem é você, menino? Como sabe meu nome?

– Sou Salazar, filho da Landinha... Mas vim a mando de Dona Santinha, viúva de seu Chico Brandão. Graças a Deus que encontrei a senhora. A Dona Santinha, coitada, está procurando a senhora pra tudo quanto é canto da cidade, e me pediu pra ajudar... vou levar a senhora pro casarão.

Maria Laura acolheu Pietra e Igor no casarão, a despeito de uma cidade inteira, que se sentia ameaçada pela tuberculose.

– A Santinha enlouqueceu de vez...

– A Santinha não pode fazer isso, ela não tem esse direito...

Acostumada, de certa forma, a desafiar o povo de sua cidade, Maria Laura ignorou a tudo e a todos, para cuidar daquela que julgava ser simplesmente a filha adotiva de Francisco Brandão.

Igor não resistiu ao rigoroso inverno. Morreu no início de julho, numa noite fria e estrelada, dessas noites meio mágicas, em que o ar parece mais leve e tudo parece mais etéreo... Como se, nessas noites, ficasse mais fácil a ligação entre o céu e a terra...

Deixou Pietra com os olhos úmidos e distantes. Pelo resto de sua vida, nas noites frias e estreladas, Pietra procuraria no céu o seu cigano... E, vez por outra, reconhecia o seu olhar no brilho de uma estrela. Então, conversava com seu homem. Fazia-lhe juras de amor eterno. Marcava encontro, em sonhos... E esperava o dia em que, finalmente, estariam juntos de novo.

Pietra não esqueceu o seu cigano, mas o tempo aplacou sua dor e acalmou seu coração.

Maria Laura fazia com que Pietra todos os dias bebesse uma garrafada de chá de erva terrestre – remédio excelente para o pulmão! – e outra de chapéu de couro – depurativo do sangue de comprovada eficácia. Secretamente benzia cada folha e cada raiz, antes de preparar os chás.

À noite colocava-lhe emplastos quentes de fubá sobre o peito. Uma vez por dia, Maria Laura ia até o fundo do quintal e da beira do rio tirava uma terra argilosa, estéril e quente. Amassava o barro com as mãos durante alguns minutos e depois cobria o tórax e as costas de Pietra com uma camada espessa. Depois de algum tempo, banhava Pietra em água morna com sal, para tirar a terra, e massageava sua pele clara e fina com caldo de limão galego. Cuidava para que todos os dias ela comesse banana

da terra cozida e, nas manhãs mais frias, fazia com que tomasse uma gemada com conhaque. Maria Laura lembrava-se sempre de como esses procedimentos seriam condenados pelas freiras do colégio, por seu pai, seus irmãos, e, principalmente, pelo Dr. Olímpio. Inúmeras vezes se curvara aos ditames da família e do povo de São Sebastião. Mas, daquela vez, era diferente. Os dias de Pietra estavam contados, a sua vida se esvaía como um raio tênue de luz se esvai ao anoitecer. Maria Laura ouvia seu coração, nada mais. Não saberia dizer de onde lhe vinha a inspiração para cada chá e para cada procedimento que adotava com Pietra. Agia simplesmente por instinto.

As meninas ajudavam Maria Laura e rodeavam Pietra, quando ela se levantava. Gostavam de ouvir as histórias dos acampamentos ciganos. Conviviam naturalmente com a doente, e o único cuidado de Maria Laura foi separar copos, pratos, talheres e roupa de cama. O povo se estarrecia, e, mais uma vez, Maria Laura era rotulada de louca por todos da cidade. Mas ninguém naquela casa contraiu a doença.

Foram meses de tratamento intensivo, e, quando o verão chegou, Pietra estava curada.

Pietra tornou-se um membro da família sem que ela ou Maria Laura jamais suspeitassem dos laços de sangue que as uniam.

Havia entre as duas uma afinidade natural, e Pietra se incorporou à vida do casarão.

Tinha modos peculiares, adquiridos ao longo dos anos em que vivera com os ciganos. Gostava de ficar de cócoras, junto do fogão de lenha, fumando seu cigarrinho de palha. Usava unhas muito grandes, pintadas de vermelho, e nunca cortava os cabelos. À medida que os anos foram chegando, por sugestão de Maria Laura, fazia com eles uma grossa trança, que prendia em coque, junto da nuca.

Nas noites estreladas gostava de ficar na varanda,

sempre de cócoras, a contemplar o céu. Seus olhos marejavam, olhando as estrelas. Na certa, procurava o seu cigano...

Uma vez por semana, geralmente aos sábados, Juca vinha da fazenda com a charrete cheia de mantimentos. Trazia arroz, feijão, uma fartura de frutas, verduras e legumes. Trazia toucinho, carne de porco e, se matava um garrote, trazia também a carne de boi. Era também Juca quem pagava a conta de Maria Laura na venda, no açougue, quem comprava os sapatos e os tecidos para que Maria Laura fizesse as roupas da crianças.

Quando as meninas cresceram um pouco, Maria Laura começou a costurar. Era habilidosa, e não foi difícil fazer freguesia. Pietra tornou-se, então, imprescindível no casarão. Dividia com Maria Laura as tarefas e responsabilidades da casa. Gostava de cuidar dos porcos e das galinhas e nunca a horta estivera tão bonita quanto sob seus cuidados. Cuidava dos gêmeos e, às vezes, da cozinha.

À noite, seus modos extravagantes alegravam o casarão. Quando estava bem humorada, gostava de cantar belas músicas ciganas. Ensinava às meninas as danças típicas, que conhecia tão bem. O tempo ainda não lhe roubara a doçura da voz e a leveza dos modos, e Pietra cantava e dançava com graça.

Certo dia, tirou do embornal um baralho velho e ensebado, e pôs-se a ler a sorte nas cartas. Naquela época, as meninas começavam a ficar mocinhas, e, durante mais de mês, as cartas foram a distração de todas as noites. Para Rosário, as cartas prometiam um verdadeiro príncipe encantado, bonito, rico e distinto. Para Antonieta, um homem um pouco mais velho, mas igualmente bem situado. Para Carmelita, um verdadeiro poeta: um homem belíssimo, sentimental e amoroso. Mercês e os gêmeos ainda eram muito pequenos, dormiam sempre antes de ver a própria sorte.

Quando, depois de algum tempo, as freiras

carmelitas abriram o Colégio Nossa Senhora das Dores, em São Sebastião, e convidaram Maria Laura para lecionar, Pietra assumiu sozinha o comando da casa e das crianças.

JP, com as idéias totalmente embaralhadas, nunca reconheceu em Pietra a sua filha. Havia porém qualquer coisa naquela mulher de olhos claros e pele avermelhada que ameaçava trazer-lhe de volta as lembranças do passado.

– Quem é esta moça? – perguntou certo dia a Juca.

– É a filha de Francisco Brandão.

– Mas a filha de Francisco não é aquela, que se casou com o Lourenço?

– Esta é a outra, meu pai. A filha adotiva de Francisco Brandão.

A resposta parecia não satisfazer seu espírito; intuitivamente JP sabia que estava diante de uma meia-verdade. O velho olhava Pietra de longe, tomado de angústia. Perguntava, de novo, na esperança de que uma resposta viesse, enfim, aclarar suas idéias:

– Quem é esta moça?

E, pelo resto de seus dias, JP perguntaria sempre:

– Quem é esta moça?

Maria Laura se assustou, quando, aos treze anos, Maria do Rosário ficou mocinha. A vida estava passando depressa e ela se deu conta de que, em breve, estaria com a casa cheia de moças!

Apesar de toda a ajuda de Juca, era grande a responsabilidade de Maria Laura, que não queria ser um fardo para o irmão. Procurava, dia a dia, tornar-se mais independente. Lecionava de manhã e passava as tardes na máquina de costura, enquanto Pietra cuidava da casa e da cozinha. À medida que foram crescendo, depois do

colégio, as meninas ajudavam na limpeza do casarão, a cuidar da horta, da criação e dos irmãos menores.

Manter o casarão bem cuidado, a dispensa cheia, os filhos bem alimentados, sadios e bem educados eram tarefas e responsabilidades capazes de preencher todos os minutos de seus dias e de suas noites. Pouco tempo lhe sobrava para sonhar ou para pensar no futuro.

Mas, em breve, estaria com a casa cheia de moças e teria de encaminhá-las para que se casassem, formassem família, tivessem filhos...

E então Maria Laura se deu conta de que elas fatalmente acabariam indo embora. Uma a uma, provavelmente todas partiriam... E Pietra e Maria Laura ficariam sozinhas, a olhar para o céu, nas noites estreladas, a procurar nas estrelas o sorriso de seu homem...

O amor, na vida de Maria Laura, fora como água: manso, chegara sorrateiro e fora se infiltrando em seu coração... Devagarinho, até tomar conta de tudo, encharcar seu peito de emoção...

O amor, na vida de Pietra, fora como fogo: ardente, devastador.

Diferentes caminhos haviam trilhado as duas mulheres. Diferentes caminhos que provavelmente as levariam ao lugar comum da solidão...

Aos domingos, Maria Laura e Pietra matavam e assavam dois frangos, faziam tutu de feijão e macarronada. Juca vinha para a cidade, no seu terno branco, assistia à missa das dez horas e depois almoçavam no casarão.

Juca trazia a família: Berenice vinha toda arrumada, penteada e perfumada. Pedrinho vinha de banho tomado, impecável como um pequeno lorde, no seu terninho domingueiro. Era Maria Isaltina, já mocinha, quem empurrava a cadeira de rodas. Finalmente, Sílvio e Júlio completavam aquela família singular, onde os papéis de

pai, mãe e filhos pareciam não estar bem definidos.

Irene vinha com eles até a entrada da cidade. Então descia da charrete e rumava a pé para o casarão, socialmente excluída, aquela, que, na verdade, comandava a vida daquela família. Mas Irene nunca se incomodou, ou, pelo menos, jamais demonstrou se incomodar. Reconhecia seu lugar... seu lugar de amante, amásia, amigada... sem muitos direitos, cheia de deveres. Talvez até mesmo sonhasse ser uma senhora, entrar de braço dado com Juca na Igreja, desfilar pela alameda central, assentar-se em um dos primeiros bancos e assistir à missa das dez. Mas descia naturalmente da charrete, na entrada da cidade, e rumava a pé para o casarão.

Berenice esperava ansiosamente os domingos. Com os pensamentos cada vez mais embaralhados, perdera por completo a noção de tempo, mas, por um instinto qualquer, reconhecia infalivelmente as manhãs de domingo. Como uma criança em dia de festa, levantava-se mal raiava o sol, inquieta e alegre. Então Irene a ajudava em seu banho. Lavava pacientemente a vasta cabeleira ruiva, vestia-lhe um de seus vestidos domingueiros, cheios de rendinhas, fitas e botões. Como quem arruma uma filha adolescente para o primeiro baile, Irene lhe passava leite de rosas atrás das orelhas, no pescoço e no colo, colocava-lhe os brinquinhos de pérolas e finalmente lhe passava o pó de arroz e o batom... Berenice se deliciava tanto com esse ritual, ficava tão imensamente grata à Irene...

Então, partiam para a cidade. Berenice subia na charrete como uma princesa, em uma carruagem... ia pensando nas belas bonecas de Rosário e Antonieta, na comida gostosa de Maria Laura, nas músicas da eletrola... por mais embaralhadas que fossem as suas idéias, tinha consciência das delícias do domingo e sentia-se tão feliz...

Depois da missa, Juca levava a família para o casarão e voltava para a praça. Gostava de ficar nas rodas de homens que se formavam perto da Igreja... Os homens

fumavam charuto cubano, conversavam baixo e davam altas risadas... ali Juca fazia um tempo, até a hora do almoço.

No caminho para o casarão, passava na venda e comprava um garrafão de Surpresa Michelin. Até para as crianças era servido o vinho, misturado com água e açúcar, como se fosse um refresco.

Depois do almoço, sob o efeito do vinho, Juca cochilava na rede. Quando acordava, já de tarde, sentia o cheiro do café coado por Pietra, aquele café forte, encorpado, gostoso...

As tardes de domingo eram longas e alegres no casarão. Rosário, Antonieta, Carmela, Mercês, Maria Isaltina, Sílvio, Júlio, os gêmeos... estes meninos e meninas pareciam que se tornavam voláteis, e enchiam e preenchiam cada canto do casarão, do jardim e do quintal. Corriam, brincavam, falavam todos ao mesmo tempo...

Nessa época, já por volta dos dez anos de idade, Pedrinho começava a esboçar sinais de entendimento. Emitia sons como se quisesse falar e, às vezes, parecia que esboçava um sorriso. Mas os braços e as pernas continuavam moles como os de um boneco de pano. Depois do almoço, enquanto Juca cochilava na rede, Maria Laura sentava-se na cadeira de balanço, com Pedrinho no colo, e lhe cantava baixinho as músicas que aprendera no tempo do Colégio. Achava que a música sacra poderia aplacar possíveis sofrimentos de seu coraçãozinho. Quase sempre ele adormecia em seus braços, e era um sono gostoso, um sono de paz...

Vez por outra, JP saía de seu isolamento e vinha com Juca para a cidade, aos domingos. Mas já estava muito velho, tinha dificuldade para andar e até mesmo para conversar. Ficava o tempo todo quieto, em um canto, e havia uma grande tristeza em seu olhar.

Capítulo 10

Merecer um encontro e talvez o perdão

Em 1954, depois de dez anos praticamente sem dar notícias, Dr. Olímpio veio passar em São Sebastião as festas de final de ano. Estava casado e trouxe a esposa consigo. Hospedaram-se na casa de Lourenço.

Logo que chegou a São Sebastião, mandou chamar o irmão mais novo. Foi objetivo com Juca: queria ver Maria Laura. Abalara-se do Rio de Janeiro até São Sebastião porque queria e precisava rever a irmã.

Difícil entender por que aquele homem, naquela altura da vida, se voltava assim, em busca daquela irmã, que, no passado, não parecia representar muito para ele. As pessoas mudam, ao longo da vida; mudam os valores, mudam as crenças, muda a própria razão. E ali estava Dr. Olímpio, médico bem conceituado, bem estabelecido, com excelente reputação no Rio de Janeiro... ali estava o Dr. Olímpio, de volta a São Sebastião das Corredeiras, para merecer um encontro e talvez o perdão de Maria Laura.

Juca intermediou o encontro, que, a pedido de Maria Laura, aconteceu no casarão da fazenda Santa Marta. Naquela mesma sala onde, no passado, Francisco Brandão fizera o jovem Olímpio engolir todo o seu orgulho e, a contra-gosto, pedir desculpas à irmã. Desta vez, era o fantasma de Francisco Brandão, tão presente, tão atormentador, quem guiava os passos, quem colocava as palavras na boca do Dr. Olímpio. Um fantasma que atormentava a vida do médico... uma espécie de remorso, que lhe corroía as entranhas, que afugentava de seu caminho a paz e a felicidade.

Olímpio falou do passado e da fatídica manhã do assassinato de Francisco Brandão. Repetiu a história tão

conhecida e assumiu seu erro em ter-se omitido no caso da partilha da Fazenda Serra Negra. Mas negou veementemente que tivesse tido qualquer lucro financeiro em virtude dos acontecimentos. Negou também qualquer participação na morte de Francisco Brandão, ao contrário do que afirmava o povo da cidade. Era um médico, durante anos e anos se preparara para salvar vidas, jamais para atentar contra elas...

Maria Laura ouviu tudo calada, a cabeça baixa; em dado momento, os olhos se encheram d'água... Ao final, Maria Laura falou que acreditava no irmão. E, quanto aos erros, o perdão já fora concedido...

Olímpio olhou no fundo dos olhos de Maria Laura e teve a certeza de que ela mentia. Maria Laura não acreditava em sua inocência e não perdoara os erros do passado. Mas o amor falava mais alto que todo o seu ressentimento: ela estava esmagando suas mágoas e suas dúvidas, no fundo de seu coração, para voltar a conviver com aquele irmão... para que os Monte Castros pudessem se reunir em volta de uma mesa e voltassem, enfim, a ser uma família.

E assim foi: formalmente perdoado, Olímpio voltou a freqüentar a casa de Maria Laura. A presença de Olímpio abriu as portas do casarão também a Lourenço e Djanira. Até mesmo JP, a cada dia mais senil, vez por outra, participava das reuniões dos filhos, aos domingos...

Dr. Olímpio estava casado há algum tempo com a caçula de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, que atendia pelo pomposo nome de Louise Marie Angeline de Alvarenga Borges Coimbra de Monte Castro. Na intimidade, era chamada de Louise, mas ficou rapidamente conhecida em São Sebastião pelo apelido de D. Manquinha. Não que tivesse esse defeito físico, mas por causa de uma brincadeira do pequeno Chiquinho Brandão:

“— A tia Louise é enjoada como um tamborete manco.”

Louise não fora, na mocidade, uma mulher feia, mas tinha um temperamento tão difícil, que não era uma pessoa agradável de se conviver. Era extremamente orgulhosa, tinha um estranho e mesquinho prazer em humilhar as pessoas mais modestas, e tratava os poderosos com a devida deferência. Achava-se a mais bela, a mais elegante, a mais fina das mulheres, superior e especial, e ofendia-se profundamente ao ser tratada como uma pessoa qualquer.

No íntimo, certamente tinha consciência de suas limitações. Era três anos mais velha que Olímpio, e esses anos pesavam como chumbo em suas costas. Tinha um ciúme doentio do marido. Não teve filhos e agradecia a Deus por isso:

“– Filhos estragam o corpo da mulher, roubam-lhe o sono e destroem sua vaidade” – comentou um dia com Djanira.

Maria Laura estranhamente sentia pena de Louise Marie:

“– É um coração tumultuado, não deve ser feliz...” – tentava explicar a Pietra e aos filhos o seu sentimento em relação àquela cunhada.

– É uma chata, isso sim. – comentou Antonieta.

– É chata como um tamborete manco, comentou casualmente Chiquinho.

E assim surgiu o apelido, e Louise Marie de Alvarenga Borges Coimbra de Monte Castro ficou conhecida e famosa em São Sebastião pelo singelo nome de D. Manquinha.

A partir de então, uma vez por ano, Dr. Olímpio e sua esposa vinham visitar os familiares, em São Sebastião das Corredeiras. Normalmente, eles se hospedavam com Lourenço, mas Dr. Olímpio gostava de passar as tardes no casarão, conversando com Maria Laura e as sobrinhas, cochilando na cadeira de balanço, bebendo refresco de acerola e comendo as quitandas que Pietra lhe preparava.

Chegavam em dezembro, nas vésperas do Natal e

ficavam até meados de janeiro. Esses dias, em companhia da família, na tranqüilidade de sua terra natal, eram como bálsamo para aquele corpo cansado da agitação da cidade ... e eram como estimulante para aquela alma tão entorpecida pelos valores materiais...

Era como se Olímpio tentasse buscar, em São Sebastião, os valores perdidos ao longo da vida, como se ali os tivesse deixado. Muitas vezes, na fazenda, passava horas no quarto que fora de sua mãe. Parecia buscar as lições não compreendidas, as palavras não ditas, os momentos não vividos...

Quanto a Manquinha, os dias em São Sebastião pareciam ser para ela um verdadeiro suplício: reclamava do calor insuportável, dos mosquitos, da comida, de Olímpio, da vida, de tudo, enfim... Olímpio ria de seu mau humor, mas Maria Laura e até mesmo Djanira por vezes se ofendiam com tanto orgulho e tanta presunção. Por causa dela, Juca passou a vir sozinho para a cidade aos domingos; não queria expor sua família, gente humilde e sincera, ao convívio com Manquinha. Nas poucas vezes em que estiveram juntos, Manquinha olhara Berenice e Pedrinho de cima em baixo, como quem examinasse criaturas de outro mundo, e Juca fizera um esforço sobre-humano para se conter ... mas aquela família ficara tão desunida, por tantos anos, que esses momentos de união eram preciosos demais para aqueles irmãos... Juca fez de conta que nada viu e, a partir de então, evitou que se encontrassem.

D. Manquinha não gostava do verão. Sentia-se completamente incomodada de dezembro a março. Enchia-se de cremes e não saía de casa um só minuto sequer sem chapéu e guarda-sol. Sentia-se demasiadamente nobre e européia e achava que uma pessoa assim é completamente incompatível com o clima tropical.

Para que Manquinha fugisse do calor do Rio de Janeiro (e também por uns bons momentos de liberdade!), todo ano, no verão, Olímpio custeava-lhe uma viagem.

Geralmente Manquinha viajava acompanhada da mãe, de uma das irmãs ou sobrinhas. Logo que voltavam das festas de final de ano, em São Sebastião, ela começava os preparativos para a viagem. Viajava em meados de janeiro e só voltava com as águas de março.

Então parecia que Dr. Olímpio se transformava. Ficava alegre, bem disposto, perdia logo aquele jeito sério de médico, sempre atarefado e cansado. Não perdia um compromisso social. A noite, para ele, era sempre uma criança e se enveredava por ela, e percorria os bares cariocas com a ânsia de um adolescente, ávido de aventuras.

Em suas viagens, Manquinha conheceu a França, a Inglaterra, a Espanha, os Estados Unidos, o Chile, a Argentina... praticamente todos os países da Europa, América do Norte e América do Sul... Enquanto isso, Dr. Olímpio conheceu Arlete, Celina, Helena, Lourdes, Marieta, Zélia... praticamente, todas as moças cariocas dispostas a uma pequena aventura com um bem-sucedido homem casado.

Enquanto Manquinha se refugiava no clima europeu, numa noite quente de fevereiro, no ano de 1955, Dr. Olímpio se encontrou casualmente, em Copacabana, com Eugênia, enfermeira do Hospital das Clínicas. Ele nunca havia parado para reparar melhor aquela bela mulher, de seios duros e ancas largas, mas ali, sob a luz de néon do bar, admirou-lhe o formato do corpo, as coxas que se insinuavam por baixo do vestido de crepe, os seios pontudos que pareciam firmes e macios.

Eugênia era cerca de vinte anos mais nova que Olímpio. Naquela época, tinha vinte e quatro anos, era solteira, já não era virgem e não mais sonhava em se casar. Tornaram-se amantes.

Eugênia exerceu sobre Olímpio um fascínio e um poder tão grandes, que ela, somente ela, a partir de então, norteou a sua vida...

Olímpio comprou e mobiliou um pequeno apartamento no Flamengo, para os encontros amorosos com Eugênia.

Dentro daquelas quatro paredes, viveram momentos de paixão ardente. Fizeram todas as juras e todas as loucuras, que só os amantes sabem fazer. Mas, apesar da insistência de Olímpio, Eugênia nunca quis se mudar para o apartamento. Continuou morando com a mãe e uma tia velhinha, numa casa humilde no Bairro de São Cristóvão. Alegava que não podia deixar a mãe e a tia, mas havia qualquer coisa de estranho na sua resistência. Talvez o apartamento não lhe agradasse. Queria outro maior, em outro bairro? Podia escolher o apartamento que quisesse, onde quisesse... Não, Eugênia queria continuar morando em São Cristóvão, naquela casa pequena, cheia de mofo e goteiras, junto da mãe e da tia esclerosada.

Um dia Olímpio, ofereceu-se então para comprar-lhe uma casa melhor, para que se mudasse com a mãe e a tia. Eugênia ficou de pensar, se aceitaria ou não a oferta. Normalmente aceitava os presentes de Olímpio – flores, bombons, roupas, sapatos, jóias, e até mesmo algum dinheiro. Mas isso era tudo.

Eugênia era uma mulher muito firme, muito segura de si, e de princípios sólidos e peculiares para uma moça em sua situação. Raciocinava que, por um preço muito alto (como uma casa, um apartamento) estaria se vendendo, pertenceria àquele homem. Não seria mais dona de si mesma. Por pequenas quantias e presentes, apenas alugava o seu próprio corpo, mas não vendia a sua liberdade.

Se, por um lado, Olímpio havia descoberto a mulher mais fascinante de sua vida, Eugênia havia apenas encontrado um homem de meia-idade, sem o vigor da juventude, que gemia alucinado sob o toque de suas mãos e sua boca, mas que não sabia provocar nela todas as emoções que ela desejava sentir. Por tudo isso, sua resposta foi não. E continuou morando com a mãe e a tia, na casa humilde de São Cristóvão.

Capítulo 11

Perseguir um sonho ou cumprir uma sina

Naquele ano de 1957, Olímpio prolongou suas férias janeiro adentro. Resolveu esperar pelo dia vinte, festa de São Sebastião, padroeiro da cidade. Partiu no final de janeiro... e levou Carmelita consigo.

Carmela concluía o Magistério no final do ano anterior. Mas era ambiciosa, determinada. Não queria para si a mesma vida das irmãs e alimentava outros sonhos que não fosse lecionar nas escolas rurais, esperar uma vaga no Grupo Municipal ou no Colégio das Carmelitas... e, ao mesmo tempo, esperar um marido, um homem bom, honesto e trabalhador, que lhe enchesse a barriga de filhos... Não, Carmela queria mais, muito mais! Sonhava com um futuro brilhante, quem sabe estudar Farmácia ou Medicina, tornar-se uma doutora, uma mulher culta, rica, respeitada... Ansiava conhecer o outro lado daquela serra imensa, que parecia dividir o mundo em dois...

Carmela não perdeu a oportunidade que o tio lhe oferecia. Encheu uma pequena mala com umas poucas roupas e um sem número de sonhos, e partiu...

Maria Laura viu o carro de Olímpio se afastar com um peso enorme no peito... vieram-lhe à memória as comitivas partindo, levando os irmãos. Aquela filha era por demais audaciosa, chegava mesmo a ser petulante. Mas era também uma pessoa muito sincera, firme, leal... E o coração de Maria Laura se apertava, não tanto de saudade, mas tentando adivinhar que mundo e que vida a filha encontraria do outro lado da serra...

As primeiras cartas de Carmela vieram cheias de

entusiasmo. Falavam do mar – “a maior maravilha criada por Deus” – e de outras tantas maravilhas criadas pelos homens, para o desfrute de uns poucos privilegiados pela fortuna. Falava maravilhada do novo lar, uma casa belíssima no Bairro das Laranjeiras, decorada com gosto e requinte: as cortinas de organza... as porcelanas... as pratarias... os tapetes persas... era um mundo tão requintado, tão belo, que Carmela nem mesmo imaginara que essas deliciosas extravagâncias pudessem sair dos livros e se tornarem reais e acessíveis para ela. Do tio Olímpio ela falava com orgulho e carinho: “um homem tão fino, tão inteligente, tão abastado... sempre cercado de tantos amigos, pessoas ricas e influentes, a melhor sociedade do Rio de Janeiro”. Também para a tia Louise não faltavam elogios: “uma grande dama, elegante e impecável durante as vinte e quatro horas do dia... uma dona de casa perfeita... uma invejável desenvoltura no convívio social... um conhecimento total das mais finas etiquetas... definitivamente, uma lady...”

Aquelas cartas apaziguaram um pouco o coração aflito de Maria Laura. Mas era impossível não lhe ocorrer de onde teriam vindo os recursos para aquela vida tão abastada...

Com o tempo, as cartas foram se espaçando, e o entusiasmo esmorecendo. Já não falavam das belezas do Rio, nem dos maravilhosos tios. Falavam de um cotidiano solitário e de muitas saudades... saudades de Maria Laura, das irmãs, de Augusto, de Chiquinho... saudades de Pietra... saudades do tio Juca, da fazenda, dos primos... saudades das quitandas, da macarronada aos domingos, dos refrescos de acerola... saudades de olhar a serra, nas noites de lua...

Com o tempo, as cartas saudosas deram lugar a cartas amargas. Evasivas, mas amargas. Numa delas, depois de assinar, um estranho “PS”:

“Ao meu irmão Francisco:

um tamborete manco não é apenas desagradável,

pode ser muito perigoso: você se apóia nele, pensa que é seguro e, de repente, ele te derruba!”

O primeiro mês no Rio de Janeiro foi para Carmela como um sonho. Estava fascinada pelas novidades que via e pelas perspectivas de vida que se descortinavam à sua frente. Tia Manquinha se preparava para uma viagem a Bariloche e Carmela a ajudava nos preparativos. Saíam juntas para fazer compras, e tia Manquinha ensinava à sobrinha como se portar em casa, na rua e nas lojas, os segredos da etiqueta e uma série de banalidades, que soavam aos ouvidos de Carmela como as coisas mais importantes desta vida. Sentia-se lisonjeada com a cumplicidade estabelecida entre as duas. Notou que as irmãs e sobrinhas de Manquinha se enchiam de ciúmes pela proximidade das duas, e isso a lisonjeava ainda mais!

Manquinha, por outro lado, parecia realmente apreciar a companhia da sobrinha. Carmela, embora criada em um lugarejo rude como São Sebastião, era de uma vivacidade sem igual, aprendia tudo com uma rapidez espantosa. Além do mais, ali estava uma moça ambiciosa, determinada, que sabia apreciar as coisas finas e prazerosas da vida, as preciosas futilidades que constituíam o mundo de Manquinha. Chegou até mesmo a pensar em levar Carmela consigo em sua viagem, mas não havia mais tempo para providenciar passaporte e outras formalidades legais.

Em meados de fevereiro, Manquinha partiu. E tio Olímpio não lhe deu tempo sequer para sentir-se sozinha: matriculou-a em um curso preparatório para a Universidade de Medicina, e, com os estudos, Carmela preencheu seu tempo.

Em março, Manquinha estava de volta. Contava entusiasmada as maravilhas da viagem, mostrava as fotos, distribuía os presentes...

Passada a euforia da viagem, a vida foi voltando ao normal. Manquinha percebeu então que Carmela já se

adaptara àquela casa, que agia naturalmente, com desenvoltura... estranhamente sentiu-se, então, incomodada pela presença da moça... sentia-se, de certa forma, traída, como se Carmela, que não passava de uma roceira, houvesse-se aproveitado de sua ausência para se familiarizar e crescer dentro daquela casa ... Era como se a moça escapasse ao seu domínio, e, uma coisa de que Manquinha fazia absoluta questão era ter o domínio das pessoas que viviam à sua volta. Manquinha não externou claramente aqueles estranhos sentimentos, mas Carmela pôde perceber que alguma coisa havia mudado entre elas. A princípio, não conseguia compreender a mudança da tia, o motivo de tamanha animosidade. Com o tempo de convivência, porém, não foi difícil conhecer o verdadeiro caráter e temperamento daquela tia.

Nessa época, em função do romance com Eugênia, Olímpio tornou-se muito ausente. Na maior parte do tempo, as duas ficavam sozinhas. Tiveram de se olhar, se conhecer, se tolerar.

Manquinha tinha um temperamento muito peculiar. Procurava sempre mostrar-se segura, altiva, poderosa. Na verdade, escondia uma imensa insegurança, um grande despreparo para a vida, um espírito egoísta e atormentado. E assim lidava com as pessoas que a rodeavam: aqueles que ficavam à sua sombra, dependentes de seus favores, cúmplices de suas idéias, certamente teriam sua amizade. Mas aqueles que se rebelavam, que não se curvavam às suas vontades, conheceriam certamente a sua ira. E Carmela parecia tão independente, tão dona de sua vida, tão cheia de si, que Manquinha sentiu-se afrontada. A guerra nunca foi oficialmente declarada, mas o dia-a-dia tornou-se espinhoso, cheio de alfinetadas, olhares rudes, palavras ríspidas, veneno finamente destilado... uma guerra fria, que consumia os sonhos de Carmela e alimentava as vaidades de Manquinha.

Fatos corriqueiros agravavam a situação. Manquinha parecia competir com Carmela a cada momento. Se a vivência e o traquejo a favoreciam, a juventude e a beleza da outra eram imbatíveis. Mas Carmela estava no terreno

do inimigo: sobrevivia ali, às suas custas, dependia dos tios para realizar seus sonhos. E, durante todo o tempo em que esteve ali, não houve um dia sequer em que Manquinha não a houvesse lembrado disso. Parecia sentir um mórbido prazer em humilhá-la.

Era difícil conviver com a agressividade velada e maldosa que havia em cada palavra, em cada atitude da tia Manquinha. Mas Carmela perseguia um objetivo e não estava disposta a desistir de seus ideais. Suportou tudo calada e foi nessa época que escreveu a seu irmão Francisco aquele estranho PS, falando dos perigos de um tamborete manco...

As saudades, às vezes, batiam forte, dilaceravam o peito. A vida no Rio de Janeiro estava sendo para Carmela uma grande chance, mas também um grande desafio e uma grande provação. E foi nos livros que encontrou refúgio. Agarrou-se aos estudos, tornou-se uma aluna das mais aplicadas e, no final do ano, foi aprovada brilhantemente nos exames da Escola de Medicina.

Enquanto, no Rio de Janeiro, Carmela corria atrás de seus sonhos, em São Sebastião, Maria do Rosário e Maria Antonieta cumpriam suas sinas.

Lecionaram primeiro numa escola rural. Durante mais de dois anos, andaram a pé duas léguas, para chegar até a escola, e outras duas para voltar, ora debaixo do sol quente, em meio à poeira vermelha da terra esturricada, ora debaixo de chuva, com os pés atolados no barro. Depois de dois anos, Maria do Rosário obteve a permissão da mãe para aceitar a ajuda do tio Lourenço, que, com seu prestígio político, em poucos meses conseguiu para as sobrinhas duas vagas no Grupo Escolar Benedito Valadares, a melhor escola primária de São Sebastião.

Então as moças tiveram tempo para se cuidar melhor e ânimo para fazer o “footing” na pracinha da Matriz, aos domingos, e logo foram surgindo os pretendentes.

O primeiro e único namorado de Maria do Rosário foi Xisto, um bancário de Esmeraldina, que, em menos de um ano, pediu-lhe à mãe em casamento. Não muito diferente foi o destino de Maria Antonieta, que conheceu e se apaixonou por um rapaz de nome José de Arimathéa.

Em 1956, casou-se Rosário. Em 1957, Antonieta. Em 1963, Carmela formou-se em Medicina.

TERCEIRA PARTE

A Força do Destino

Capítulo 12

Maria do Rosário

A despeito de todas as dificuldades, Maria do Rosário se esforçou para ser feliz.

Xisto era um homem honesto, responsável, trabalhador. Tinha, enfim, todas as qualidades imprescindíveis a um chefe de família... essas que os pais examinam nos pretendentes das filhas, antes de dar o seu consentimento.

Por outro lado, Xisto era um homem de gênio muito difícil. Radical, intransigente, orgulhoso, ciumento e prepotente. Nunca voltava atrás em uma decisão, mesmo se provado e comprovado que poderia estar errado, ou melhor, equivocado. Sim, porque pela ótica de Xisto, ele nunca estava errado, no máximo equivocado. Também não era de aceitar críticas ou opiniões e, normalmente, não permitia a Rosário nem mesmo se manifestar. Mas, acima de tudo, Xisto era extremamente detalhista e meticoloso, o que viria a influir em sua vida com Rosário de uma forma muito peculiar.

Dois anos depois de casados, Xisto, que se distinguia no Banco, foi promovido a Inspetor de Agência.

Os inspetores ficavam um certo tempo em determinadas agências. Ali examinavam em minúcias a escrita e a contabilidade, quase sempre para evitar ou mesmo detectar possíveis fraudes. Era um trabalho solitário, e, nas cidades por onde passavam, os inspetores não chegavam a fazer amigos. Não eram queridos ou estimados, mas sempre respeitados e temidos.

Esse trabalho estava, portanto, em total acordo com a personalidade de Xisto. Entregou-se a ele de corpo e alma, tornou-se um exímio inspetor. Se em alguma agência

as coisas não iam bem, ou havia suspeita de irregularidades, o nome de Xisto era logo lembrado por seus superiores. Conhecia profundamente as contas e todos os procedimentos do Banco. Sabia de cor aqueles nomes difíceis e seus respectivos números. Sua inspetoria era detalhada e minuciosa, e ele sentia-se de certa forma gratificado quando sua astúcia o levava a descobrir fraudes ou irregularidades nas agências inspecionadas.

Com o tempo, sua fama se espalhou, seu nome tornou-se conhecido até mesmo pela Diretoria do Banco. Despertou a admiração de alguns poucos e a ira de muitos. Tornou-se escravo do trabalho. Respirava trabalho, e trabalho era o único alimento que seu espírito e sua mente conheciam.

Por força do novo cargo, passou a viajar muito. Ficava vinte, trinta, até quarenta dias sem ver a família. Naturalmente afastou-se de Rosário e dos filhos. Em sua própria casa, era tratado cerimoniosamente, como um estranho.

Quando passava alguns dias em Esmeraldina, Xisto supervisionava a própria casa com o mesmo rigor e eficiência que auditava as agências bancárias. O chão deveria estar limpo e bem encerado. A cera, entretanto, tinha de ser muito bem espalhada, com um pano úmido, e, depois, o escovão passado, em movimentos rítmicos, sempre no mesmo sentido, de forma que o chão ficasse brilhando e sem manchas. Também não admitia poeira. Examinava cada móvel, por dentro e por fora.

A comida devia ser servida em travessas de louça, sobre toalhas brancas de linho, e os filhos deveriam sentar-se à mesa, todos, mesmo os mais novos, mas todos com o devido cuidado.

Abria os armários da cozinha e verificava se as panelas estavam devidamente limpas e areadas. Abria o roupeiro e cheirava a roupa de cama e as toalhas de banho.

Se alguma coisa não estava como deveria estar, Xisto se irritava. Chamava Rosário, fazia com que se sentasse à sala e então percorria longa e pausadamente sobre os sagrados deveres de uma dona de casa.

Tão logo assumiu o cargo de Inspetor, uma cisma perseguia Xisto em suas viagens: Rosário era nova, bonita e tinha o desejo ardente. Esmeraldina era, naquela época, uma cidade de médio porte, muito movimentada e constantemente visitada por forasteiros. Uma mulher assim, jovem, bonita e sozinha, atrairia o assédio dos homens. A cisma se transformou em medo; o medo, em pavor; o pavor, em certeza. Vivia inquieto e atormentado pelo fantasma da infidelidade. Por fim, para ter um pouco de paz, trouxe sua velha mãe para morar com Rosário e zelar pela honra do casal.

Dona Bertinha era uma velha de setenta e poucos anos, miúda, franzina e mal-humorada. Rosário logo compreendeu por que o marido tinha mania de limpeza e de perfeição. A velha andava pelos cantos da casa, resmungando e procurando um cisco ou um grão de poeira para limpar. Em tudo, encontrava defeitos: na casa, na comida, na maneira como Rosário educava as crianças. Dava palpites o dia inteiro e, se Rosário não se mostrava disposta a ouvir, falava sozinha.

Naquela época, os casamentos eram de fato insolúveis. O que Deus unira, somente a morte poderia separar.

Rosário vinha de um lar pobre, mas confortável, de um ambiente harmonioso e feliz, transbordante de carinho e de vida. Sentiu-se prisioneira daquele marido neurótico e daquela velha rabugenta, obrigada a viver limpando, lustrando, organizando. Somente a morte de um deles – ou dos dois! – poderia libertá-la. No mais profundo de seu íntimo, Maria do Rosário esperava por essa libertação. D. Bertinha já estava bem velha, podia ir embora a qualquer momento... Quanto a Xisto, viajava muito, um dia talvez não voltasse... Passaria, talvez, dificuldades financeiras, para criar os filhos... Mas a mãe certamente a acolheria... e, quem sabe, poderia até mesmo arrumar um novo marido... um homem romântico, que lhe desse muito carinho...

Eram desejos secretos e contidos, e, por causa deles,

Maria do Rosário se remoía de remorsos. Principalmente porque, apesar de todos os defeitos, apesar de todas as exigências e rabugices de Xisto, Rosário não tinha notícias do menor vestígio de infidelidade do marido.

Se a convivência com Xisto foi difícil, por outro lado o cargo do marido trouxe à família uma situação financeira confortável. Naquela época os inspetores recebiam gordos salários e gozavam de grande prestígio no quadro funcional do banco.

Rosário logo arrumou duas empregadas dedicadas, que dividiam com ela a árdua tarefa de satisfazer às exigências do marido e da sogra.

Ao par de tudo isso, vieram os filhos, quase um por ano, sete ao todo: Rubens, Rômulo, Rute, Roberto, Rosália, Robson e Rachel . Todos eles com nomes começados com a letra R, que Xisto gostava das coisas assim, bem organizadas. Todos eles Brandão Ribeiro, que o sobrenome Monte Castro, do poderoso JP, ficara perdido no tempo, entre uma e outra geração.

Rosário tinha esperança de que à medida que o tempo passasse, e viessem os filhos, Xisto se modificasse um pouco, ficasse mais amigo, mais flexível, menos exigente consigo e com os outros. Mas o caminho de Xisto na vida estava traçado, e era assim como uma longa estrada... plana, sem curvas, sem lombadas, sem declives, sem obstáculos. E ele seguiu seu caminho sempre firme, convicto, inabalável... praticamente imutável.

Foi Rosário quem mudou, na tentativa de ser feliz. Com o tempo se acostumou às exigências do marido e às rabugices da sogra. Levava uma vida confortável. Compraram uma bela casa, no melhor bairro de Esmeraldina. Rosário tinha fogão a gás, geladeira, máquina de costura,

confortos que, naquela época, não eram acessíveis a todos. Tinha roupas boas e, nas datas especiais, sempre ganhava uma jóia. Tinham automóvel e, uma vez por ano, faziam uma viagem, nas férias de Xisto, normalmente em janeiro. Fora isso, o marido permitia que ela passasse as férias de julho e o mês de dezembro com a mãe, em São Sebastião. Mesmo fora das férias, visitavam Maria Laura com uma certa frequência, uma vez a cada dois meses.

Pelas próprias imposições de Xisto, os filhos deveriam ser tratados com energia, e viver dentro de rigorosa disciplina. Meninos e meninas deveriam andar sempre muito limpos, bem vestidos e bem penteados, as unhas limpas e bem aparadas. Os deveres de escola deveriam ser feitos com perfeição, os cadernos tinham de estar sempre impecáveis, e os boletins deveriam apresentar notas sempre brilhantes.

Tantas exigências fizeram com que Rosário estabelecesse com os filhos laços de carinho e uma doce cumplicidade. Na presença de Xisto representavam, para evitar confrontos. Mas quando ele partia, estavam sempre prontos para ser felizes...

Nunca ficou provado que Maria do Rosário tivesse tido um outro amor... um homem romântico, ardente, que lhe enchesse de carinhos, nas longas temporadas em que o marido passava fora de casa.

Mas Rosário era uma mulher muito bonita e cheia de vida. Nas ausências de Xisto, gostava de se aprontar e de passear na praça com os filhos. Sempre muito elegante, bem vestida, bem penteada e perfumada... e sempre com um sorriso no rosto! O povo, portanto, entendeu que, se o marido – homem sistemático, cheio de manias! – estava sempre ausente, e a mulher, na sua ausência, estava sempre linda e feliz... provavelmente ela teria um outro amor!

Um dos grandes suspeitos foi Samuel, professor do

Ginásio São Luís. Samuel era jovem, simpático e sonhador. Era professor dos filhos de Rosário e, a pretexto de uma aula particular, um livro emprestado, e outros mais, aparecia com frequência na casa de Xisto. E essa frequência era um tanto maior quando Xisto estava longe. Os anos se passaram, e Samuel não se casou, o que veio reforçar ainda mais a convicção do povo. Diziam até mesmo que os próprios filhos de tudo sabiam e se calavam. E que a sogra, D. Bertinha, estava muito velha, era facilmente enganada...

Nunca ficou provado o que havia de verdade nas palavras do povo. Certo é que Maria do Rosário parecia realmente ser feliz...

Capítulo 13

Maria Antonieta

Antonieta era a filha que fisicamente mais se parecia com Maria Laura. Tinha olhos grandes, muito expressivos, as feições delicadas e bem definidas. Talvez não tivesse a presença marcante da Santinha, mas certamente, quando fazia o “footing” na velha pracinha de São Sebastião, despertava olhares e desejos de muitos rapazes. Poderia ter escolhido, em São Sebastião, o mais rico, o mais bonito ou o mais poderoso... Mas seu coração escolheu José. José de Arimathéa. Téia, o poeta. Téia, o filho do padre. Que não era o mais bonito, o mais rico ou o mais poderoso... mas que certamente era o mais sensível, o mais romântico,

o mais terno de todos...

Téia, o poeta, como era conhecido entre os amigos. Téia, o filho do padre, como era conhecido pelo povo de São Sebastião.

José de Arimathéia, aquele jovem de olhos negros, profundos e brilhantes, carregava o peso de uma história polêmica, de uma origem duvidosa e de um dos maiores escândalos que haviam abalado a moral e os bons costumes da pacata cidade de São Sebastião das Corredeiras.

Há mais de vinte anos, quando a Igreja e boa parte do Arraial arderam em chamas, na noite do casamento da Santinha, chegava a São Sebastião um jovem padre, um holandês da ordem dos franciscanos, Frei Augusto Damasceno. Estava apenas de passagem, junto com outros frades franciscanos.

Mas encontraram a pequena paróquia numa situação lastimável: a Igreja completamente destruída pelo fogo, o velho Frei Horácio cansado e doente, os paroquianos rebeldes e descrentes, as mais diversas superstições e bruxarias se infiltrando nas mentes mais sensatas daquele pequeno rebanho.

Informados da situação, os superiores ordenaram que Frei Augusto passasse uns tempos em São Sebastião, recuperando ali os domínios da Santa Igreja Católica. Culto, dinâmico, empreendedor, foi ele o braço direito de Francisco Brandão na reconstrução da Igreja. Muito mais que isso, em torno de sua figura carismática, reuniram-se novamente os católicos do Arraial.

Frei Augusto era um homem de cerca de trinta anos, alto, porte atlético, cabelos louros e olhos azuis. Talvez o homem mais bonito e atraente que já passara por aquela região. Tinha a voz grave e sonora, e o sotaque holandês enfeitava suas falas. Era alegre, gostava de um bom vinho e de uma boa conversa. Envolveu-se de coração com a vida rude do Arraial e de seu povo, e ali ficou muito mais do que o programado. Tornou-se presença obrigatória em todas as festas, em todos os lares. Tornou-se respeitado e estimado, chegou a ser idolatrado pelo povo de São

Sebastião.

Dois anos depois de sua chegada, o inesperado, o escândalo: como um rastilho de pólvora, espalhou-se pela Cidade o comentário de que Frei Augusto mantinha um romance com D. Leonor, e que era do padre o filho que ela esperava.

D. Leonor era casada com José Mário, comerciante que prosperava, dono da única padaria do Arraial, homem ignorante, de modos rudes e primários. Não poderia haver para aquele homem uma humilhação maior. Jurou que mataria a mulher, o padre e a criança, e a muito custo foi contido por Frei Horácio, Francisco Brandão e outros homens fortes do Arraial. Leonor mil vezes jurou inocência, e não havia provas do adultério, mas na voz do povo e no coração de José Mário, o fato estava consumado. José Mário manteve dentro de casa a mulher infiel, mas nunca mais dirigiu-lhe um olhar ou uma palavra.

Finalmente nasceu a criança – um menino – e foi chamado José de Arimathéa. Não teve outro nome ou sobrenome, foi simplesmente José de Arimathéa. O tipo físico do menino não confirmava, mas também não negava as suspeitas. Tinha a pele levemente morena como Leonor. Os olhos negros e profundos lembravam José Mário. Mas curiosamente trazia no rosto traços finos e bem definidos que lembravam os de Frei Augusto.

O fato arranhou a reputação de Frei Augusto, mas não chegou a denegrir sua imagem, nem a diminuir seu prestígio. Leonor pagou sozinha o crime – ou o suposto crime – do adultério. Frei Augusto, algum tempo depois, foi promovido e ganhou uma paróquia numa cidade próspera, no Estado de São Paulo. Partiu e nunca mais voltou a São Sebastião.

Téia cresceu junto dos outros filhos de José Mário, amado pela mãe, bem aceito pelos irmãos e ignorado, tanto por José Mário, quanto por Frei Augusto. Foi um menino precoce, de inteligência brilhante, desses que, desde cedo, conquistam a atenção e o carinho das professoras. Leu com rapidez espantosa e manejou as letras

com grande facilidade, embora não tivesse a mesma sorte com os números. Apesar de todo o seu brilhantismo, sua condição de vida não lhe permitiu que fizesse mais que o grupo e o ginásio.

Durante muito tempo, Leonor viveu como uma prisioneira, enclausurada em sua própria casa. Depois de alguns anos, José Mário permitiu que Leonor saísse de casa, desde que nunca mais voltasse à Igreja. Leonor, porém, foi discriminada pelas outras mulheres da cidade e optou pelo isolamento. Morreu muito jovem, quando Téia tinha apenas dez anos de idade, e até na hora de sua morte insistia em afirmar sua inocência e em dizer que José Mário era o verdadeiro pai de Téia.

Poucos meses depois da morte de Leonor, José Mário casou-se novamente, e Téia, com seu jeito meigo e seu espírito brilhante, conquistou rapidamente o carinho da madrastra, garantindo, de certa forma, sua permanência naquela casa.

Quando Téia completou quatorze anos, José Mário entendeu que o menino precisava começar a trabalhar. Seu primeiro emprego foi de balconista, em um armazém. Trabalhou em farmácia, em bar, em loja de calçados, no clube... Nunca foi preguiçoso, pelo contrário: era trabalhador, humilde, esforçado. Mas nunca teve persistência em seus empreendimentos. Além do mais, era um sonhador, uma alma de poeta, que vivia intensamente cada momento, mas não se apegava aos valores materiais. Se recebia o salário, era capaz de dividi-lo com mendigos ou de gastá-lo numa noite, pagando comida e bebida para os amigos. Passava depois necessidade por um mês, até receber novo salário e viver novamente um único dia de fartura. Aprendeu sozinho a manejar o violão, fazia poemas e compunha modinhas. Na juventude, foi, portanto, um boêmio, famoso pelas noitadas e pelas serenatas. Pelos amigos era chamado de Téia, o poeta. Mas a coletividade costuma ser impiedosa e implacável, e, para o povo de São Sebastião, sempre foi Téia, o filho do padre. E carregou por toda a sua vida o peso de sua origem, como quem carrega um fardo inevitável.

Téia e Antonieta tinham mais ou menos a mesma idade e foram colegas nos tempos de grupo. Quando, na juventude, seus olhares se cruzaram na pracinha de São Sebastião, de imediato se apaixonaram. Pareciam ter sido feitos um para o outro. Aos domingos, passeavam de tarde pela pracinha, de braços dados, trocavam sussurros e juras de amor. Para Antonieta, Téia fez os mais belos poemas, as mais singelas serenatas. Fez com que se sentisse a mulher mais amada deste mundo.

Por fim, Téia largou o violão, os amigos, a bebida, e viveu para um único objetivo: casar-se com Antonieta. Arrumou um emprego de balconista, em uma loja de ferragens, e procurou dar o melhor de si. Alugou uma casinha simples, mas confortável e bem localizada, e marcaram o noivado.

O namoro de Téia e Antonieta preocupava Maria Laura. Não porque o futuro genro fosse conhecido como o “filho do padre”, mas sim por ser conhecido como “o poeta”. Da infância de Maria Laura eram marcantes as lembranças do irmão poeta, que não conseguira encontrar um caminho na vida e, por fim, se enforcara no banheiro da faculdade. Preocupava-lhe também aquela tendência à bebida, aquele gosto pela boêmia, a inconstância nos empregos, a inegável falta de qualquer ambição. Era evidente o esforço de Téia para mudar de vida, mas Maria Laura não conseguia acreditar no sucesso daquela transformação milagrosa. Conversou com a filha, procurou abrir-lhe os olhos, mas não chegou a proibir ou tampouco posicionar-se contra o namoro. Na verdade, Maria Laura gostava de Téia. Impossível negar que o rapaz, com aquele seu jeito alegre e terno, era uma pessoa cativante. Tinha pena de sua história, de sua origem... Maria Laura e Francisco Brandão haviam sido dos poucos, na cidade, que haviam apoiado Leonor, mais de vinte anos atrás. Não chegaram a ser grandes amigas, mas Maria Laura fora solidária com Leonor naquela passagem tão dura. Por vezes, enfrentara as maledicências

do povo e a ira de José Mário para visitar Leonor, levar-lhe um prato de doces, um bolo, uma oração, uma palavra amiga... sentia-se solidária, ela, que tantas vezes também fora alvo das conversas do povo do Arraial.

Mas, agora, Maria Laura se perguntava: que tipo de marido será esse rapaz, esse poeta? Será ele um homem, capaz de assumir o papel de chefe de uma família? Será esse poeta capaz de fazer Antonieta feliz?

Com Pietra e Juca, Maria Laura dividia suas preocupações, e, por fim, às vésperas do noivado, desabafou:

– Se não podemos mandar em nosso próprio coração, como mandar no coração dos filhos!

Em maio de 1958, Antonieta e Arimathéa ficaram noivos. Em dezembro do mesmo ano, casaram-se.

Téia não tinha um sobrenome para dar à esposa. Deu-lhe seu próprio nome. E Antonieta passou a assinar Maria Antonieta Monte Castro Brandão de Arimathéa.

O primeiro ano de casamento foi como um conto de fadas. Foram dias de paz e amor ardente na vida de Antonieta.

Algum tempo depois do casamento, Antonieta descobriu que Arimathéa passava freqüentemente por momentos dolorosos, de grande conflito e profunda tristeza. Ficava assim durante dias, calado, pensativo, ressentido com a vida... Mas, mesmo nos piores momentos, não deixava de ser o mais doce, o mais gentil, o mais apaixonado dos amantes. Antonieta então se desdobrava em carinhos e cuidados com o marido. Era solidária em sua tristeza. Sentiam-se, então, misteriosamente bem nessa cumplicidade.

Poucos meses depois de casada, Antonieta engravidou. A criança era esperada para o mês de novembro de 1959. Mas adiantou dois meses, nasceu no dia 21 de setembro, entrada da primavera. Era uma menina franzina, mas saudável, e recebeu o nome de Flor Maria, uma alusão à data de seu nascimento.

A menina preencheu os dias e as noites de Antonieta, que já não tinha mais o mesmo tempo para o marido.

Como quem se recupera de uma doença e de repente passa por uma recaída, certa noite, olhando a mulher dormindo exausta, ao lado da nenenzinha, Téia sentiu saudades do violão. Sem sono, subiu numa cadeira, com todo o cuidado para não acordar Antonieta. Como um menino que rouba doces no alto do armário, do maleiro do guarda-roupas tirou seu velho e mudo violão. Acariciou a viola, seus dedos ameaçaram roçar as cordas... Em silêncio, sem fazer o menor barulho, guardou de novo o violão...

Na noite seguinte, tirou novamente a viola do guarda-roupa. E, desta vez, não resistiu. Foi com ela para a varandinha dos fundos. Era uma noite quente, de novembro, os dedos de Téia dedilharam as cordas como as mãos do amante percorrem o corpo da mulher amada. Sem sono, tocou por horas a fio...

Durante várias noites, em segredo, Téia buscou a companhia de seu velho violão. Então, certa noite, para buscar maior inspiração, desceu até um bar, próximo de casa, e tomou um copo de cerveja... Naquela noite, dormiu tão relaxado, que até esqueceu-se de guardar novamente o violão. Por alguns tempos, foi este o ritual: esperava Antonieta dormir, ia até o bar da esquina, tomava um ou dois copos de cerveja e voltava para casa, para ficar sozinho na varanda, tocando seu violão. Por fim, já não tomava mais um ou dois copos, tomava uma ou duas garrafas. E não voltava para casa, para tocar seu violão. Buscava o violão, tocava no bar, junto dos amigos. Mudou de bar, queria rever alguns companheiros... Por fim, lá estava Arimathéa, o poeta, de volta aos bares, aos amigos, às serenatas, à boemia... Bebia todas as noites. Diversas vezes chegava tarde em

casa, depois que Antonieta já havia dormido...

No final do ano, largou o emprego na loja de ferragens, com o firme propósito de abrir uma loja de tecidos. Tinham umas poucas reservas, que poderiam ser usadas no projeto. E Téia idealizou cada detalhe. Em seus sonhos, construiu um cômodo, mobiliou, comprou um estoque razoável, abriu as portas e vendeu e lucrou o dobro do esperado. A loja foi crescendo, prosperando... comprou um cômodo maior, na praça principal... e o povo comentando o sucesso do Téia, logo quem, o filho do padre...

Mas enquanto sonhava, a vida continuava, e as pequenas reservas da família foram minguando... Antes mesmo que Téia acordasse de seus sonhos, já não havia dinheiro suficiente para que o projeto saísse do papel.

Quando Antonieta atentou para o que estava acontecendo, já era tarde demais. A princípio, ela se desesperou. Téia, por outro lado, para esquecer as decepções, se enveredou mais e mais nas bebidas, nas noites, na boemia.

Quando tudo parecia estar perdido, certa manhã, Téia acordou enjoado, vomitando muito... naquele dia, não bebeu. Também não bebeu nos dias seguintes. Parecia determinado a não beber mais. Antonieta estendeu-lhe a mão, empenhou-se em resgatar o marido de seu vício e de suas tristezas.

Téia parou novamente de beber, e, a pedido de Maria Laura, Lourenço conseguiu-lhe um emprego nos Correios.

Naquele ano, a família aumentou novamente, nasceu Pablo. O herdeiro fez bem a Téia, e, nos Correios, ele trabalhou quase dois anos... Finalmente nova crise... os mesmos e velhos problemas...

Foi assim a partir de então: Téia arrumava um emprego, a princípio se empolgava, gostava do que fazia e procurava fazê-lo com dedicação e eficiência. Com o tempo,

o interesse ia esmorecendo, ele mergulhava no tédio e finalmente nas bebidas. Acabava perdendo novamente o emprego, gastava até o último centavo da indenização enquanto sonhava com um novo projeto de vida. Vinham momentos de grandes dificuldades, e muitas vezes dependiam da ajuda de Maria Laura para manter a família, que crescia a cada ano.

Dois anos depois de Pablo, nasceu Último – Último Brandão de Arimathéa. Naquela época, um médico em Esmeraldina começava a apregoar o uso de anticoncepcionais. Téia e a esposa se empolgaram com a idéia, já que pretendiam não ter outros filhos. Mas, como todos os planos de Téia, esse também não se realizou! E Antonieta teve mais dois filhos: Jonathan e Samantha.

Era curioso como Antonieta e Arimathéa batizavam os filhos com nomes pouco convencionais. Como se cada um deles fosse extremamente especiais... frutos de um momento único de amor... frutos de um momento terno e eterno, de um grande e verdadeiro amor...

E foi assim por toda a vida. Téia trabalhava por uns tempos, geralmente uns meses, quando muito, durante um ano. Antonieta então acreditava piamente que ele estava completamente recuperado, tanto da bebida quanto das crises de melancolia. Nesses períodos, não poderia haver um marido melhor, um pai mais dedicado, um cidadão mais correto!... Antonieta acendia velas, mandava rezar missas, agradecia a todos os santos de sua devoção...

Então, quando a mulher estava certa de que seu marido finalmente encontrara um rumo na vida, assim, da noite para o dia, sem qualquer motivo aparente, a vida de Téia se desarranjava. Misteriosamente, como se um poder cósmico, superior, agisse sobre aquela mente e aquele coração. Como se o destino e a vida de Téia fossem particularmente frágeis, capazes de se abalar pelas simples voltas que a terra executa em torno de si mesma ou pelas fases da lua ou mesmo pela força das marés...

E era tudo quase sempre igual. Inexplicavelmente se podia prever o momento da mudança. O primeiro sinal eram os sonhos, os devaneios, os miraculosos e mirabolantes projetos de vida. De repente, não mais que de repente, Téia batia os olhos em um objeto qualquer, que tanto podia ser uma xícara, um sapato ou uma porta, e ali nascia um irresistível projeto de um novo negócio: abrir uma loja de xícaras, pratos, panelas, coisas só de cozinha. Sim, uma idéia que tinha tudo para dar certo! São Sebastião não tinha nada igual! Poderiam ganhar muito, muito dinheiro! E Téia ia cultivando a idéia, seu projeto ia tomando forma, ganhando corpo. Então vinham os sintomas de desagrado com o emprego atual. O tédio... a desmotivação... os atrasos... as faltas sem motivo... Finalmente, ou era demitido, ou pedia demissão. Os primeiros dias sem o fardo do emprego eram dias maravilhosos na vida de Téia. Sentia-se como um escravo, acabando de receber a carta de alforria. Ficava alegre, bem disposto, a cabeça funcionava a mil por hora, programando cada detalhe de seu novo projeto de vida. Chegava a ficar tão agitado pelas novas idéias que não dormia mais que duas ou três horas por noite. Antonieta, mesmo sabendo tudo o que viria depois, acreditava, ou fingia acreditar em cada palavra entusiasmada do marido. Finalmente, vinha o confronto, o duro e mortal confronto com o pior inimigo de Téia: a realidade! Então, à medida que tentava concretizar seus sonhos, Téia descobria que não tinha todo o dinheiro de que precisava ou que aquele ramo de atividade estava em crise... enfim, alguma coisa saía errado. Alguma coisa que, muitas vezes, Téia nem sabia o que era.

E o desfecho era sempre o mesmo: estava sem dinheiro, havia corroído todas as economias da família e, muitas vezes, fizera dívidas...

Então vinha a depressão. Primeiro ficava revoltado, depois melancólico, por fim apático. Mergulhava então na bebida, como quem se agarra a uma última possibilidade de alívio.

E então Antonieta tinha de se desdobrar para arcar com todos os compromissos da família, e, muitas vezes,

pagar as dívidas e limpar o nome do marido. Trabalhava até não poder mais, lecionava, fazia salgados, pegava costuras, doces, bordados. Não recusava trabalho de forma alguma, era incansável! E mesmo assim, as dificuldades eram tantas que, invariavelmente dependiam do socorro de Maria Laura. Era Maria Laura a tábua de salvação, quem trazia o pão, o leite, o arroz e o feijão, quando a mesa e a dispensa já estavam completamente vazias...

E então Antonieta fazia novenas e trezenas, acendia velas, mandava rezar missas... Implorava aos santos, aos anjos e orixás... Fazia simpatias, benzia a casa...

E Antonieta não admitia, de forma alguma, que qualquer pessoa se atrevesse a fazer qualquer crítica ao comportamento de Arimathéa. Nem mesmo sua mãe, que tantas vezes tirava da própria mesa para trazer o sustento dos netos... nem mesmo seus filhos, que se revoltavam e reclamavam, até com justa razão...

De repente, estranhamente, as coisas se ajeitavam novamente. E tudo acontecia quase invariavelmente da mesma forma. Um belo dia, a bebida não lhe caía bem, Téia enjoava, vomitava por horas a fio... No dia seguinte já não bebia. Ficava uns dias acabrunhado, desapontado e envergonhado. Por fim começava a procurar emprego. Pedia ajuda a Juca, reservadamente. Depois a Lourenço. A Maria Laura. Às irmãs. A um e outro amigo. Finalmente, reservadamente, pedia ajuda a todos os amigos, vizinhos, parentes... a toda a população de São Sebastião. A humildade de Téia falava mais alto. Um novo emprego sempre aparecia.

O sentimento de Antonieta era assim uma inexplicável mistura de amor, piedade e companheirismo. Um sentimento tão forte que nem o tempo, nem todas as dificuldades conseguiam abalar. E quanto pior estava Téia, mais Antonieta se desdobrava em carinhos, cuidados, atenção...

Pudesse e Antonieta colocaria Téia numa redoma de vidro, onde nada nem ninguém pudesse atingi-lo.

Só depois de um bom tempo de casados, Antonieta

pôde perceber, em toda sua extensão, a fragilidade do marido. Téia era assim como uma dessas plantas mais raras, frágeis, que dão flores belíssimas, mas que precisam de constantes e intensivos cuidados. Como as orquídeas que Maria Laura insistia em cultivar em um canto de seu jardim: se regularmente regadas e adubadas, se retiradas as ervas daninhas, se redobrados os cuidados nos períodos das secas e das geadas, elas floresceriam gentilmente, e não haveria, em outro jardim da Cidade, nem rosa nem gerânio, nem lírio nem begônia, que se igualassem em perfume e beleza. Mas bastava um pequeno descuido para que elas se ressentissem, ficassem frágeis e ressecadas, envolvidas pelo mato e pelas pragas. Um descuido maior e talvez nunca mais fosse possível recuperá-las... e talvez perdê-las para sempre.

Antonieta teria de ser assim uma eterna, atenta jardineira... Não poderia se distrair ou se descuidar. Mas eram tantas as tarefas e afazeres de seus dias, e eram tantas as preocupações de suas noites, que era impossível estar sempre atenta às inúmeras necessidades do marido...

Capítulo 14

Maria Carmelita

A vida no Rio de Janeiro foi para Carmela um grande desafio, uma grande provação, mas também uma grande oportunidade.

No momento em que Carmela deixou sua casa, sua

mãe e seus irmãos, para seguir com seu tio, em busca de novos ideais, foi como se o destino conspirasse, presenteando Olímpio com a oportunidade de acolher e de se tornar responsável pelo destino de uma das filhas de Francisco Brandão. Carmela tinha no rosto a beleza e a meiguice de Maria Laura. Tinha a vivacidade e a inteligência de seu pai. Mas, acima de tudo, corria forte em suas veias o sangue de seu avô, e bastava olhar fundo nos seus olhos para ver a força, a coragem, a determinação de um legítimo Monte Castro. Para Olímpio não seria difícil se apegar a alguém assim, com o poder de trazer para sua vida a força do passado e a esperança do futuro.

Olímpio fez mil planos para sua sobrinha: faria de Carmela a filha que o destino lhe negara. Criariam laços, os mais estreitos. Olímpio a levaria para passear, acompanharia os seus estudos, seria pai, amigo, orientador. No primeiro ano no Rio de Janeiro, Carmela se preparou para entrar na Universidade. Olímpio matriculou-a em um Curso Preparatório, deu-lhe livros, cadernos, tudo enfim de que ela precisava para seguir seus estudos. Mas a vida atribulada, os compromissos com a profissão, com Eugênia... o tempo passava às vezes tão depressa, que lhe escapava o controle de sua própria vida, e Olímpio deu-lhe pouco, bem pouco de seu tempo. Confiou que a esposa cuidaria de seu dia-a-dia.

Com Olímpio ausente, aquela casa tornou-se o cenário solitário onde as duas mulheres se debatiam numa guerra fria.

Tia Manquinha, em determinadas situações, tratava Carmela com requintes de crueldade.

Quando estavam entre amigos, assumia o pseudo papel de “protetora”. Tratava-a por “meu bem” e “querida”, era maternal, benevolente, atenta, solícita. E então nas entrelinhas, procurava deixar claro para todos que havia tirado Carmela da roça e da miséria absoluta, que a trouxera para a Cidade, e que não media esforços para

fazer da sobrinha uma médica e uma grande dama.

Quando Olímpio estava presente, assumia o papel de vítima: tia preocupada e zelosa, mas sempre incompreendida e, muitas vezes, até mesmo desrespeitada pela sobrinha rebelde. Mostrava-se preocupada com sua alimentação, com seus estudos, com sua saúde... E ao marido pintava a sobrinha como uma menina manhosa, mimada... um pequeno animal selvagem que precisava ser domesticado...

Quando estavam sozinhas, Manquinha alternava entre finas ironias e ataques diretos, quase sempre banalidades: criticava-lhe os cabelos, o corpo, as roupas, os modos. E fazia questão de lembrar-lhe, a cada dia, que morava em sua casa de favor, e que, portanto, deveria ser-lhe grata por tamanha bondade, e sujeitar-se humildemente às regras e ditames daquela que lhe dava o teto e o pão de cada dia.

Na final da década de 50, poucas mulheres ousavam uma cadeira na Escola de Medicina. Mas Carmela estava ali, a despeito de todas as dificuldades e de todo o preconceito, no seu primeiro dia de aula. Sentada na primeira fila, olhos ávidos e vivos como os de uma criança. A partir daquele dia Carmela passava a integrar um grupo seletos e privilegiado, e sua vida tomava novo rumo, e ela já não conseguia vislumbrar com clareza os caminhos que começava a trilhar. Era um mundo novo e encantador, mas totalmente desconhecido, e lhe escapava das mãos a linha de seu próprio destino. Como sempre escapa àqueles que ousam demais...

Nos primeiros anos de Faculdade, por mais que se esforçasse, Carmela não se sentia à vontade na Escola. Era um peixe fora d'água, um estranho no ninho. A escola de Medicina era, naquela época, um reduto da classe média alta do Rio de Janeiro. Pelos seus corredores passavam, com passos firmes, os filhos de médicos famosos, de

advogados de renome, de comerciantes bem sucedidos. E entre eles, em passos inseguros, caminhou Carmela, a filha da Santinha. A moça que nasceu no vale e que cresceu sem saber o que havia do outro lado da serra. Carmelita sentiu-se acuada. Era como se em cada rosto estivesse estampada a pergunta:

“– O que você faz aqui? O que você pretende por aqui? Você não é a filha da Santinha Milagreira? Você quer ser médica? M–é–d–i–c–a? Você deve estar enganada! Você tem que ser professora! Uma professorinha, como suas irmãs. E então você se casa com um rapaz de sua terra e enche a casa de filhos! Você deve ser uma boa parideira...”

Mas os professores e colegas não perguntavam nada. Não falavam nada. Eles iam e vinham e passavam por ela calados; quando muito, dos mais gentis Carmela recebia um sorriso amarelo e um cumprimento. As origens e a vivência de Carmela eram tão diferentes, que não havia como se entrosar naquele meio. Não havia como entabular uma conversa, e nos rostos silenciosos Carmela imaginava palavras duras, como aquelas que normalmente ouvia da tia Manquinha. Era como se acabasse de descobrir que o mundo lá fora poderia estar todo povoado por Manquinhos e Manquinhas...

Na verdade, durante muitos anos, Carmela perambulou por aqueles corredores da Escola de Medicina, como uma sombra, sem se fazer notar, e também sem conhecer realmente as outras pessoas que por lá passavam. Arrastava o pesado fardo de sua própria ousadia: durante muitos anos, talvez durante quase toda a sua vida, Carmela não se perdoou por ter ousado tanto, por ter fugido de seu próprio destino em busca de novos horizontes...

Na sala de Carmela havia apenas mais duas mulheres: eram primas; a primeira, filha única de um médico famoso no Rio de Janeiro; a segunda, filha de um comerciante abastado. Com as moças, o relacionamento de Carmela não

foi melhor. As duas compartilhavam um mundo diferente de tudo o que Carmela conhecia em sua vida e não pareciam dispostas a abrir seu mundo restrito para uma colega.

Uma estranha, pensava Carmela, uma forasteira... uma “caipira”, como dizia tia Manquinha...

Se, na escola, Carmela não conseguiu a amizade e a solidariedade dos colegas, como tanto sonhara, em casa era sempre recebida pelas críticas ferozes e pela ironia maldosa da tia Manquinha. Por mais que tentasse ignorar a agressividade da tia, seus comentários venenosos quase sempre reforçavam aquele seu doloroso complexo de inferioridade. Por outro lado, tio Olímpio, de onde poderia vir algum consolo, vivia cada vez mais envolvido pela profissão e pela amante, e tornava-se a cada dia mais ausente. E Carmela sentia-se cada vez mais só!

Buscou nos livros uma companhia. Dedicou-se aos estudos e não demorou muito para descobrir que era esse o caminho para tornar-se respeitada e estimada pelos colegas e professores. Passava dias e noites inteiras debruçada nos livros, estudava com tal afinho que muitas vezes superava as expectativas dos professores. Inteligente, até mesmo brilhante, depois de algum tempo começou a distinguir-se na Escola.

Começou a ser admirada pelos professores e requisitada pelos colegas, principalmente às vésperas das provas. Nas tão temidas aulas de anatomia, o conhecimento, a calma e o sangue-frio da moça chamavam a atenção de mestres e colegas. Enquanto os outros estudantes tinham náuseas e tremores, Carmela dissecava um cadáver com naturalidade e segurança inigualáveis. Não demorou muito para que fosse escolhida monitora dessa matéria. Independente do reconhecimento inicial, continuou dedicando-se ao máximo. Com o tempo tornou-se assim quase um mito na Escola de Medicina. A perfeição foi para Carmela uma questão de sobrevivência.

Conquistado o respeito dos colegas, Carmela viveu, na Faculdade de Medicina, dias tranquilos e até mesmo alguns momentos gloriosos. Talvez não tenha conhecido o sabor de dias felizes, mas não almejou por eles...

Carmela não sofreu com um marido rabugento, como Maria do Rosário. Também não teve de passar privações e se desdobrar para cuidar de filhos e de marido alcoólatra como Maria Antonieta. Mas, em sua juventude, não conheceu o amor, a emoção de amar e ser amada. Viveu exclusivamente para os estudos e, mais tarde, para o trabalho. Era extremamente simples e prática. Não cultivou amizades, contentou-se com a admiração e o respeito dos colegas. Não teve tempo para caprichos ou vaidades. Algumas mulheres se fazem de fortes, mas, quando sozinhas, desmancham-se em devaneios em frente ao próprio espelho. Com Carmela, foi diferente: escondeu de todos, mas principalmente de si mesma, a fêmea que havia naquele corpo e as emoções que havia naquele coração.

Nas cartas para a mãe e os irmãos, Carmela tentava não deixar transparecer as dificuldades que encontrava na escola, as frustrações e a solidão. Falava de um mundo novo, fascinante, cheio de grandes perspectivas. Falava de pessoas interessantes e dava a entender que vivia rodeada de amigos. Mas era impossível não falar das saudades...

Francisco Brandão construiu o casarão em um lote imenso, que dava a frente para a rua do empório e se estendia para trás, até se encontrar com um dos braços do Rio São Sebastião. Eram mais de dois mil metros quadrados, que abrigavam um belo pomar, uma horta farta, e onde criavam galinhas e marrecos.

Na infância e no começo da adolescência, Carmela gostava de se deitar no quintal, sob uma ingazeira, e ficar horas a contemplar o céu. Gostava de ficar olhando as nuvens, que, caprichosas, iam mudando de forma: um coelho, capaz de se transformar em um leão... um beija-flor, se transformando em um touro bravo... um príncipe encantado... um chapéu... um tesouro... as mais simples imagens, outras totalmente mágicas... E, ao fundo, aquele céu, imensamente azul, de um azul tão intenso e tão etéreo, como uma fina taça de porcelana emborcada sobre a terra. O branco das nuvens e o azul do céu de sua terra ficaram para sempre na memória de Carmela.

Anos depois, sentindo-se tão sozinha no Rio de Janeiro, Carmela descobriu, perto da praia de Copacabana, um pé de ingá. Recostada, ao pé da árvore, Carmela olhou o céu. Era belo, sem dúvida, que o céu é naturalmente belo em qualquer parte deste mundo. Mas não tinha a magia do céu de sua terra. Carmela ficava por longos períodos ali, recostada junto a ingazeira, mas, por mais que forçasse a imaginação, as nuvens se recusavam a assumir formas conhecidas. A magia havia ficado para trás, no passado, atrás da serra. E, olhando o céu, vinha assim aquele vazio na alma, aquele aperto no peito, aquele nó na garganta...

No final de novembro, o coração de Carmela ficava em festa. Quando as provas terminavam, no comecinho de dezembro, Olímpio levava a sobrinha até a estação. Carmela viajava mais de vinte horas, de trem e de ônibus, até chegar em Esmeraldina, onde o tio Juca a esperava na sua velha caminhonete. Então, bastava atravessar a serra, a velha estradinha de terra, sinuosa e poeirenta, de vegetação espessa e rica, e ter a certeza de que, no final da velha estrada, as corredeiras corriam saltitantes, o sol brilhava quente, o vento soprava fresco... Tudo estaria como antes, na pequena Cidade, onde o tempo parecia não passar, e as coisas e as pessoas pareciam ter o misterioso dom de resistir

ao tempo e ao progresso e permanecer assim, imutáveis, imortais...

No início de dezembro, o casarão e o coração de Maria Laura se preparavam para receber Carmela. Os preparativos para a chegada de Carmela se misturavam aos preparativos para o natal.

Pietra e Maria Laura enchiam as velhas latas de alumínio com rosquinhas de nata, brioques, broinhas e um sem número de quitandas. Faziam doce de figo em calda e doce de leite em ponto de corte, que cortavam em forma de pequenos losangos. Limpavam cada canto do casarão, tiravam do velho baú as toalhinhas de linho bordadas e cobriam bandejas e aparadores. Num requinte de ternura, colhiam flores, e enchiam jarras, jarrinhas, jarros. Era a primavera, chegando tardiamente e invadindo cada cômodo do casarão. Havia no ar uma grande carga de emoção e sensibilidade, que se misturava ao perfume das flores e envolvia a todos naquela casa...

Na juventude, o tempo se arrasta, mas, finalmente, em dezembro de 1963, Carmela formou-se em Medicina. Numa cerimônia bela e comovente, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Maria Laura veio de São Sebastião e estava lá, numa das primeiras filas, saboreando cada momento da vitória da filha.

Carmela estava linda, vestindo aquela beca preta .

“Linda como uma noiva”, pensou Maria Laura...

E, assim, Carmela casou-se com a Medicina... na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza...

A estada de Maria Laura no Rio não durou uma semana. Ficou o tempo estritamente necessário para assistir às festividades de formatura da filha.

Olímpio deixou de lado todos os seus afazeres e até mesmo os encontros com Eugênia ficaram em segundo plano. Como um menino, que mostra ao amigo os seus brinquedos, mostrou a Maria Laura as belezas da cidade maravilhosa.

Maria Laura não conhecia o mar. Na infância, levada pela mão de Juca, via lindas cachoeiras, incrustadas na serra, em meio a uma vegetação exuberante. Via agora o mar, levada pela mão de Olímpio... e era tão belo e tão grandioso...

Passearam na Lapa, no Jardim Botânico, visitaram o Cristo e o Pão de Açúcar. Na Cinelândia, Maria Laura se encantou com a revoada das pombas. Guardaria para sempre, na memória, cada momento desses passeios. Olímpio, sempre atento, solícito, parecia uma criança, se deleitando em mostrar para a irmã as maravilhas daquela cidade, como se cada uma lhe pertencesse. Afinal, aquele era o seu mundo, o seu verdadeiro mundo... E havia um encantamento tão grande naqueles passeios... e parecia fazer tão bem a esses irmãos estarem assim tão próximos... Seria quase possível esquecer todo o passado e lembrar apenas que ali estavam Olímpio e Maria Laura, filhos de JP e Elvira Monte Castro...

Mas, ao final de uma semana, a despeito de todas as maravilhas do Rio de Janeiro e de todo o carinho do irmão, Maria Laura ansiava estar de volta à sua pequena São Sebastião das Corredeiras, ao seu velho casarão, à companhia de Juca e Pietra.

Logo depois da Formatura, Olímpio ofereceu-se para montar um consultório para Carmela. Compraria uma sala anexa à sua própria, no centro da cidade, e montariam

um consultório luxuoso. A princípio, Carmela trabalharia como sua assistente e, com o passar do tempo, tio Olímpio lhe encaminharia os clientes, pessoas de bom poder aquisitivo, para que fosse formando sua própria clientela e absorvendo também a clientela do tio. Olímpio já estava com quase trinta anos de profissão, começava a sentir o peso dos anos... faria da sobrinha a sua sucessora.

Carmela ponderou e recusou a oferta tentadora. Aceitaria apenas, e nada mais, que uma carta de apresentação.

A recusa de Carmela abalou Olímpio profundamente. Duas coisas ficavam claras: Carmela iria embora. Os elos se quebrariam. Quando ela viera, Olímpio sonhara em fazer da sobrinha a filha que ele não tivera. Entusiasmou-se quando ela decidiu fazer Medicina. Imaginou longas tardes de sábado, compartilhadas, lendo ou estudando. Esclareceria suas dúvidas, provocaria discussões para que ela se aprofundasse nas matérias. Tratariam assuntos polêmicos, como ética... Mas o tempo passara depressa, Olímpio e Carmela certamente haviam criado laços de amizade, mas não tão fortes quanto ele sonhara. Na verdade, durante todos aqueles anos, Olímpio lhe dedicara menos tempo e carinho do que ele próprio planejava... Dera-lhe casa, comida, estudo... e nada, ou quase nada, de apoio ou carinho. Sim, ela ficara jogada na vida, à mercê da própria sorte. Se queria ir embora, certamente não fora feliz... E agora, talvez fosse tarde demais. A mocinha tímida que o tio Olímpio trouxera de São Sebastião se transformara numa mulher, forte, determinada. Sofrida, talvez. E assim como viera, estava prestes a partir...

O currículo brilhante e a carta de apresentação do tio, o respeitado Dr. Olímpio Monte Castro, abriram para Carmela as portas de clínicas e hospitais, e ela conseguiu uma vaga de assistente em um hospital no Méier. Não era um começo glorioso como o que lhe poderia proporcionar o tio Olímpio. Mas era um começo. E era, também, a sua liberdade. A tão sonhada liberdade!

Dois meses depois da Formatura, sob o pretexto de

ficar mais perto do Hospital, Carmela mudou-se para um pequeno apartamento na Tijuca. O seu próprio apartamento! O seu lar, um cantinho só seu! Naquela época, a sociedade não via com bons olhos as moças que moravam sozinhas. Mas Dra. Carmela era uma mulher formada, uma médica, e, em uma cidade como o Rio de Janeiro, os preconceitos eram menores. Mesmo assim, a princípio, Maria Laura assustou-se com a idéia. Confiava na filha, mas temia que ela sofresse a discriminação da sociedade: a velha e temível língua do povo perseguira e crucificara Maria Laura na juventude, no início de seu casamento, enfim, em seus anos mais felizes. Por mais que evitasse o assunto, a notícia logo se espalhou em São Sebastião das Corredeiras. O povo, ávido de escândalos, saboreou a novidade! A filha da Santinha, formada em Medicina, morando sozinha em um apartamento no Rio de Janeiro! Maria Laura não conseguia ficar completamente imune ao veneno, mas naquela época, suficientemente vivida e sofrida, as maledicências de seu povo a atingiam menos que na juventude. De qualquer maneira, para evitar contrariedades, afastou-se ainda mais do convívio com o povo de sua cidade. Evitava ir à feira, à venda e até mesmo à Igreja, nos horários de maior movimento.

Poucos anos depois de formada, a vida de Carmelita mudara por completo.

Especializou-se em Ginecologia e Obstetrícia, atendia em uma das melhores Maternidades do Rio de Janeiro e era muito bem conceituada. Montou um consultório no melhor ponto de Copacabana e fez uma clientela fiel, que aumentava a cada dia.

Ela própria estava totalmente mudada. Quem via Dra. Carmela entrando em seu consultório não reconheceria naquela mulher altiva e elegante, sempre impecável em seu tailleur branco, a jovem que viera de trás da serra longínqua de São Sebastião das Corredeiras.

Era uma vencedora! Do pequeno quarto e sala da

Tijuca mudou-se para um apartamento amplo, no Leme, mobiliado com todo o conforto disponível naquela época, até mesmo com requintes de luxo e bom gosto. Pouco tempo, porém, tinha Dra. Carmela em sua própria casa, que a maior parte de seu tempo ela dividia entre o consultório e os plantões, nos hospitais. Mas as poucas horas que passava em casa eram preciosas. Gostava de ficar sentada, em um sofá de couro, em um canto da sala de visitas, lendo ou ouvindo música. Olhava, às vezes, ao seu redor, como que memorizando cada móvel, cada adorno... Sentia-se invadir por um orgulho imenso, uma grata satisfação de pensar que aquelas paredes e todas as coisas dentro delas lhe pertenciam! Cada móvel, cada tapete, cada quadro, cada objeto de decoração... tudo tão cuidadosamente escolhido, tão harmonioso... e tudo seu! Comprado com seus próprios recursos, fruto de seu próprio trabalho! Era prazeroso ter, possuir... cada coisa, as mínimas coisas... as melhores coisas...

Carmela tornou-se vaidosa, consigo, com sua casa, com seu consultório. À medida que sua situação financeira melhorava, ela aprimorava a maneira de se vestir, de se pentear, de se apresentar. Apreciava as roupas de seda e de linho, impecáveis, bem cortadas. Apreciava as jóias, principalmente as pérolas. Mas havia, em todas as suas coisas, mesmo as mais requintadas, um toque marcante de discrição.

O consultório, em um prédio de gabarito, na Av. Nossa Senhora de Copacabana, era mobiliado em jacarandá, e a sala de espera exibia pelo menos dois quadros de pintores de nome. Carmela familiarizou-se, assim, com aquele ambiente fino e requintado, como se houvesse nascido em berço de ouro e crescido na riqueza.

Arrumou uma empregada eficiente, uma mulata de nome Lena, que tornou-se uma fiel escudeira. Cuidava de sua casa, de suas coisas e dela própria como uma velha ama seca. Entre as duas mulheres, separadas por uma intransponível distância social e financeira, estabeleceu-se uma grande cumplicidade, e, com o passar dos anos, uma sincera amizade.

Algum tempo depois de formada, Carmela comprou um carro, um Aero Willys. Embora com certa dificuldade, aprendeu a dirigir, o que era uma novidade para qualquer mulher naquela época, mesmo no Rio de Janeiro. Quando, pela primeira vez, chegou a São Sebastião das Corredeiras, ao volante de seu Aero Willys, provocou um escândalo geral. Dessa vez, foi severamente reprovada pelas irmãs, pelos cunhados e até pelo tio Juca: “Carmela ia longe demais, se arriscava. Dirigir não era coisa para mulheres, quanto mais atravessar estradas, de um estado a outro!”

Quanto ao tio Olímpio, por gratidão Carmela sentia-se na obrigação de lhe fazer visitas periódicas, que, entretanto, espaçaram-se cada vez mais. Evitava o convívio com a tia Manquinha, desagradável e desgastante. No meio médico, não tardou para que chegassem aos seus ouvidos os comentários acerca do romance do tio e da bela enfermeira Eugênia. Chegou a vê-los juntos, certa vez, em um restaurante reservadíssimo, no Leblon. Discreta, como de costume, saiu antes que pudesse ser notada pelos dois, para evitar constrangimentos. No fundo, saboreou com prazer a idéia da tia Manquinha traída, trocada por uma morena jovem e bela.

Capítulo 15

Maria das Mercês

Maria das Mercês, desde a mais tenra idade, deixou transparecer os traços de rebeldia de seu caráter. Foi uma criança teimosa e birrenta, brigava com as irmãs, respondia

mal à Pietra e, não raro, levava umas palmadas da mãe. Tinha o raciocínio rápido e aguçado e aprendia tudo com uma grande facilidade, mas jamais brilhou nos estudos como as outras. Enquanto as irmãs apreciavam bonecas, bons livros e trabalhos manuais, Mercês gostava de jogar bola, de se empoleirar nas árvores do quintal e de brincar na rua com os irmãos menores. Mas, acima de tudo, adorava a fazenda. Era lá, na fazenda Santa Marta, que Mercês realmente se sentia feliz. A paixão pela fazenda fez com que Mercês se aproximasse do avô. E o velho JP , embora bastante senil, reconheceu naquela neta um Monte Castro, um legítimo Monte Castro .

Mercês e Lourdinha passeavam de braços dados na pracinha da Igreja, depois da missa das seis. Na porta de um bar, a figura de um homem chamou-lhe repentinamente a atenção. Era um rapaz de cerca de vinte e um anos, moreno claro, de bigodes vastos e cabelos anelados, meio que esvoaçando ao vento de final de julho. Mercês não conseguia tirar os olhos do rapaz, e foi preciso que a amiga lhe chamasse a atenção. Não ficava nada bem ficar olhando assim para um rapaz... Quem era? Lourdinha também não sabia, provavelmente vinha de Esmeraldina ou outra cidade vizinha. As duas contornaram novamente a praça, seguindo o costume do “footing”, e Mercês pôde ver de novo o rapaz. Dessa vez, reparou demoradamente os olhos cor-de-mel e a boca carnuda. O estranho percebeu os olhares, mas a menina era ainda tão jovem que ele certamente colocou em dúvida as intenções daquele olhar. Mesmo assim, bastante audacioso, retribuiu com um sorriso . Mercês foi novamente repreendida pela amiga e seguiu seu caminho, esperando vê-lo novamente. Mas, na terceira volta, ele não estava mais lá.

Segunda-feira. Anoitecia. Um vento frio, de final de julho estava varrendo o vale, e Mercês, enrolada numa manta de lã, levantou-se mal humorada da cadeira de

balanço para atender à porta. Alguém batia palmas insistente, e ela tinha certeza, absoluta certeza, de que se tratava de um pedinte. Maria Laura e Pietra haviam deixado mal acostumados todos os mendigos da cidade! A porta do casarão parecia, às vezes, a porta de uma catedral em dia de dízimo. Essa invasão de privacidade a incomodava muito. Além do que, tinha um certo nojo desses homens e mulheres, sujos e maltrapilhos, que se amontoavam à porta de sua casa, por um simples prato de comida. Por isso, quando Pietra gritou da cozinha, pedindo que atendesse à porta, Mercês fez de conta que estava dormindo, fingiu que não ouviu. Maria Laura costurava no quarto ao lado. Estava tão acostumada às artimanhas da filha, que não se deu ao trabalho de dizer uma palavra sequer. Virou-se apenas, na cadeira, e olhou firme nos olhos de Mercês. A menina não teve dúvidas: levantou-se imediatamente, embora de má vontade, e, resmungando, foi atender à porta.

Lá estava ele, no alpendre, e Mercês mal podia acreditar... o chapéu em uma das mãos, um embrulho de presente na outra... o estranho, o atraente estranho que ela vira na véspera, na pracinha. O espanto do rapaz comprovou que, no dia anterior, ele notara os olhares de Mercês. Mas o moço não se desconcertou, e sua voz saiu firme, positiva:

– Pelo que me disseram... a D. Santinha ainda mora nesta casa... Ela está?

Desconcertada, Mercês não se virou. Segurava a porta com a mão direita, como se não tivesse muita certeza de que quisesse abri-la. Olhava estática para aquele rapaz, que era o homem mais bonito que ela já vira em toda sua vida. Chamou pela mãe, como quem pede socorro:

– Mããããeeee... Visita para a senhora...

Maria Laura veio lá de dentro, arrastando os chinelos, repreendendo Mercês pela gritaria. Na porta, a grata surpresa:

– Salazar, meu filho!

O estranho envolveu Maria Laura num grande e terno

abraço, e só depois Mercês saberia que ali estava um amigo, um grande amigo da família. Salazar, o filho da Landinha .

Maria Laura fez com que ele entrasse, apresentou-lhe a filha:

— Você se lembra da Maria das Mercês, meu filho? Ela era muito pequena quando você foi embora...

E então, havia voltado? Tinha vindo para ficar? Onde mesmo estava morando? Eram muitas as perguntas depois de tantos anos... Pietra, da cozinha, ouviu e reconheceu a voz, veio depressa . Salazar, o menino Salazar... o tempo passara, e ele estava ali, na frente delas, homem feito...

Salazar entrou, foi levado até a cozinha. Pietra coou café e fritou biscoitos de polvilho. Durante mais de hora relembrou o passado. Foi o próprio Salazar quem contou a Mercês sua história: quando ainda era um recém-nascido, fora acometido por uma doença, geralmente fatal: o tétano de coto umbilical, conhecido como “mal de sete dias”. Salazar era o caçula de uma família de doze filhos, seu pai, um pequeno sitiante, sua mãe, a costureira Landinha, não tinha dinheiro para levá-lo ao médico e também não tinha esperanças de que um médico o pudesse curar. Então o enrolou em um manto e o levou até a Fazenda Santa Marta, para receber a bênção da Santinha. Na varanda do casarão da fazenda, D. Santinha rezou pelo menino e lhe deu um banho de ervas. Quando D. Santinha orava, chegou inesperadamente Dr. Olímpio, seu irmão mais velho. Naquela época, esse tipo de oração era considerado bruxaria, e a família de D. Santinha não aceitava o seu dom, o seu magnânimo dom de cura. Dr. Olímpio esbravejou, colocou para fora da varanda a mãe com a criança, e D. Santinha ficou proibida de continuar com suas bênçãos. Mas o menino estava curado!

Salazar cresceu conhecendo em detalhes aquela história, que Landinha não se cansava de contar. Aprendeu, desde pequeno, o sentimento de gratidão. Se estava ali, vivo, devia isso a Deus, no céu, e a D. Santinha na terra. À medida que crescia, nunca se afastou completamente de D. Santinha e do casarão. Gostava de prestar-lhe

pequenos serviços e de simplesmente estar perto dela. Era imensamente grato àquela que salvara sua vida. E, anos atrás, quando correu no Arraial a notícia de que Pietra havia voltado, que estava tuberculosa e perambulava pela cidade, Maria Laura tentou conseguir alguns homens para formar uma comitiva e procurar a filha adotiva de Francisco Brandão. Em vão! Não conseguiu um camarada disposto a cruzar o caminho de um tuberculoso. Foi então que Salazar, sabendo da aflição de sua Santinha, montou um burrinho velho para procurar Pietra. Da mesma forma que Salazar não se esqueceria da sua cura milagrosa, também Pietra e Maria Laura jamais se esqueceriam daquele dia em que o menino Salazar trouxera Pietra e Igor ao casarão.

A vida não foi fácil para Salazar, mas ele guardava lembranças de uma infância pobre, porém feliz. Família numerosa, com poucos recursos, moravam numa casa na periferia do Arraial, um terreno imenso, onde a família criava porcos, cabras e galinhas. Tinham um pequeno pomar, uma horta mal cuidada, e sobreviviam assim, do produto da terra e das costuras de Landinha. Na porta dos fundos da casa, o pai pendurou um sino de bronze, que fazia soar todo dia, na hora do almoço e do jantar, para reunir a filharada em volta da mesa. O sino era ouvido a léguas de distância, e ele ficou conhecido como Zé do Sino. Foi homem muito honesto e trabalhador, homem pobre mas querido e respeitado no Arraial. Quando Salazar nasceu, último de uma ninhada de doze, Zé do Sino já estava velho e doente. Morreu vítima de uma pneumonia, quando Salazar ainda usava calças curtas. A vida ficou ainda mais difícil naquela casa, e, para alimentar tantas bocas, Landinha foi-se acabando na máquina de costura. Não teve tempo para chorar a morte de Zé do Sino, companheiro de tantos anos, e não teve tempo para se esmerar na educação dos filhos. A preocupação com a sobrevivência lhe tomava todas as horas do dia, e os filhos mais novos de Landinha se educaram na rua, à mercê da própria sorte.

Desde o tempo de menino, a personalidade de Salazar se manifestou: forte, decidido, um líder. Nos bancos da escola, nas brigas e brincadeiras de rua, aos domingos, na

Igreja, onde quer que estivesse, sempre liderava um bando de meninos, que seguiam seu rastro e suas ordens.

Depois que terminou o curso primário, Salazar não estudou mais. A partir de então, fez de tudo para ganhar uns trocados: foi engraxate, vendeu picolé na pracinha, trabalhou em farmácia, loja e armazém. Eram esses os empregos possíveis para um rapaz de sua idade, no limitado mundo de São Sebastião das Corredeiras. Por volta dos dezessete anos, junto com outros rapazes pobres da cidade, resolveu partir para São Paulo, em busca de oportunidade de emprego. Deixou um vazio imenso entre os parentes, amigos, enfim entre todos aqueles que o conheciam. Sem Salazar, a casa, a rua, a pracinha... tudo perdia muito de sua graça...

Durante anos, não voltou a São Sebastião. Escreveu umas poucas cartas para a mãe, e poucas notícias se teve dele nesse período.

Finalmente, naquele ano de 1957, Salazar estava de volta...

Ali, junto ao fogão de lenha do casarão, Salazar comeu biscoito de polvilho, tomou o café de Pietra, contou casos, falou da vida do outro lado da serra e observou Mercês. Olhou atentamente os olhos castanhos, as mechas de cabelo meio atrapalhadas e o corpo de mulher que começava a nascer por baixo da manta de lã. Mas observou apenas, por simples instinto, consciente do motivo do brilho daqueles olhos castanhos, mas sem levar a sério o que poderia se passar naquele coraçãozinho. Mercês era ainda muito jovem, vivia aquele incômodo momento da vida, um pouco menina, um pouco mulher...

Naquele dia, quando Salazar foi embora, Mercês trancou-se no quarto e chorou sem motivo, durante um longo tempo, até cair no sono, com os olhos vermelhos e inchados...

A passagem de Salazar por São Sebastião foi fugaz como chuva de verão. Partiu no início de agosto, e por um bom tempo não se teve notícias dele por ali.

No ano seguinte, Salazar voltou. Sua passagem por São Sebastião foi muito rápida, mas mesmo assim fez uma pequena visita à sua Santinha. Encontrou Maria Laura meio adoentada, Pietra mais desanimada, e Mercês um ano mais velha e muito mais bonita. Quando partiu levou a lembrança de Mercês, não mais uma menina de olhos úmidos e suplicantes, enrolada numa manta de lã azul, mas uma jovem mulher despertando naquele corpo de menina.

E assim foi durante alguns anos. Quase sempre no mês de julho, quando um vento frio varria o vale, e a neblina cobria o cume da serra, ele chegava. Vinha ao casarão. Trazia presentes para Maria Laura e Pietra. Ficava horas junto ao fogão de lenha, comia biscoito frito, tomava café, fumava seu “Mistura Fina”. Contava casos de São Paulo, embora nunca falasse de si mesmo. Lançava a Mercês aqueles olhares compridos, cheios de deliciosa malícia, que Maria Laura fingia não ver. Mas não passava disso e Salazar ia embora.

Maria Laura por vezes se irritava, achava que a filha se insinuava demais para o rapaz. Mas Mercês não tinha olhos nem ouvidos para sua mãe ou para qualquer outra pessoa. Ouvia apenas seu coração, aquele impetuoso e rebelde coração.

E, durante um ano inteiro, Mercês sonhava acordada com o momento de rever Salazar. Resistia bravamente ao assédio de outros rapazes e se guardava para o dono de seu coração.

Em julho de 1962, Salazar não veio. Para ter acesso

mais fácil às informações sobre o rapaz, Mercês se aproximou de sua sobrinha, Maria Goretti. A amizade a princípio rendeu-lhe apenas informações sem importância. Finalmente, através de Goretti, ficou sabendo que Salazar viria em dezembro, para as festas de final de ano: estava noivo, traria a noiva e a futura sogra para apresentar à família. A notícia, assim contada casualmente, foi como um punhal no coração de Mercês. Foi como se o mundo se abrisse a seus pés, e sugasse todas suas forças, sua vida, sua juventude. Mercês caiu numa profunda depressão, e deixou-se dominar por um mau humor insuportável. Pietra queixava-se a Maria Laura das respostas mal educadas, e Maria Laura, por sua vez, desabafava com Juca:

– Eu não sei onde errei, Juca. Mas que gênio horrível o dessa menina...

– Ela tem o gênio de um legítimo Monte Castro... – comentou Juca um dia, casualmente. Maria Laura parou e refletiu sobre as palavras do irmão. Havia nelas uma grande verdade. Juca, com toda sua simplicidade, tinha o poder de entender os corações...

Passado o impacto do primeiro momento, Mercês tentou retomar o rumo de sua vida. Movida por aquele gênio rebelde e impulsivo, encheu-se da determinação de arrumar um namorado. Seria esta a sua vingança: quando Salazar viesse, ela também teria um namorado, ou, quem sabe, estaria noiva...

Movida por esse desejo, aproximou-se de Ernesto, rapaz de boa família, em idade de se casar. Namoraram e foi, na época, um namoro escandaloso, motivo de muita conversa entre as comadres, comentários maldosos, que se espalharam depressa pela cidade. No início de dezembro, Mercês e Ernesto ficaram noivos. Marcaram o casamento para maio do ano seguinte. Com a aliança no dedo, Mercês esperou inquieta a chegada de Salazar. Novamente, ele não veio... não mandou notícias... nada se falava sobre ele...

Não havia nada mais inquietante, para Mercês, que aquele silêncio. Queria ter notícias, nem que fossem as piores.

Mercês se preparava para o casamento, sem muito entusiasmo. Na verdade, era Maria Laura quem tomava todas as providências, quem costurava e bordava o enxoval, quem esperava ansiosa a chegada do grande dia.

Numa das primeiras manhãs de abril, umas nuvens espessas cobriram o sol, um vento gelado varreu o vale, e o cume da serra encheu-se de neblina ... presságios de um inverno rigoroso.

E então ele voltou. Voltou sozinho, não se falava em noiva nem em casamento. Estava mais magro, muito abatido, e tinha vindo para ficar. Por motivos ignorados havia deixado o emprego em São Paulo, mas trouxera consigo boa soma em dinheiro. Pela cidade correu o boato de que Salazar havia dado um desfalque no comércio onde trabalhava, que estivera preso, mas que nada fora provado contra ele. Assim, voltava para São Sebastião, trazendo nos bolsos o resultado de seu crime perfeito.

Uma semana depois de sua chegada, Salazar foi ao casarão. Pietra e sua Santinha estavam cada vez mais velhas, e, dessa vez, Salazar notou Maria Laura também mais amarga. Mercês, por outro lado, estava a cada dia mais bonita .

Mercês era agora uma mulher, uma bela mulher. O romance foi inevitável.

Faltava pouco mais de um mês para o casamento, e o comportamento de Mercês scandalizou a cidade,

desmoralizou Ernesto, criou um constrangimento geral. O noivado acabou assim, em clima de escândalo e traição. Maria Laura, que tantas vezes se confrontara com a opinião do povo, desta vez sentia-se fraca, envergonhada pela atitude da filha.

Aos pés de sua Virgem Santíssima, por vezes ela rezou.

Ficava assim uma sensação de impotência em relação aos filhos. Eles estavam ali, espalhados pelo mundo, cada um deles à mercê de seu próprio destino. A todos ela dera o melhor de si: ensino, educação, formação moral... e nada disso parecia ser suficiente para impedir que eles saíssem pelo mundo, dando suas cabeçadas, sofrendo e fazendo sofrer... como uma sina... eles precisavam cumprir seus destinos, e Maria Laura compreendeu perfeitamente que não cabia a ela segurar a tênue linha do destino de cada um deles.

Em agosto daquele mesmo ano, Salazar e Maria das Mercês ficaram noivos, e o casamento foi marcado assim, meio às pressas, para o final de outubro. Carmela e Francisco suspeitaram de uma possível gravidez. Mercês negou veementemente, e Maria Laura repreendeu os filhos: deixassem Mercês e Salazar em paz. E não se falou mais nisso.

O casamento foi uma linda festa, que as duas famílias eram grandes e tiveram imenso prazer em se unir. Mercês, muito exigente, escolheu o vestido mais caro da mais requintada loja de noivas de Esmeraldina. A Igreja foi toda enfeitada de tulipas, e até músicos de fora foram contratados para cantar. Maria Laura acabou gastando até o último centavo de suas economias. Mas, de certa forma, valeu a pena: Mercês estava linda de noiva, e o casamento foi uma cerimônia inesquecível.

Um mês depois do casamento, Mercês falou na gravidez, tinha praticamente engravidado na lua-de-mel. A criança nasceu prematura, de seis ou sete meses, mas era um bebê enorme, muito saudável, um menino: Francisco, em homenagem ao falecido avô.

O comércio de Salazar prosperava, e Mercês tinha uma vida farta e tranqüila.

Um ano depois do casamento, Salazar ingressou na política. Aliado ao partido da esquerda, elegeu-se vereador. Foi o vereador mais votado, fez um mandato brilhante e candidatou-se a prefeito, em oposição a Lourenço Monte Castro, que já estava velho, cansado, e com a imagem desgastada na cidade. Em 1970, Salazar foi eleito prefeito.

Mercês era excessivamente ciumenta. Tornaram-se cada vez mais freqüentes as crises de ciúmes, as brigas intermináveis, as agressões. Não raro, Maria Laura era chamada para aplacar a ira da filha.

Salazar, por outro lado, fazia apenas por onde resguardar sua imagem como político: longe dos olhos do povo e de Mercês era um romântico incorrigível, que não resistia a um rabo de saia. Tinha apenas a preocupação de manter a imagem do político: homem correto, marido amoroso, pai de família exemplar.

Mais por ciúmes do que por qualquer outra coisa, Mercês acompanhava Salazar nas viagens políticas, nos comícios, nas festas. Francisco foi praticamente criado por Maria Laura e Pietra.

Três anos depois nasceu Renato, e seu destino não foi diferente. Em seguida, vieram Débora e Alexandre, e Maria Laura viu novamente o casarão encher-se de crianças.

Capítulo 16

Prêmio e castigo

No vale, os gêmeos cresceram livres, de pés no chão, com cheiro de mato. Assim foi a infância de José Francisco e José Augusto: no quintal imenso do casarão, nas ruelas de terra dos arredores de São Sebastião e na Fazenda Santa Marta. Somente na adolescência, viriam a sentir o peso de ser os únicos machos naquele casarão povoado por mulheres.

Os herdeiros sonhados por Francisco Brandão cresceram livres, isentos do passado. Não carregaram na infância as lembranças mórbidas do assassinato do pai. Francisco Brandão era apenas um retrato, na parede da sala de visitas. E Juca foi o verdadeiro pai. O pai que sempre chegava aos sábados, pela manhã, montava os meninos na garupa de seu cavalo, e os levava ao paraíso que era a Fazenda Santa Marta.

E os gêmeos cresceram à imagem e semelhança daquele tio. Apegados à terra, raízes fincadas no vale, ao pé da serra.

Em fevereiro de 1958, José Francisco e José Augusto integravam a caravana dos moços de São Sebastião das Corredeiras, rumo a Esmeraldina. O destino, o Ginásio São Luís, o mesmo e tradicional Ginásio onde Juca, Olímpio e os outros tios haviam estudado.

O Ginásio São Luís era um colégio interno, o melhor da região. Uma instituição secular, passagem obrigatória de todos os jovens que tivessem condições financeiras para estudar. Era famoso pelo alto nível de ensino, pela

austeridade e pela disciplina. Era prêmio e castigo, na vida de qualquer rapaz.

E foi ali, entre aquelas paredes, que os gêmeos se defrontaram com a vida. Descobriram um mundo imenso, que havia do outro lado da serra. Um mundo complexo, variado. Sentimentos nunca antes sonhados, emoções não imaginadas. Mas tudo isso a um alto preço! Que, no ginásio, São Luís, os moços aprendiam a importância do “saber” e do “ter”... uma geração inteira que era criada para vencer na vida.

E, acima de tudo, os gêmeos firmaram com a vida um inevitável compromisso de sucesso.

A cada vez que os gêmeos voltavam a São Sebastião, Maria Laura olhava os filhos nos olhos. Procurava os seus meninos. Os moleques felizes, que haviam partido cheios de esperança e de temor. Mas eles não estavam mais lá. Ali, diante de Maria Laura, estavam dois homens. Audaciosos, prontos para desafiar a vida.

Em busca do mesmo ideal – o inevitável, o inadiável compromisso de vencer – os gêmeos trilharam seus caminhos. Terminado o curso ginasial, em Esmeraldina, seguiram juntos, em janeiro de 1964, o mesmo destino e o mesmo propósito. O destino, São Paulo. O propósito, vencer.

José Francisco e José Augusto estavam pré dispostos ao sucesso, a qualquer preço. Resgatar a fortuna e o prestígio dos antepassados, que conheciam através de tantas histórias contadas pela família e pelo povo de São Sebastião. Afinal, eles eram os herdeiros do sobrenome Monte Castro Brandão. Frutos tardios do casamento do poder e da riqueza. E estavam prontos para exigir de volta da vida tudo o que ela lhes tirara.

“– Será a ambição um sentimento próprio dos

homens?” – perguntou um dia Maria Laura, casualmente, a Pietra. Pietra suspirou fundo, balançou a cabeça negativamente, mas não respondeu. Na verdade, Maria Laura não queria uma resposta. Assim como não queria acreditar que seus meninos haviam deixado de existir. Para Maria Laura eles ainda viviam, no corpo daqueles homens que lhe beijavam carinhosamente a testa, na hora da despedida. E então partiam, decididos. Como soldados, partindo para uma guerra. Dispostos a seguir brigando, encarando, desafiando a vida.

Quando José Francisco e José Augusto chegaram em São Paulo, em janeiro de 1964, o país borbulhava sob os efeitos dos últimos acontecimentos políticos, que culminariam na Revolução de Março de 64. Mas os gêmeos se mantiveram alheios à política, assim como se manteriam alheios a tudo aquilo que não os conduzisse na direção de seu propósito de vida.

José Francisco e José Augusto levaram na bagagem uma carta de apresentação, do diretor do Ginásio São Luís, endereçada a um grande amigo, gerente de um banco. Graças a ela, conseguiram emprego. Era a primeira vitória: não depender do dinheirinho da mãe, nem mesmo da ajuda do tio Juca. Seguiriam, a partir de então, por seus próprios meios!

De início, os filhos escreviam sempre, as cartas eram carinhosas e ajudavam a matar as saudades de Maria Laura. Sempre que possível, eles vinham a São Sebastião das Corredeiras, e era sempre uma festa recebê-los. Com o passar dos anos, as cartas e as visitas se espaçaram. Maria Laura sofria calada.

“– A ingratidão será um sentimento próprio dos homens?” – perguntou certa vez, casualmente, a Pietra.

Mas quando Pietra ia responder, Maria Laura a interrompeu:

“– Não, por favor, Pietra, não responda. Na verdade, eu não quero ouvir a resposta.”

Em 1965, os gêmeos entraram na Faculdade; em 1969, se formaram. José Francisco, em Engenharia Civil; José Augusto, em Engenharia Química. Dos tempos de Faculdade, guardariam saudades e boas lembranças. Não tiveram de superar dificuldades e discriminações, como Carmela. Eram pobres, vinham do interior: mas eram homens, o que por si só os colocava em uma posição privilegiada em relação à irmã.

Alguns poucos meses após a formatura, os gêmeos estavam bem empregados, seguindo firmes no seu propósito de vencer na vida.

A partir de então, bastava seguir com determinação a linha do destino. Tornaram-se profissionais bem sucedidos, se casaram, tiveram filhos. Moraram bem, compraram bons carros, fizeram viagens. Foi uma vida de muito trabalho, mas também de muito conforto. Em alguns momentos, talvez, lhes tenha parecido muito alto o preço da vitória. Mas a sua trajetória era uma estrada de mão única, e os gêmeos nunca vislumbraram o caminho de volta.

Capítulo 17

Mais fugaz que a própria vida

Durante muitos anos, no dia 13 de junho, Irene acompanhou descalça a procissão de Santo Antônio. Jamais

revelou a ninguém a graça que pedia com tanto fervor ao santo casamenteiro. Diziam as más línguas que Irene suplicava pela morte de Berenice, para que pudesse unir-se a Juca oficialmente.

Na verdade, era por Maria Isaltina que Irene rezava.

Há muito Isaltina passava da idade de se casar, sem que aparecesse um pretendente. Isaltina, na verdade, não era moça de grande beleza. Mas era uma mulata vistosa e muito prendada. Apesar da insistência de Juca, Isaltina nunca quis estudar. Fez até o terceiro ano do grupo, numa escola rural. Com o tempo, esqueceu o que aprendeu. Lia sofrivelmente e não escrevia praticamente nada. Assinava seu nome com firmeza, e isso parecia lhe bastar. O cotidiano, junto da mãe, entretanto, fez de Isaltina uma moça de grandes prendas domésticas. Maria Isaltina cozinhava, lavava, passava, arrumava, tudo com perfeição. Além disso, manejava com precisão todo tipo de agulha, tricô, crochê, ponto cruz e outros mais.

Mas com todas as prendas, e considerando ainda que era criada por Juca como sua própria filha, ainda assim não aparecia um pretendente.

Irene temia que Isaltina terminasse solteirona. Pior ainda, que terminasse como ela própria, como amásia de um fazendeiro qualquer... Por mais que fosse feliz junto de seu Juca, por mais que fosse ela a verdadeira dona daquela casa, Irene era “a outra”... “a amante”... “a amásia”... “a companheira”... E jamais conheceria o doce sabor de ser a “esposa”.

Mas o tempo passava, e Isaltina não descobria sua cara metade. E também parecia não se incomodar. Era uma moça alegre e bem disposta. Passava o dia cuidando de Pedrinho, ajudando na cozinha e tinha disposição de sobra para uma noite inteira no pequeno salão do clube recém-inaugurado, perto da Igreja. Adorava dançar! E era companheira disputada pelos rapazes para qualquer ritmo, do samba à valsa, ao bolero.

Em 1962, o anjinho partiu. Nessa época, por volta dos vinte anos, o anjo habitava um corpo que já era de um homem adulto. Mas os membros continuavam soltos e bambos, desconectados do corpo. O rosto ainda era de um menino, com aqueles olhos negros, imensos, brilhando como duas enigmáticas estrelas. Nunca teve pêlos, no rosto ou no corpo, o que reforçava a idéia de uma criança crescida.

Numa tarde de setembro, Irene percebeu que o anjo estava febril. Em seguida, veio a dor: o anjinho gemia de dor, mas como não sabia falar, ninguém conseguia descobrir o que ele sentia. Mas Irene percebeu que sua cabecinha estava muito rígida, e, no dia seguinte, partiram com ele para Esmeraldina.

A agonia foi rápida, como deve ser para os anjos e para os passarinhos. Pedrinho morreu dois dias depois, de meningite, no Hospital de Esmeraldina. Foi sepultado na Fazenda Santa Marta, ao lado de Elvira e Inácia.

Toda a família sentiria a morte do anjinho, mas Isaltina, de um modo especial, sentiria mais a sua falta. Sem Pedrinho para cuidar, os dias ficaram longos e vazios. Isaltina passava horas sentada na varanda do casarão, mergulhada dentro de seus pensamentos, como se quisesse descobrir um sentido para as coisas que aconteciam ao seu redor. Pedrinho! Quem afinal seria Pedrinho? Um anjo, como dizia Maria Laura? Por que viera, afinal? E por que partira? E por que, afinal, os dois haviam-se encontrado, nesta vida? Não tinham qualquer laço de sangue, e, por um capricho dos deuses, haviam dividido o mesmo teto, o mesmo lar, a mesma família. E Pedrinho se tornara assim como um irmão mais novo, para ela. Todas as manhãs, Isaltina levava Pedrinho, em sua cadeira de rodas, para tomar um pouco de sol nos terreiros de café. Então, gostava de conversar com ele. Contava-lhe seus casos, falava-lhe dos bailes, dos namoricos com os rapazes da cidade. Então, cantava para ele. Assim como gostava de dançar, Isaltina gostava de cantar. Embora jamais tivesse estudado qualquer língua estrangeira, repetia com

perfeição as músicas italianas, francesas e americanas que ouvia nos bailes. Jamais soube se Pedrinho podia ouvir ou até mesmo compreender as coisas que lhe falava ou lhe cantava. Mas Isaltina estava certa de que ele podia sentir a magia desses momentos de carinho e dedicação.

Nos dias em que Pedrinho esteve internado em Esmeraldina, Juca encontrou-se casualmente, na porta do Hospital, com um amigo dos velhos tempos de Internato. A passagem de Juca pelo Colégio São Luís fora muito rápida, mas era impossível não se lembrar de Antenor, antigo companheiro de quarto.

Alguns meses depois da morte do anjinho, Antenor e o filho mais velho estavam de passagem por São Sebastião, comprando gado. Resolveram passar pela Fazenda Santa Marta. E foi assim que Saulo, filho de Antenor, e Maria Isaltina ficaram-se conhecendo. Saulo era viúvo há alguns anos; tinha três filhos pequenos e, de certa forma, estava em busca de uma nova companheira. Não foi difícil que se apaixonassem, nem mesmo que se entendessem. Parece até mesmo que a idéia de cuidar dos meninos, de certa forma, atraía Maria Isaltina.

Isaltina não se acostumara a ter uma vida própria. Era uma dessas pessoas que precisam se sentir úteis a alguém, fosse quem fosse.

“– Quem sabe os pequeninos não preencheriam aquele vazio imenso que o anjinho havia deixado?” – pensava. “E depois, de certa forma, era como se os deuses e o próprio anjinho houvessem conspirado para aquele encontro. Afinal, Juca e Antenor só haviam-se encontrado porque Pedrinho estivera internado em Esmeraldina. E, sem aquele encontro, Antenor não teria procurado o velho amigo em São Sebastião. E eles não teriam se encontrado...”

E assim, no ano seguinte, Saulo e Maria Isaltina se casaram e se mudaram para uma pequena fazenda nos arredores de Esmeraldina.

Depois que todos os filhos partiram, em busca de seus destinos, Maria Laura começou a sofrer de solidão. O casarão ficou vazio demais. Pietra se lastimava todos os dias por ter de cozinhar em panelas tão pequenas. Reclamava do silêncio e achava que, por mais que limpasse a casa, ela vivia empoeirada: aquela poeira fina e traiçoeira, que cobre depressa as casas vazias. Maria Laura a repreendia, falava que Pietra era uma sentimental incorrigível. Mas seria impossível negar que os dias haviam ficado mais longos, e o anoitecer, mais melancólico.

Não seria diferente, na Fazenda Santa Marta. Um a um, todos foram partindo: Sílvio, Júlio, o Anjinho, Maria Isaltina... cada qual cumpriu o seu destino.

O casarão da fazenda Santa Marta ficou imenso, vazio. JP estava muito velho e doente. Berenice, ainda jovem, jamais sairia do abismo colorido de suas fantasias. Juca e Irene se aproximavam dos cinquenta anos, por vezes pareciam cansados e desiludidos. Durante alguns anos, o casarão pareceu silencioso e amargo. Habitado apenas por velhos, suas dores, suas lembranças e seus fantasmas.

O tempo passa muito depressa, a vida é mais fugaz do que se deseja. Na difícil transição entre a idade adulta e a velhice, as pessoas precisam de muita coragem para enfrentar a passagem do tempo. É preciso uma grande força interior para olhar com desprendimento para tudo que ficou para trás. E é preciso uma coragem ainda maior para entender e vislumbrar coisas belíssimas que estão à frente. Juca, Irene, Pietra e Maria Laura viviam esse momento especial de suas vidas. Meio surpreendidos pela passagem do tempo, a princípio se amarguravam. Suas casas lhes pareciam tão grandes, tão vazias... por outro lado, a vida parecia tão pequena e também tão vazia...

A solidão era subitamente quebrada por uma invasão de filhos, filhas, genros, noras, netos... Eles vinham de repente, sem prévio aviso. Ocupavam cada canto da casa e da alma de seus velhos.

Maria Laura e Pietra sabiam que eles sempre vinham

no Natal. Em novembro, ansiosas como crianças, elas começavam os preparativos para a festa. Tiravam dos maleiros dos guarda-roupas aquelas caixas amareladas pelo tempo, onde ficavam guardadas as peças do presépio, as bolas coloridas e a árvore de natal. O mês de dezembro passava depressa, envolvidas que estavam em enfeitar a casa, fazer as quitandas e os doces de frutas cristalizadas. A festa, cuidadosamente preparada durante um mês, durava apenas algumas horas... mas tinha o poder de ser lembrada durante um ano...

Capítulo 18

Palavras teriam a força de mudar destinos

O romance de Olímpio e Eugênia durou exatamente 10 anos. Muito, para uma aventura. Pouco, para corações apaixonados, que juravam amor eterno.

Em meados de 1967, Olímpio começou a notar em Eugênia os primeiros sinais de indiferença. Primeiro, ficou mais calada. Tornou-se uma amante menos ardente. Olímpio atribuiu a mudança ao cansaço e ao desgaste natural da relação. Comprou-lhe um colar de esmeraldas, certo de que não havia nada melhor que uma bela jóia para reavivar a chama da paixão. Eugênia apreciou muito o presente, emocionou-se com a demonstração de carinho, mas o entusias-

mo durou uma noite apenas. No encontro seguinte, estava novamente fria e desinteressada.

E assim permaneceu, nos encontros que se seguiram...

Olímpio sofreu calado com a transformação de Eugênia. Era uma dessas mágoas que um homem não tem com quem dividir. Finalmente, falou com a amante. Mas não abertamente, que a relação de amantes nem sempre é aberta a cobranças como a de marido e mulher. Falou-lhe timidamente. Estava no limiar, entre o orgulho e a paixão. E esses dois sentimentos eram igualmente fortes no seu coração.

Sugeri-lhe apenas que alguma coisa poderia estar mudando entre eles, supondo que ela retrucaria com veemência, afirmando que nada, absolutamente nada havia mudado entre eles... Eugênia, entretanto, ouviu calada, cabeça baixa, pensativa... finalmente, desculpou-se com evasivas. Ficou claro que escondia alguma coisa. Também ficava claro que não queria mentir, e que lhe faltava coragem para enfrentar a verdade. Tudo isso estava claro, até mesmo para a mente menos aguçada. Mas, definitivamente, não estava claro para Olímpio, que estava cego e surdo a tudo aquilo que fosse diferente do que queria ver e ouvir.

Eugênia faltou ao encontro seguinte. Em dez anos, isso nunca havia acontecido. Nem mesmo pequenos atrasos. Durante tantos anos, os encontros haviam sido freqüentes, e os amantes, pontuais. Mas, naquela terça-feira, Eugênia não apareceu. Não telefonou, não mandou um recado. Sozinho, no apartamento, durante horas Olímpio removeu a sua decepção. Era preciso admitir. Por mais doloroso que fosse, era preciso encarar a realidade.

Era definitivamente o início do fim. Daquele dia em diante, aberto o precedente, os atrasos se tornaram uma constante. E, por diversas vezes, ela não apareceu. Olímpio ficava tenso, na expectativa de que ela poderia se atrasar demais, ou mesmo não aparecer.

Aquela situação se arrastou durante meses. Era o amor em sua fase terminal, a morte lenta e dolorosa da paixão. Inconformado, inseguro e ainda apaixonado, Dr. Olímpio se esforçava desesperadamente para não admitir a realidade.

No final de setembro, Eugênia faltou a outro encontro. Andando de um lado para outro, no apartamento solitário, Olímpio enumerava mentalmente os motivos para uma mudança tão grande. Tentava, em vão, afastar de sua mente aquele que certamente seria o mais provável: um outro homem. Mas Olímpio não podia mais fugir das evidências.

Num ímpeto se vestiu e partiu para São Cristóvão. Parou o carro a um quarteirão da casa de Eugênia, surpreso consigo mesmo. Não deveria estar ali. Não era exatamente do feitio do respeitado Dr. Olímpio Monte Castro ficar dentro de um carro, na calada da noite, à espreita de uma mulher infiel. Tentou-se controlar. Sentiu a cabeça doendo. As mãos tremiam, e ele suava frio. Um casal subia a rua, de braços dados. Riam, sussurravam segredos. Na penumbra, Olímpio jurou que a mulher era Eugênia. Não resistiu: jogou sobre eles o farol alto, para consumir o flagrante. Eram dois desconhecidos, que se assustaram com a luz forte. Olímpio, envergonhado com sua própria atitude, deu partida no carro e saiu acelerado.

A desconfiança fez do dia-a-dia um tormento. Os poucos bons momentos que restavam foram minados. Olímpio estava sempre tenso e mal humorado. De terno e romântico, tornou-se cínico e agressivo. Eugênia, a cada dia, parecia mais triste, distante e desiludida.

Mas não se olharam nos olhos, não se atreveram a enfrentar suas diferenças. Deixaram que o amor fosse morrendo assim, de maneira silenciosa e irreversível.

No final de novembro, um bilhete de Eugênia, deixado sobre a mesa do apartamento, colocou um ponto final na agonia lenta da paixão.

Dizia apenas: “Nós dois sabemos que é chegada a

hora do adeus. Se nos tem faltado coragem para a separação é porque vivemos muitos momentos felizes. Mas, nos últimos tempos, temos vivido de rancores e desconfianças. Não podemos continuar assim. Por isso, não voltarei mais. Levei minhas coisas pessoais, inclusive algumas fotos. Te desejo felicidades, do fundo do meu coração.”

O romance terminou assim, um caso mal resolvido, sem que se esclarecessem as desconfianças de Olímpio.

A vida, sem Eugênia, ficou vazia, perdeu o sentido. Olímpio sentiu-se velho e cansado. Como se, da noite para o dia, sentisse todo o peso de seus cinqüenta e sete anos.

Naquele ano de 1967, Olímpio não veio para o Natal. Amargurado com o fim do romance com Eugênia, tirou férias no consultório, no hospital e acompanhou a mulher em sua costumeira viagem ao exterior. Manquinha, caprichosa, achou por bem antecipar a partida e passar na Europa o Natal e a Passagem de Ano. Embarcaram 20 de dezembro, num majestoso boeing, avião de último tipo, que atravessava o Atlântico em pouco mais de doze horas. Partiram com toda a viagem programada: Natal em Paris, passagem de ano em Veneza, uma estada rápida em Madri, uns poucos dias na Itália, um fim de semana em Lisboa e, finalmente, alguns dias nos campos de esqui da Áustria. A viagem dos sonhos de Manquinha!

Sem Olímpio, o Natal perdeu muito de sua graça. O Natal é a festa da confraternização, uma única ausência coloca em risco sua alegria.

Na tarde do dia 24, enquanto terminavam os preparativos para a ceia, Maria Laura se fazia de orgulhosa, procurava não clamar a falta do irmão. Mas Pietra desabafou:

– Eu bem sei por que o Olímpio não veio para o Natal este ano...

– Ora, Pietra... Porque ele viajou! Simplesmente por isso! – Maria Laura tentou assim colocar um ponto final na conversa. Mas Pietra, definitivamente, queria desabafar.

– Que viagem, que nada, Santinha! Podia bem viajar depois do Natal. Onde já se viu passar o Natal viajando, longe da família? Isso foi arrumação daquela mulherzinha dele, aquela empombada... aquela Mancota!...

– Não é Mancota, é Manquinha! – Maria Laura riu da simplicidade da outra. Mas sorriu com vontade de chorar – Aliás, Pietra, não é Mancota, nem Manquinha, é Louise Marie!

– Pois pra mim é Manquinha, Mancota, Mancuda, Mancomunada! E deve ser mancomunada com o diabo. Aquela mulherzinha não gosta de nós, Santinha, e você sabe disso muito bem. Ela vem aqui forçada, para acompanhar o seu irmão. Mas pra ela é um sacrifício passar o Natal conosco. Aquilo lá é um poço de orgulho... uma... uma... – Nervosa, Pietra procurava a palavra para definir a esposa de Olímpio – uma...

– Uma presunçosa! Orgulhosa! Pedante! – Foi Carmela, que, chegando na cozinha, ouviu a conversa e completou as palavras de Pietra.

– O que é isso, minha filha? – Maria Laura fingiu se espantar. Na verdade, sempre imaginara que Carmela sofrera muito na casa do irmão – Você sempre pareceu se dar tão bem com sua tia... Afinal, morou tantos anos com eles, nunca clamou nada...

Carmela suspirou fundo, a voz saiu meio engasgada:

– Deus sabe o que eu passei naqueles anos todos, mãe!... Deus sabe...

Maria Laura largou sobre a mesa o prato de frutas cristalizadas, que preparava com tanto carinho. Olhou nos olhos da filha. Brilhavam mais que o normal; uma lágrima rolou sorrateira pelo rosto de Carmela:

– E valeu a pena, minha filha? Será que pelo menos todo esse seu sacrifício valeu a pena?

– Não sei, mãe. – Carmela balançava a cabeça negativamente – Quem pode saber? Foi uma escolha, eu fiz a minha escolha. Se nunca tivesse partido, a minha vida certamente seria muito diferente do que é hoje. Provavelmente teria um marido, filhos... mas não teria a minha profissão! Será que eu seria mais feliz? Não sei, mãe! Será que valeu a pena? Também não sei... A pergunta da senhora não tem resposta, mãe... A gente nunca fica sabendo o que não viveu, não é mesmo?...

No final da frase, as palavras estavam entrecortadas de emoção, e Maria Laura percebeu lágrimas na voz e no rosto de sua filha. Como uma adolescente, Carmela deu as costas e saiu correndo para o quintal. Durante um bom tempo, Maria Laura espiou a filha, de longe. Sob o pé de ingá, Carmela chorava sentida. Por duas vezes, Maria Laura quis ir até o quintal, num ímpeto de envolver a filha num abraço, dar-lhe colo, como nos tempos de criança. Pietra a deteve.

– Deixa a menina, Santinha. Ela está precisando desse choro... Você conhece a Carmela. Se você chegar lá, ela vai secar as lágrimas antes da hora.

Pietra tinha razão. Carmela era orgulhosa, não gostava de dividir seu pranto com ninguém. Desde menina, sempre fora assim. Cada qual, de um jeito. Rosário, durona, uma rocha. Não se emocionava, era como se nada a pudesse atingir. Carmela, orgulhosa e sentimental. Não gostava de demonstrar o quanto era vulnerável. Dissimulava, tentava se fazer de forte como a irmã. Antonieta, uma sentimental incorrigível. Emotiva, chorava por tudo. Chorava de tristeza, chorava de alegria. Chorava na escola, na rua, na Igreja... Lavava os olhos e a alma com seu choro. Mercês, uma birrenta. Fazia das lágrimas

uma arma para conseguir o que queria. E chorava, chorava, até obter o seu intento... então ria, ria bastante, aquela sua gargalhada contagiante...

Sempre fora e sempre seria assim. E Maria Laura e Pietra sempre estariam ali, a observar e acalantar o choro de cada uma delas...

– A Carmela chora pelo seu homem! – suspirou Pietra.

– Mas que bobagem, Pietra... A Carmela não tem ninguém...

– Exatamente, Santinha! A Carmela não tem ninguém, coitada. E é por isso que ela chora. Ela chora pelo amor que não encontrou ainda, nesta vida...

Carmela certamente se ressentia de sua situação de solteirona. Maria Laura evitava essa palavra – solteirona – era uma palavra pesada, que a língua do povo tornara sarcástica e pejorativa. Mas era impossível fugir dela. Carmela estava com quase trinta anos, não se casara, não tinha namorado, vivia exclusivamente para o trabalho... para os padrões da época, era, enfim, uma solteirona.

Por outro lado, tinha uma bela profissão, uma carreira brilhante pela frente, como sempre dizia Olímpio. Era uma mulher respeitada, admirada, até mesmo invejada por tantas outras... mas ainda assim, aos olhos do povo, Carmela era uma solteirona... Como dizia Pietra ainda não encontrara seu homem... E lá no fundo, de forma inconfessável, ela se ressentia...

Quatro filhas, quatro destinos! Quatro filhas tão amadas!... Ah, se fosse possível, colocá-las de novo no colo, cantar baixinho... e ao som de sua voz e ao balanço da velha cadeira de balanço de Francisco, todos os problemas desapareciam, e elas adormeceriam sorrindo...

E então foi a vez de Maria Laura chorar. Debruçada sobre o prato de frutas cristalizadas, deixou que o pranto viesse. Chorou por Carmela. Chorou pela ausência de Olímpio. Chorou por cada filha, por cada filho, por cada neto... chorou as lembranças do passado, as incertezas do futuro...

chorou a emoção de mais um Natal!

Pietra acendeu um cigarro e se acocorou junto ao fogão de lenha...

E no silêncio do casarão, cada qual no seu canto, cada qual com seus pensamentos, com suas emoções, as três mulheres choraram...

Algumas horas mais tarde, os olhos já secos, festejaram o Natal. Como sempre, ceiam, trocaram presentes e fizeram uma oração. Carmela trouxera uma mala cheia de novidades, coisas que faziam sucesso no Rio de Janeiro. Presenteou a mãe, a tão querida Pietra, as irmãs, os cunhados, os sobrinhos, o tio Juca, Irene, a tia Berenice, os primos... presenteou a todos, sem se esquecer de ninguém.

Para a mãe, uma blusa de seda. Para Rosário, Antonieta e Mercês, trouxe perfumes. Para Flor Maria, um telefone de brinquedo, que tocava de verdade... Carmela parecia ter, por essa sobrinha, uma afeição toda especial... Para o tio Juca, relógio de pulso, última moda na Capital. Para Irene um corte de seda. Para a tia Berenice, uma boneca! Uma linda boneca de louça, de olhos azuis e cabelos louros cacheados, que falava "mamãe"! Foi, sem dúvida, o mais lindo dos presentes e o mais apreciado. Berenice ficou extasiada com o presente, chegou a ficar enciumada quando todos queriam ver e pegar a boneca. Era dela, só dela, aquela preciosidade!... Naquela noite, não largou a boneca por um só minuto e, para estar o máximo com ela, resistiu ao sono como uma criança...

Mais tarde, depois que todos se foram, Maria Laura e Pietra recolhiam os restos da festa. Rosário e Carmela conversavam alegres, mas, do quarto, Xisto gritou pela mulher, que foi correndo, sobressaltada. Carmela veio então

juntar-se à mãe e a Pietra, na tarefa doce e árdua de recolher os restos da festa. Os restos de uma festa são sempre paradoxais... São a lembrança de momentos alegres, muito alegres... que já se foram, que não voltam mais... Podem acontecer outras festas, que sejam igualmente alegres, mas aqueles momentos, únicos, daquela festa, não voltarão nunca mais...

Maria Laura, de repente, saiu de dentro de seus pensamentos e observou a filha.

– Filha, você distribuiu tantos presentes, esta noite...

– Eu gosto de dar presentes, mãe. E depois, no Rio de Janeiro, a gente vê tanta novidade...

– De qualquer forma, é um gesto bonito, filha... me lembra seu pai. Nos natais que passamos juntos, eu ficava encantada com a alegria de Francisco em presentear a todos. Ele nunca esquecia ninguém. Parentes, amigos, empregados...

– Eu me lembro do papai, no Natal. Aliás, eu tenho poucas lembranças dele, e uma delas é do Natal...

– Seu pai foi um homem maravilhoso, uma pessoa muito especial... – Maria Laura viu que se emocionava novamente. E não queria chorar de novo... Subitamente, procurou dar nova entonação à voz, mais alegre, mais animada – Mas agora, minha filha, eu quero te dar um presente. Quero te dar um presente que seja inesquecível. Eu tenho, aqui em casa, coisas belas, muito belas, do tempo de seu pai, e certamente deve haver entre elas alguma que você sempre desejou que sua mãe lhe desse. Por isso, quero que você escolha. O que você quiser... uma jóia, um jogo de porcelana, uma peça de prata...

– Mas, mãe, não precisa nada disso...

– Eu faço questão, minha filha. Escolha uma coisa de que você realmente goste.

– Qualquer coisa, mãe?

– Qualquer coisa, minha filha.

– Então vou pedir uma coisa, mas eu sei que é de estimação...

– Peça, minha filha – encorajou-a Maria Laura.

– A sua licoreira, mãe. A licoreira cor-de-rosa.

A licoreira, presente de Mundico da Grotta. Uma licoreira de vidro sextavado, cor-de-rosa claro, com quatro tacinhas delicadas. Era uma peça simples, perto de tantas outras de cristal ou porcelana, que se amontoavam na cristaleira, lembranças de um tempo em que Francisco Brandão era o homem mais poderoso daquela terra... Mas a licoreira, com toda a sua simplicidade, se distinguia em meio a louças e cristais. Era a lembrança do velho e legendário amigo, Mundico da Grotta. Mundico, o negro fugido, o profeta da serra... A licoreira não tinha tampa. A tampa se quebrara na noite da chegada de Getúlio Brandão, e Maria Laura ainda se lembrava bem daquela noite. Naquela época, Maria Laura estava grávida, de quatro meses. Esperava a terceira filha... sim, esperava essa filha, Maria Carmelita. Maria Laura sentiu um frio percorrer-lhe a espinha, como naquela noite da chegada de Getúlio Brandão. Mas não titubeou:

– A licoreira é sua, minha filha.

No dia seguinte, Maria Laura embrulhou a licoreira e cada tacinha em papel de seda. Revestiu de veludo azul escuro uma caixa de sapatos e, dentro dela, colocou a licoreira e suas tacinhas.

Carmela partiu alguns dias depois do Ano Novo. Levou consigo a caixinha de veludo azul, com a licoreira cor-de-rosa.

Logo depois que Carmela partiu, o céu foi-se enchendo de nuvens pretas, que encobriram o topo da serra. Começou a cair uma chuva densa e forte. Maria Laura se inquietou. Temia por Carmela, sozinha, nas estradas, debaixo daquele temporal. Foi até o quarto e, aos pés da Virgem Santíssima, acendeu uma vela e rezou fervorosamente. Mas a oração não teve, neste dia, o poder de aquietar seu coração aflito. Sentia-se tomada por um mau pressentimento. Era um

sentimento ruim, um aperto no peito, um nó na garganta... Durante todo o dia, Maria Laura andou, de um lado para outro, sem conseguir se concentrar em nenhuma tarefa. Por vezes, ficava durante longos minutos à janela, olhando a cortina pesada da chuva que, impiedosa, não cessou por um instante.

À tardinha, Juca chegou com a notícia de que Carmela telefonara. Chegara ao Rio, fizera uma boa viagem, apesar do mau tempo, e estava bem.

Curiosamente, o coração de Maria Laura não se desanuviou com a boa notícia. Naquela noite, dormiu muito mal, e o mesmo pesadelo, que durante tantos anos assombrava seus sonhos, se repetiu inúmeras vezes. Sonhava que estava caindo, caindo não sabia de onde, caindo no vazio. Caía, simplesmente caía, interminavelmente. Sentia nitidamente a tontura da queda e uma enorme falta de ar. Acordou sobressaltada, por volta das cinco horas, e não dormiu mais. A chuva persistia, sempre densa e forte.

Maria Laura não falou a ninguém, nem mesmo a Pietra, suas inquietações. Durante o dia teve dores fortes no estômago, náuseas e dores de cabeça. Durante alguns dias, uma semana talvez, ficou assim. Indisposta, tomada por maus presságios, um aperto imenso no peito. De noite, os pesadelos se repetiam. Certo dia, percebendo o mal-estar da outra, Pietra preparou-lhe um chá de camomila e fez com que ela se deitasse. Maria Laura adormeceu. Dormiu durante horas, um sono pesado, sem sonhos. Quando acordou, já anoitecia. A chuva diminuía, mas, lá fora, Juca esperava pela irmã. Não trazia boas notícias.

Olímpio sofrera um acidente nos arredores de uma cidade da Áustria. E isso era tudo que se sabia.

Dr. Olímpio passeava com D. Manquinha em um campo de esqui, próximo a Salzburgo, na Áustria. Pararam, primeiro, junto com outros turistas, em uma estação de esqui, na

encosta do monte. Nevava muito, e havia um aviso para que não passassem dali. Mas Dr. Olímpio queria subir mais, queria ver o pico do monte gelado. Um rapazinho ofereceu-se, então, para levá-lo mais adiante. Na subida do monte, o carro derrapou no gelo e virou no despenhadeiro. O rapaz que conduzia o carro foi atirado longe, e Dr. Olímpio não teve melhor sorte. Rolou com o carro até um banco de gelo e ficou desacordado, preso entre as ferragens. Um casal de esquiadores viu o acidente, mas ainda assim o socorro demorou. O local era de difícil acesso, e Dr. Olímpio ficou durante horas preso nas ferragens, debaixo da nevasca. Foi levado ainda desacordado para o hospital, onde foi operado às pressas. Tinha escoriações por todo o corpo, fraturas no braço e na clavícula. As pernas, presas durante horas no gelo, começaram a gangrenar. A perna direita foi amputada naquela mesma noite. Durante alguns dias, Dr. Olímpio ficara internado em Salzburgo. No dia anterior, a despeito da opinião dos médicos austríacos, viera para o Rio de Janeiro.

Juca e Maria Laura partiram na madrugada do dia seguinte, rumo ao Rio de Janeiro. Juca alugou um carro de praça, como eram chamados na época os táxis. O motorista era um rapaz jovem, mas experiente, que conhecia bem o Rio de Janeiro. Viajaram durante todo o dia, debaixo de uma chuva fina e densa. A travessia da serra, na estradinha de terra e ainda de madrugada, foi bastante penosa, principalmente para Maria Laura, que não estava acostumada a viajar. No auge do verão, a chuva trouxera frio. O frio e a umidade entravam nos ossos, a neblina cobria a paisagem, o mundo estava nebuloso e triste. Apreensivos, os irmãos viajavam calados.

Quando chegaram ao Rio de Janeiro, começava a anoitecer. A chuva persistia, uma cortina de água, fina e densa. Foram direto para o hospital para onde Olímpio fora transferido. Juca estava tenso, e Maria Laura teve a

impressão de que ele lhe escondia alguma coisa.

De longe, Maria Laura avistou o hospital. Um prédio grande e imponente, de oito andares, pintado recentemente de amarelo escuro. O prédio ocupava um quarteirão inteiro, e as fileiras de janelas se repetiam a cada andar. Pareciam esconder tantas tristezas, aquelas janelas vistas de longe, tão pequeninas... pareciam tão misteriosamente lúgubres...

Olímpio estava no sexto andar. Quando entraram no elevador e as portas de grade se fecharam, barulhentas, aquele rangido doloroso de metal machucou-lhes os ouvidos e a alma.

A porta do quarto estava entreaberta. Lá dentro, um médico conversava com Olímpio. A voz era grave, falava baixo e pausado. Balançava a cabeça, devagar, o semblante carregado, parecia proferir uma sentença.

Do lado de fora, Juca e Maria Laura esperavam calados. Não tinham pressa. Seria preciso muita coragem para entrar naquele quarto e olhar nos olhos do irmão.

“– Nunca choro pelos mortos. Choro pelos mutilados.” – e Maria Laura se lembrou das palavras que o irmão dissera certa vez, quando conversavam sobre as agruras da vida de médico, a convivência constante com a morte e a doença.

Quando viu os irmãos entrando no quarto, o rosto pálido de Olímpio se iluminou com um leve sorriso. Era um sorriso triste, um sorriso doloroso, mas era um sorriso. Trocaram cumprimentos, tentaram falar banalidades. Havia no ar um estranho constrangimento, esse constrangimento que acomete as pessoas, quando se defrontam com alguém que está sofrendo muito.

De repente, Maria Laura aproximou-se mais da cama. Olímpio estendeu-lhe a mão, que ela pegou entre as suas. Fez-se, então, um momento de profundo silêncio.

Foi o próprio Olímpio quem quebrou o silêncio.

– Eu não estou nada bem, meus irmãos... nada bem... Eu sou médico, meu Deus! Sei exatamente o que se passa comigo!

Maria Laura e Juca se entreolharam em silêncio. Não havia nada a dizer. Olímpio continuou:

– Vocês já devem saber que eu perdi uma perna. Mas a outra... a perna que me resta... está com sinais de gangrena também...

Havia desespero na voz de Olímpio, mas ele continuou.

– Vocês viram o médico que saiu daqui, não viram? É um grande amigo meu. Fomos colegas na Faculdade, trabalhamos juntos durante uma vida. E ele hoje veio aqui com uma dolorosa missão. Veio me dizer que, se até amanhã a minha perna não apresentar melhora, vou ser operado amanhã mesmo... e ela vai ser amputada.

Havia mais que desespero na voz de Olímpio. Havia revolta, mágoa, desilusão. Olímpio parecia magoado com o destino, com a vida. E continuou.

– Eu posso viver sem uma perna. Vai ser uma vida limitada, eu sei, mas a vida vai continuar... Mas, e sem as duas? Sem as duas, eu deixo de ser um homem, pra ser um mulambo, um toco de gente... eu tenho medo de perder a integridade de meu corpo... Eu preciso de um mínimo de auto-estima e dignidade pra continuar vivendo. Mas pelo que o médico falou e pelo que eu mesmo sei e entendo das coisas, só mesmo um milagre... Eu não tenho nem mesmo como me iludir, porque eu sou médico, eu sei... só um milagre...

Maria Laura apertou com mais força a mão do irmão, entre as suas. Juca, o homem do campo, tentava sem sucesso conter as lágrimas. O homem do campo, o homem forte e rude, parecia desabar.

Subitamente, a fisionomia de Olímpio se iluminou. Como se, de repente, surgisse uma nova esperança:

– Maria Laura, me benze!

Maria Laura assustou-se com as palavras do irmão.

Parecia não acreditar no que ouvia. Olímpio repetiu:

– Maria Laura, por favor, me benze!

– Mas, Olímpio... meu irmão... – Maria Laura não sabia o que dizer.

Olímpio repetia a sua súplica, insistente... confiante...

– Maria Laura, por favor, me benze!

– Mas... eu... há tantos anos, meu Deus... há tantos anos eu não rezo para ninguém... eu nem sei se ainda sou capaz...

– Faça o melhor que você puder! Você pode, eu sei! Oh, meu Deus! Há tantos anos eu vi você curar aquele menino, que é hoje o seu genro, o Salazar... e ele tinha tétano de coto umbilical, ele estava condenado... Eu sei, Maria Laura, que, naquela época, eu era contra o que você fazia. Talvez por ceticismo, talvez até mesmo por inveja... eu sei que te maltratei muito, eu te humilhei... Na verdade, eu nem sei se você já me perdoou por tanta coisa do passado...

Perdão! Dez anos haviam se passado, desde a partida de Olímpio, até o seu retorno a São Sebastião das Corredeiras, em busca do perdão. Outros dez anos haviam se passado, e ainda faltava o perdão. Durante todos esses anos, eles haviam convivido em harmonia. Eram unidos, amigos... mas ainda faltava o perdão. O perdão verdadeiro, que viesse do fundo da alma. E, naquele instante, Maria Laura se deu conta de que tinha essa dívida com o irmão.

– Olímpio, meu irmão... eu já te perdoo... do fundo de meu coração, você está perdoado. Mas só acho que eu não posso mais... – Maria Laura tinha medo. Depois de tantos anos, tinha medo de despertar sua velha missão... como aquele que teme se encarar no espelho.

Percebendo a dificuldade de Maria Laura, o desespero de Olímpio, Juca entendeu que era chegada a hora de intervir. Sempre fora assim, por toda a vida. Na hora certa, Juca sempre estava presente. Sua contribuição era sempre pequena... e decisiva. Sobre o ombro da irmã, apoiou a

mão calejada e terna. Falou baixinho, manso e firme.

– Tente, Maria Laura. Faça o que o nosso irmão está pedindo!

Não era um pedido, era uma ordem. Maria Laura sempre lidara melhor com ordens, do que com pedidos. Não mais relutou. Estendeu sobre o irmão a mão direita, cerrou os olhos e rezou.

Palavras, por vezes, têm a força de mudar destinos. O que se passou, então, entre as quatro paredes frias do quarto do hospital, jamais seria esquecido.

Maria Laura rezou, com fervor. Nada mais aconteceria ali, além de uma bela oração. Mas o ar ficou mais leve e estranhamente nebuloso. Sombra e luz se desenhavam de forma mágica nas paredes brancas do quarto. Na janela, as gotas da chuva brilhavam como estrelas.

Olímpio e Juca ouviram calados a oração da irmã. Palavras, apenas palavras. Palavras que teriam a força para mudar destinos.

Depois desse dia, certamente Olímpio, Juca e Maria Laura, nenhum deles seria mais o mesmo.

Quando terminou suas orações, os olhos úmidos, Maria Laura se aproximou da janela.

Não havia mais o que dizer. Estavam, todos, no limite da emoção.

Na saída, Maria Laura observou um quadro, no corredor do hospital, bem em frente ao quarto de Olímpio. Nos momentos em que estivera esperando, antes de entrar no quarto, seus olhos haviam vagueado pelas paredes, e curiosamente, não haviam percebido sua presença. Era um retrato de mulher, uma jovem enfermeira. Em baixo, estava escrito apenas:

“Senhor, dai-me força e coragem para que eu possa cumprir minha missão.”

Juca e Maria Laura seguiram no carro de praça, para o apartamento de Carmela. Não trocaram palavra. Olhavam nas janelas do carro a chuva fina batendo na vidraça.

Naquela noite, Maria Laura dormiu como há muito não conseguia, um sono pesado, tranquilo, sem sonhos ou pesadelos.

No dia seguinte, a perna de Olímpio apresentou os primeiros sinais de melhora. Três dias depois, não havia mais qualquer risco de amputação.

Os médicos buscavam, sem muito sucesso, uma explicação para o inexplicável. Depois de algumas discussões, acabaram por descobrir argumentos aparentemente lógicos para a inesperada recuperação.

Maria Laura e Juca ainda ficaram por mais alguns dias no Rio de Janeiro. Curiosamente, Manquinha nunca aparecia no hospital. Alegava que não suportava hospitais e não tinha paciência para cuidar de doente.

Maria Laura, durante todo o tempo, esteve junto da cabeceira do irmão. No final de janeiro, Olímpio estava se recuperando bem, e Juca e Maria Laura partiram de volta para São Sebastião das Corredeiras.

Tudo o que se passou então foi a consequência natural e inevitável da retomada do verdadeiro destino de Maria Laura.

No dia seguinte à viagem de volta do Rio de Janeiro, uma mulher bateu à porta do casarão. Tinha nos braços uma criança de pouco mais de um ano. Era uma menina muito magra e pálida. A mulher explicou que a menina estava muito doente, não comia, tinha febre alta, vômitos e diarreias. Há meses perambulava com a criança pelos hospitais da redondeza, mas ninguém descobria o mal que

consumia sua filhinha. Então, alguém lhe dissera que a Santinha tinha o dom de benzer as crianças, e ela estava ali, para pedir uma benção.

Maria Laura benzeu a menina. Pediu à mãe que voltasse nos dias seguintes, até que finalmente a menina ficou curada.

Outra mulher veio com o marido, o homem estava desempregado. Os filhos, meia dúzia, começavam a passar necessidades. Maria Laura benzeu o casal.

Assim, as pessoas foram chegando, carentes de ajuda. Trouxeram suas doenças, suas mazelas, seus filhos, seus irmãos, seus netos, suas tristezas, suas dores. Tanto vieram da periferia como do centro da cidade, das roças, de todo o vale e até mesmo do outro lado da serra. Mas a romaria foi tão discreta, tão singela, que a vida prosseguiu naturalmente, sem se conturbar.

Para todos eles, durante tantos anos, Maria Laura havia guardado palavras de conforto, orações cheias de fé e de luz.

Não se falou, na época, de curas milagrosas. Falou-se apenas de ajuda, de solidariedade e da força de suas orações.

Na varanda lateral do casarão, Juca armou para Maria Laura um pequeno altar, onde colocaram uma imagem de São Sebastião e outra de Nossa Senhora das Graças. Maria Laura preservou em seu quarto o oratório com a Imagem da Virgem Santíssima e a jarra de rosas brancas, que floresciam desde a noite de seu casamento. Até então, esse era um tesouro só seu, que não desejava dividir com ninguém.

Os romeiros vinham sempre à tarde, entre o almoço e o jantar. Pietra lhes servia suco de pitanga, café ou chá. Para as crianças preparava bicos de bala ou maria-mole.

Pietra apreciava aquele movimento. O entra-e sai-de gente dava uma impressão de uma saudável e generosa abertura para o mundo lá fora.

Os filhos, a princípio, se assustaram e até mesmo se ressentiram com a presença dos romeiros. Alguns sentiram ciúmes, outros se entreolharam descrentes, sentiram até mesmo uma pontinha de vergonha.

Carmela parecia dividida entre o ceticismo de jovem médica e a inexplicável cura do tio Olímpio. Havia acompanhado cada momento do martírio do tio. Havia visto, havia examinado aquela perna em processo de gangrena. E então, naquela misteriosa manhã, os primeiros e gradativos sinais de melhora. Músculos, veias, artérias, pele desafiando as leis da medicina até a cura completa. Os médicos indo e vindo pelos corredores do hospital, se reunindo desesperados, até formular uma explicação, não muito convincente, para a cura do Dr. Olímpio. Não havia uma explicação lógica para o que se sucedera. E Carmela necessitava de lógica para formular e concluir qualquer raciocínio. Sua profissão e sua vida eram pautadas em lógica, e ela procurava ignorar tudo o que não fosse iluminado pelas leis da física, da química e de outras ciências conhecidas. Talvez por autodefesa, tratou o caso como um acontecimento menor, procurava não dar muita importância quando os irmãos contavam das romarias e das possíveis curas.

Antonietta, sempre mística, sentimental, aceitou tudo com mais naturalidade. Já os gêmeos adotaram atitude idêntica: mostravam aprovação, desde que ficasse claro que Maria Laura se cuidava, que as romarias não lhe comprometiam a saúde ou a segurança. Faziam sempre as mesmas recomendações para Pietra: que cuidasse para que Maria Laura nunca estivesse sozinha em casa quando os romeiros chegassem. Que eles nunca entrassem dentro de casa. Que observasse se Maria Laura não estava ficando muito cansada com as romarias.

Mercês e Rosário agiram conforme ditavam seus maridos. Salazar conhecia na pele e na carne o poder da oração da sogra. Tinha por ela tão grande admiração e tamanha gratidão, que só lhe restava apoiar. Quanto a Xisto, era um cético. Não acreditava em nada que não pudesse ser aritmeticamente resolvido. Rosário, portanto, evitava o assunto na presença do marido. Moravam longe,

e isso não foi difícil.

De Juca, porém, vinha a força que Maria Laura precisava para prosseguir. E não foi preciso uma palavra sequer. A aprovação no olhar de Juca, no sorriso de Juca... isso era tudo o que Maria Laura precisava.

Quando se pode ler o coração, não são necessárias palavras... e, naquela altura de suas vidas, Juca e Maria Laura não mais careciam de palavras...

Capítulo 19

O último Monte Castro

Dois meses depois do acidente com Olímpio, quando a última paciente se foi, a secretária de Carmela anunciou que, na sala de espera, uma mulher desejava lhe falar.

Era uma bela morena de aproximadamente trinta anos, alta, bem vestida... e estava grávida.

Era Eugênia, a amante do tio Olímpio.

No primeiro instante, as duas se entreolharam em silêncio. Carmela estava tão espantada pela presença quanto pela gravidez da outra. Não sabia o que dizer. Eugênia, por outro lado, parecia desencorajada a falar por que viera, fosse qual fosse o motivo. Carmela percebeu, procurou deixá-la à vontade. Sem saber o que dizer, ofereceu-lhe água, café.

Embaraçada, Eugênia começou a falar. Estava de férias, havia viajado para visitar uns parentes no interior do estado. Na volta, ficara sabendo do acidente com Olímpio. A Dra. Carmela com certeza devia saber que eles estavam separados, desde o final de novembro. Enquanto Eugênia

falava da separação, Carmela observava sua barriga e mentalmente fazia as contas. Estavam em meados de março, portanto, havia quatro meses de separação. Aquela barriga – e Carmela conhecia bem – era de uma gravidez de seis a sete meses... portanto, ali, diante dela, poderia estar o filho do tio Olímpio. Eugênia pareceu perceber o pensamento de Carmela. Baixou os olhos, acariciou o ventre crescido. Mas prosseguiu: estavam separados, mas, fosse qual fosse o motivo da separação, Eugênia lhe queria muito bem. E ficara desolada com a notícia do acidente e de suas conseqüências. Queria notícias de Olímpio... na verdade, gostaria muito de vê-lo, mas sabia que isso era impossível.

A essa altura, Carmela não se conteve: perguntou se era de Olímpio aquela criança.

Eugênia corou, baixou a cabeça, desconcertada, respondeu apenas:

– Não sei.

– Mas pode ser dele? – insistiu Carmela.

– Sim, pode ser. Mas eu não posso assegurar... por isso, também, não posso vê-lo agora...

Carmela suspirou fundo, como que decepcionada com a resposta. Olhou nos olhos de Eugênia, com certo carinho. Na sua especialidade, Carmela se deparava, muitas vezes, com problemas daquela natureza. A cada dia, aprendia mais e mais a tentar entender as mulheres, e sua desatinada busca de um grande amor. Não que seus valores morais houvessem mudado, mas estava mais flexível. A mulher que não conhecia o amor se tornara uma doutora na ciência do amor!

Eugênia encorajou-se com o meio sorriso estampado no rosto de Carmela. Diante dela não estava apenas a sobrinha de Olímpio. Estava a médica, a famosa Dra. Carmela Brandão... Quantas vezes, nos hospitais, ouvira elogios à sua capacidade e a sua sensibilidade... Abriu-lhe seu coração: havia-se envolvido com um rapaz, um vizinho. Acreditou que estava apaixonada por ele e que era correspondida. Quis terminar tudo com Olímpio antes de começar o outro ro-

mance, mas as coisas não eram assim tão fáceis. Não tinha coragem. Então, Olímpio parecia perceber que alguma coisa estava diferente. Começaram os desentendimentos, mas continuaram juntos. Começaram as brigas... mas continuaram juntos... durante alguns meses, ela se encontrara com os dois... por favor, a Dra. Carmela não pensasse que ela era uma leviana... a situação a levava a isso... Finalmente, descobriu que estava grávida. E não tinha a certeza sobre qual deles era o pai da criança! Isso a martirizava profundamente! Nessa época, preferiu afastar-se de Olímpio. Não teria coragem de encará-lo, caso ele soubesse da gravidez. Não poderia imputar-lhe a responsabilidade daquele filho... mas, por outro lado, também não poderia negar-lhe aquela paternidade. Nesse meio tempo, se desentendera com o rapaz. Era, na verdade, uma mau caráter, um aproveitador... Enfim, estava sozinha! Arrependida e envergonhada! Mas tinha o filho, a criança que ia nascer, e esse era o seu único consolo. Então ficara sabendo do acidente com Olímpio. Havia sofrido com a notícia tanto quanto se ainda estivessem juntos... Pior, talvez! Não poderia vê-lo, não poderia ficar do seu lado, dar-lhe seu apoio, seu carinho... É sempre muito triste pensar que uma pessoa tão querida está sofrendo tanto e não poder fazer nada...

Diante de toda a história, Carmela não sabia o que dizer. Pensou no tio, na sua cadeira de rodas... Pensou em como ele estava só! Um homem acostumado a ter o dia todo preenchido, por tantos afazeres. Acostumado a sentir-se sempre tão útil, tão importante! Acostumado a uma vida social ativa, festas, amigos... E, de repente, estava só, completamente só! Os amigos a princípio o visitariam. Todos. Mas com o tempo, eles se afastariam, como sempre acontece nessas situações. Quanto à Manquinha, pelas empregadas Carmela já tivera notícia de que ela agora não tratava mais o marido com o mesmo respeito e consideração. Justamente agora, que ele mais precisava dela! Ao contrário, parecia não ter muita paciência. Contratara um enfermeiro, e poucos eram os minutos de seu dia que lhe dedicava...

Por outro lado, ali, diante dela, estava aquela mulher.

A mulher que Olímpio amava de verdade! E uma criança! O que não significaria, para o tio Olímpio, naquela altura da vida, uma criança! Um filho, talvez seu desejo mais secreto! Uma criança, capaz de resgatar o sentido de sua vida! Mas aquela dúvida...

Carmela não sabia o que fazer, ou o que dizer à Eugênia. Mas, a partir do momento em que ficara conhecendo toda a verdade, tornava-se um pouco responsável pelo destino daquela mulher, daquela criança e do tio Olímpio...

Anotou o telefone e o endereço de Eugênia e pediu-lhe um tempo para pensar. Embora houvesse chegado ali pedindo apenas notícias, estava claro que Eugênia pedia socorro. Ficasse tranqüila e lhe desse apenas um tempo para pensar. E tentaria fazer alguma coisa para ajudá-los...

Dois dias depois, Carmela levou Eugênia para encontrar-se com Olímpio, em casa, em um horário em que Manquinha estaria fora. Tudo meticulosamente arquitetado e programado pela respeitada Dra. Carmela, com a ajuda de uma das empregadas, em quem confiava mais.

Nas entrelinhas de duas conversas que tiveram antes do encontro, Carmela sugeriu a Eugênia que afirmasse a Olímpio que o filho era dele. Era uma decisão pesada, difícil de ser tomada. Mas, de certa forma, parecia ser melhor para os três. Para Eugênia, que estava grávida, sozinha e desamparada. Para a criança, a possibilidade de um pai. E para Olímpio, para o querido tio Olímpio, a quem o destino parecia tirar tudo de uma só vez... Para o tio Olímpio, a esperança de poder recomeçar...

A pedido do próprio Olímpio, e com a ajuda da empregada, para que Manquinha de nada desconfiasse, Carmela levou Eugênia outras vezes à sua casa. Havia muito

o que conversar, e os dois precisavam se entender, antes de uma decisão.

Um mês antes do nascimento da criança Olímpio deixou sua própria casa e mudou-se com Eugênia para o apartamento do Flamengo.

Olímpio nunca se separou oficialmente de Manquinha. Deixou-lhe a casa, com todos os seus pertences, e, mensalmente, mandava-lhe uma gorda mesada, capaz de garantir-lhe a sobrevivência e todos os seus luxos.

A criança nasceu no final de maio de 1968, um menino. Recebeu o nome de Lucas Menezes de Monte Castro.

Um Monte Castro, o último de uma geração.

No ano seguinte, Olímpio, Eugênia e o pequeno Lucas se mudaram para São Sebastião das Corredeiras. Não havia mais motivos para continuar no Rio de Janeiro, e, de certa forma, queriam manter-se distantes de Manquinha, que lhes trazia problemas constantes. Além do mais, o tempo havia pesado para Olímpio, e ele queria estar junto dos irmãos.

Em São Sebastião, Olímpio comprou uma casinha simples, mas confortável, com uma bela varanda, onde gostava de passar as manhãs. Ali, sob uma réstia de sol, Olímpio passava horas lendo e ouvindo música em um pequeno radinho de pilha. Gostava de ver o movimento do povo passando, e sempre havia aqueles que paravam para uns minutos de prosa.

A rua de Olímpio era passagem de Téia, na volta do trabalho, e ele sempre parava para tomar um café com o tio. Fizeram uma boa amizade.

À tarde, Juca passava para ver o irmão. Lourenço, Maria Laura e Pietra também eram presenças constantes, quase diárias, naquela casa.

Ali, naquela varanda, sob o olhar carinhoso de tantos tios, Lucas deu seus primeiros passos, falou suas primeiras palavras... Se existiam dúvidas, com o tempo elas foram superadas, ou talvez esquecidas. O fato é que Lucas deu um novo sentido à vida do velho Olímpio.

Durante a maior parte de sua vida, Olímpio foi, acima de tudo, um médico. Não fosse o menino, e ele seria, até o resto de sua vida, apenas um mutilado. Mas Olímpio tornou-se, então, um pai. A partir de então, esse foi seu norte, seu objetivo... sua razão para continuar vivendo.

Com a saúde fragilizada, em consequência do acidente, Olímpio morreu em maio de 1973, aos sessenta e três anos de idade.

Saiu desta vida com dignidade, assistido pela família e pela mulher amada.

Eugênia e o menino haviam criado laços em São Sebastião, e lá continuaram morando. Depois da morte de Olímpio, não foi difícil para Eugênia conseguir uma colocação como enfermeira, no hospital da cidade.

O pequeno Lucas foi criado cercado dos primos e primas, filhos dos filhos e filhas de Maria Laura. Afinal, Lucas era um deles – um Monte Castro. Um legítimo Monte Castro.

O último Monte Castro...

Naquele mesmo ano, no final do inverno, morreu JP. Irene andou adoentada, e JP, já muito velho, completamente esclerosado e dependente de ajuda, foi levado para passar uns meses no casarão.

Pouco antes de morrer, olhou demoradamente nos olhos de Pietra, naquela ânsia de clarear suas próprias idéias. Perguntou, novamente, a Maria Laura:

– Quem é esta moça, Santinha?

– É a filha de Francisco, meu pai.

JP morreu nos braços de Pietra e Maria Laura, sem que tivesse consciência para saber que partia assistido por suas duas filhas...

Capítulo 20

Sorriso de menino

À medida que se cumprem os destinos, as histórias se repetem. Assim, em 1976, Maria Antonieta e José de Arimathéa, com os olhos cheios de lágrimas, acenavam da varanda do casarão para sua filha mais velha, Flor Maria, que partia com Carmela.

Nessa época com dezessete anos, Flor Maria era sonhadora, audaciosa e, como a tia Carmela, queria descobrir o mundo que havia do outro lado da serra. Queria ousar, descobrir, perseguir seus sonhos! Estava pronta para romper os limites, da sua família e de si mesma...

– Eu sabia! Eu sabia que, mais dia, menos dia, a Carmela ia roubar essa menina de mim... – desabafou Antonieta, em tom de brincadeira, mas sentida.

– Não, Antonieta. Não foi a Carmela que levou sua menina daqui. – a voz de Maria Laura tinha a firmeza de quem já vivera, por muitas despedidas, aquele mesmo momento e aquela mesma dor. – Foi a vida, minha filha, quem levou sua menina... A vida tudo nos traz... e tudo

nos tira! Coração de mãe tem de ser muito forte. Tem de saber amar, sem apego...

Olímpio nunca se separou oficialmente de Manquinha. Teve o cuidado de passar alguns bens para o nome de Eugênia e de Lucas, mas sua legítima herdeira foi a viúva, Louise Marie.

Manquinha nada entendia de negócios e estava rodeada por gente que talvez entendesse demais! Alguns anos apenas, foram suficientes para que os parentes lhe tirassem praticamente tudo. Em 1977, Carmela teve notícia de que Manquinha estava morando em um asilo para velhos, nos subúrbios da cidade. Carmela não tinha a menor vontade de rever a tia, mas Maria Laura insistiu tanto que ela cedeu: acompanhada por Flor Maria, naquele domingo, foi fazer-lhe uma visita.

Quando olhou para aquela velha, encolhida em um canto, com o olhar distante e vago de quem está perdido na região limítrofe entre a razão e a insensatez... Carmela não se conteve. Sua gargalhada ecoou sonora, no pavilhão frio do asilo:

– Ah, tia Manquinha! A senhora está velha, caduca... pobre e abandonada!...

Carmela aproximou-se, ajoelhou-se junto da tia. Como se desejasse ver bem de perto o tamanho do estrago que o destino fizera naquela mulher.

– Ah, tia Manquinha, como a senhora está velha... há, há, há, há, há... está pobre... há, há, há, há, há...

Carmela se dobrava e se retorcia de tanto rir. Um riso eufórico e alucinado. Flor Maria tentava contê-la:

– Tia Carmela, pelo amor de Deus! Pare com isso, se controle...

– Ah, minha querida... você não sabe o tanto que esta mulher me fez sofrer...

E então, pouco a pouco, o riso foi-se transformando em pranto. Um choro amargo e sentido. Carmela soluçava baixinho, mas seus soluços ecoavam e se multiplicavam nas paredes frias. Seu pranto encheu o salão, transbordou pelos corredores.

Flor Maria passou o braço sobre os ombros da tia, cheia de ternura, e Carmela se deixou conduzir para fora daquele lugar.

Tia Manquinha não proferiu uma palavra sequer. Continuou quieta, em seu canto, o olhar distante e vidrado. Mas depois que as duas foram embora, o rosto enrugado se encheu de lágrimas...

O consultório de Carmela ficava no 6º andar de um prédio, na Av. Nossa Senhora de Copacabana. Era um conjunto de três salas amplas e confortáveis, com uma bela vista para o mar. Ali, Dra. Carmela reinava entre aquelas quatro paredes, com segurança e tranquilidade, senhora absoluta naquele território só seu.

Flor Maria estudava pela manhã e à tarde trabalhava como secretária, no consultório de Carmela.

Naquela tarde, quinta-feira, final de abril, Carmela teve problemas no hospital e chegou atrasada ao consultório. Durante toda a semana estivera tensa e cansada, ainda perturbada pelo triste episódio do asilo. Naquela tarde estava irritada com o próprio atraso. Exigente, Carmela apreciava a pontualidade e, ao contrário da maioria dos colegas, gostava de cumprir sua agenda com um mínimo de atrasos.

Talvez por isso, no saguão do prédio, irritou-se ao ver que os dois elevadores estavam parados no 6º andar. Marcou no relógio. Já ia para mais de cinco minutos de espera. Cinco minutos longos, irritantes...

Notando a inquietação da Dra. Carmela, o porteiro se aproximou, apertou os botões dos elevadores por repetidas

vezes. Apreensivo com o nervosismo da médica, explicou que naquele dia estava chegando uma mudança... por isso ambos os elevadores estavam presos...

– Uma mudança? – Indignou-se a Dra. Carmela – Uma mudança em plena quinta-feira! Que eu saiba, pelo regulamento do prédio, as mudanças devem ser feitas aos sábados!

– Eu sei, Dra. Carmela, eu sei... e isso tudo foi explicado ao Dr. Américo... é o médico, o médico que está-se mudando para cá... mas ele falou que precisava fazer a mudança hoje, e que faria de qualquer jeito... não deu a mínima pro regulamento... me deixou numa situação difícil, o Dr. Américo...

– Pois o senhor deveria ter avisado ao síndico!

O elevador chegou antes que Carmela pudesse terminar sua frase. De dentro dele desceu o Dr. Américo, um homem de trinta e poucos anos, de estatura mediana e cabelos levemente grisalhos. O médico a cumprimentou, esboçando um sorriso. Carmela retribuiu o cumprimento com um “boa tarde” seco e rápido, e entrou apressada no elevador. Não chegou a prestar muita atenção no novo vizinho. Observou apenas que usava roupas esportivas e estava um tanto sujo de graxa e poeira. Impossível também não reparar no seu sorriso. Tinha um sorriso de menino, aquele Dr. Américo...

Depois que a última paciente se foi, Flor Maria entrou na sala de Carmela:

– Tia, o novo vizinho esteve aqui. Veio pedir um pouco d’água.

– E você?...

– Bem, eu lhe dei uma jarra d’água. Emprestei a ele também uma tesoura, um rolo de fita isolante... sabe, parece que ele estava totalmente desorientado com a mudança. Mas me pareceu muito simpático, o Dr. Américo.

– Pois a mim, ele me pareceu muito relaxado. Parecia mais um faxineiro, que um médico, todo sujo de poeira e de graxa...

Flor Maria se espantou com a intolerância de Carmela:

– Mas, tia, ele estava fazendo mudança...

Mas Carmela deu outro rumo à conversa, e, pelo menos neste dia, não se falou mais no novo vizinho...

No dia seguinte, Américo passou para devolver a jarra e as outras miudezas que Flor Maria havia-lhe emprestado. Por gentileza, para retribuir o empréstimo, trouxe dois bombons. Mas não chegou a ver ou falar com a Dra. Carmela, que estava, como sempre, ocupada com suas pacientes.

Dr. Américo atendia no consultório diariamente, no período da tarde. Na verdade, naquele difícil começo, o Dr. Américo ficava no consultório até o começo da noite. Pouco atendia, que poucos eram os pacientes que o procuravam, naquela época. Mas ele estava sempre ali, invariavelmente, e era de uma pontualidade britânica. Com poucos pacientes, sem secretária, certamente eram solitárias as suas tardes, certamente ele sentia falta de uma companhia. Sempre que chegava e saía, passava pelo consultório de Carmela, para dar “boa tarde” ou “boa noite” a Flor Maria. Às vezes, ficava alguns minutos conversando. E assim, Flor Maria ficou sabendo algumas coisas sobre o novo vizinho. Era mineiro, o Dr. Américo, de uma cidadezinha do interior, chamada Três Bicas. Era casado, pai de dois filhos. No momento, vinha do sul do país. Havia-se mudado muito, morara em diversas cidades... mas não explicou exatamente o motivo de tantas mudanças... E por que o Rio de Janeiro? Isso o Dr. Américo nunca falara, parece até que evitava o assunto... De manhã, trabalhava em um hospital, à tarde no consultório. Mas precisava ser

paciente, até formar uma clientela...

Tudo isso, Carmela ficou sabendo através de Flor Maria, que naquele primeiro mês, pouco se viram. Encontraram-se, certa vez, no elevador. Cumprimentaram-se, trocaram meia dúzia de palavras. Dessa vez, Carmela olhou com bastante simpatia para o novo vizinho, mas sentiu um certo constrangimento no ar. Talvez tenham-se dado conta de que mal se conheciam, mas que, através de Flor Maria, já sabiam muito um sobre o outro...

Mais tarde, Carmela surpreendeu-se pensando no vizinho... Tinha um sorriso de menino, aquele Dr. Américo...

Alguns dias depois, Américo pediu a Flor Maria que o avisasse quando Carmela terminasse de atender sua última paciente; precisava conversar com ela. Américo vinha-lhe pedir um livro emprestado. Tinha problemas com uma paciente, uma senhora de idade, precisava estudar a respeito do assunto. Acabou dividindo com a colega o problema profissional. Conversaram longamente sobre o caso. Estranhamente, parecia que queriam prolongar aquele encontro; como ainda não se sentiam à vontade para falar de outras coisas, esgotaram ao máximo a história da velha paciente de Américo...

Alguns dias depois, uma paciente de Carmela comentou que seu marido precisava de um clínico geral. Carmela prontamente indicou o Dr. Américo. E assim seria a partir de então: sempre que havia oportunidade, Carmela indicava os serviços do colega...

Na semana seguinte, ao anoitecer, o Dr. Américo apareceu novamente. Vinha devolver o livro e agradecer a

indicação. Carmela já havia terminado de atender, não tinha pressa. Américo também parecia sempre tão disponível... Naquela noite, conversaram longamente, sobre assuntos diversos...

Com o passar do tempo, Américo já não precisava mais de um pretexto para passar no consultório de Carmela no final da tarde. Suas visitas se tornaram rotineiras, e sua presença trouxe à vida de Carmela um colorido diferente, inusitado.

Américo era uma pessoa muito agradável, e tinha um sorriso contagiante. Um sorriso de menino, ingênuo, levado... Ao longo dos anos Carmela se acostumara a se esconder por detrás de seu jaleco e de seu título de doutora. Representava sempre e representava muito bem o papel que escolhera em sua vida: o de médica.

Curiosamente, com Américo, Carmela despiu-se do jaleco. Conversavam longamente, como velhos amigos. Carmela gostava de falar sobre a mãe, os irmãos, sua cidade natal. Contava-lhe casos da infância e da adolescência.

Embora, pouco ou nada falasse sobre a mulher e o filhos, Américo também gostava de falar sobre seus pais e sobre a vida em Três Bicas. Contava casos curiosos de sua infância e da adolescência. Um deles tocara especialmente o coração de Carmela. Muitos anos haviam-se passado, desde o casamento, e a mãe de Américo não conseguia engravidar. Então, seus pais fizeram uma promessa: se viessem os filhos, com as iniciais de seus nomes escreveriam uma frase, louvando a Deus. “Deus é amor” – foi a frase escolhida. Não demorou muito, e sua mãe ficou grávida. E assim o primeiro filho recebeu o nome de Danilo. Em seguida, nasceu Elza. Depois Ulisses, Samuel, Eneida, Américo e Marília. Finalmente, os dois mais novos, Olga e Roberto. Nove filhos! Para um casal que já temia não poder ter filhos!

– Eu sou o “A” de Amor... – gostava de dizer o Dr. Américo...

Carmela gostava de ouvir essa história: havia nela

uma poesia e uma força tão grandes!

Dia a dia, Carmela e Américo estreitavam os laços de amizade. Quando a última paciente ia embora, Carmela tinha a certeza de que ele viria: invadiria seu consultório com aquele sorriso radiante de menino levado. Estabeleceram uma cumplicidade agradável.

Muitas vezes, conversavam apenas banalidades. A conversa era entrecortada por gargalhadas sonoras, o tempo passava depressa...

Outras vezes falavam sério, filosofavam... sobre os mistérios da alma humana, da existência na terra, sobre medicina, ética... falavam de sentimentos e emoções, os mais íntimos e mais profundos. Só não ousavam falar sobre o sentimento que os unia, ali, naquela pequena sala, todos os dias, durante horas e horas a fio, comungando idéias, partilhando seus espíritos. Mas certamente sabiam que o sentimento que os unia se tornava cada vez mais forte. E poderia tornar-se mais forte que o senso do certo e do errado... mais forte que o discernimento entre o bem e o mal...

Com Américo, Carmela se abriu a respeito do triste episódio no asilo, e o desastroso encontro com a tia Manquinha. Abriu a ele seu coração, contou-lhe sem censura, toda a sua mágoa, o ressentimento guardado por tantos anos. Conversaram sobre a dificuldade do ser humano em defrontar-se com o seu lado “mau”. Depois falaram sobre o perdão, talvez o mais nobre dos sentimentos. As palavras não teriam a magia de modificar prontamente os sentimentos de Carmela e conduzi-la ao oásis de paz que pode ser o perdão. Mas, depois de dividir o problema com Américo, ela se sentia mais aliviada... como um pecador, depois da confissão – pensava Carmela.

E assim seria, a partir de então: depois que dividiam seus problemas, suas aflições, sentiam-se mais seguros e confiantes...

Às sextas-feiras, Américo tinha pressa – e Carmela sabia disso muito bem – era dia de chegar cedo em casa, para estar com a esposa e os filhos. Mesmo assim, ele sempre aparecia. Conversava por alguns minutos. Ameaçava sair diversas vezes, mas alguma estranha e poderosa força o prendia ali. Por fim, partia sem convicção, estampado nos olhos o desejo de ficar mais um pouco...

Américo estava casado há quase vinte anos. Com Viviane, filha única de um militar. Conheceram-se muito jovens, quando seu pai trabalhou alguns anos em Três Bicas. Foram vizinhos. Na adolescência, se apaixonaram. Quando o Coronel foi transferido para outra cidade, havia uma única solução para evitar o final do romance: o casamento. Eram, na época, muito jovens. Viviane tinha dezesseis, Américo, dezoito anos. Ele começava a sonhar em fazer Medicina.

Os pais de Américo foram contra: uma loucura, casar-se assim tão novo, interrompendo todos os seus sonhos. Mas os pais de Viviane aprovaram: eles, muito rigorosos, ela filha única... melhor mesmo que se casasse...

Arrumaram tudo às pressas, casaram-se e se mudaram com os pais de Viviane. Ela guardou para sempre uma mágoa da família de Américo, pela oposição ao casamento, um ressentimento que nem mesmo o tempo conseguiu apagar totalmente.

Durante muitos anos, viveriam na dependência do Coronel, morando na mesma casa, mudando-se com ele a cada transferência. Américo continuou os estudos, entrou na Faculdade de Medicina, mas seu curso foi interrompido

por duas mudanças, e ele demorou para se formar.

Quando finalmente tornou-se um médico, começou a trabalhar e desejou ter sua própria casa e sua própria vida, independente do sogro e da sogra. Mas parecia tarde demais. Viviane não queria se separar dos pais. Não aprendera a viver sua própria vida, era incapaz de tomar a menor decisão por si só. Mas Viviane e seus pais inverteram sabiamente a situação: como Américo poderia ser tão ingrato, deixá-los sozinhos, a essa altura da vida? Afinal, estavam velhos, precisavam da presença da filha, do genro, dos netos...

Uma armadilha – pensava Américo. E sentiu-se definitivamente condenado àquele cativeiro. Na profissão, não conseguia-se estabelecer: montava consultório, começava a fazer sua clientela... e então, repentinamente, o Coronel era transferido, eles se mudavam, e Américo então tinha de começar tudo de novo... Como não conseguia ser bem sucedido na profissão, não conseguia assumir as responsabilidades de sua família, acostumada a um alto padrão de vida, e então ficava a cada dia mais dependente do coronel. Era um círculo vicioso, e faltava-lhe coragem para dar um basta na situação, proclamar sua independência...

Naquele fim de semana, Carmela não tinha plantão. Eram raros, naquela época, os finais de semana em que Carmela não dava plantão algum, e ela costumava esperar ansiosa esses dias de completo descanso e lazer. Então fazia compras em Copacabana, algumas vezes ia à praia com Flor Maria, de tarde passeavam no calçadão, à noite iam ao cinema ou ao teatro. Outras vezes gostava de ficar em casa, sozinha, ouvindo suas músicas prediletas, lendo um bom livro.

Mas naquele fim de semana, Carmela sentiu-se estranhamente irritada, um vazio lhe perturbando a alma. Flor Maria saiu com o namorado, e ela sentiu-se irremediavelmente só e amargurada. Desejou que o fim de semana passasse depressa. Desejou a segunda feira, a velha

rotina... e o sorriso menino de Américo a iluminar seu final de tarde...

Talvez nesse fim de semana Carmela tenha se dado conta de que perdera o controle de seus sentimentos e de suas emoções. Já não era mais a médica poderosa, que dominava a lógica e enxergava a vida friamente de seu pedestal. Era uma mulher, simplesmente uma mulher, envolvida em um turbilhão de sentimentos... apaixonada... uma mulher apaixonada... Carmela encheu-se de medo. Não poderia continuar assim, totalmente entregue a esse sentimento, como uma adolescente. Américo era um homem casado. Que, apesar de todos os seus problemas familiares, jamais demonstrara qualquer intenção de se separar da esposa. Mas que invadia seu consultório e sua vida, toda tarde... Carmela sentiu-se usada... Não estava disposta a um envolvimento daquela natureza. E tomou uma decisão: colocaria um ponto final naqueles encontros. Mentalmente, ensaiou uma nova postura: na segunda-feira, quando Américo aparecesse, ela seria formal. Fria, se preciso. Não deixaria que a conversa se prolongasse. Seria educada, naturalmente, mas distante e formal. Polida, era a palavra certa. Nas entrelinhas da conversa, deixaria claro que não eram, e nunca seriam, nada mais que dois vizinhos. Deveriam, portanto, tratar-se como tal...

Depois de um fim de semana longo, de céu nublado e tempo abafado, a segunda-feira amanheceu radiante, sol ardente, céu claro, sem nuvens.

Durante todo o dia Carmela esteve envolvida com os mais diversos problemas, no hospital. Mais tarde, no consultório, entre uma paciente e outra, era impossível não pensar em Américo. Então renovava mentalmente a decisão de colocar um ponto final naquele relacionamento.

Mas quando a última paciente se foi, a sala de espera estava vazia! Carmela estava desapontada. Teve esperança de que ele ainda viesse. Como já era de costume, disse a Flor Maria que fosse para casa, que ela ficaria um pouco

mais.

Entre as quatro paredes do consultório, Carmela andava de um lado para outro. Fingia que lia, que organizava as gavetas. Passava de uma atividade a outra, sem conseguir se concentrar em nenhuma. Talvez ele ainda viesse... Talvez estivesse com um paciente... talvez... E Carmela não conseguia entender a si mesma: se pretendia acabar com aquela amizade, por que, afinal, se afligia tanto? Se conseguia formular as perguntas, não era dona das respostas. Estava aflita, angustiada, e tudo o que mais desejava era ver Américo entrando pela porta de seu consultório, com aquele sorriso de menino levado a brincar em seus lábios...

Mas naquela noite, Américo não veio. Não veio também no dia seguinte. Durante toda a semana, Carmela esperou ansiosa, e ele não apareceu...

Dr. Américo só voltou na semana seguinte. Vinha de Três Bicas. Havia perdido o pai e um sobrinho, em um acidente. A notícia desarmou Carmela: não era mais a hora certa para colocar um ponto final naquela amizade. E Carmela sabia que, passado aquele momento, em que reunira todas as suas forças para se afastar de Américo, ficaria cada vez mais difícil...

Dia a dia, os laços se estreitaram. Carmela e Américo dividiam os finais de tarde, compartilhavam todo e cada detalhe de suas vidas, de suas almas e de suas mentes. E sabiam que chegaria o dia em que não seria mais possível sufocar o desejo, e, então, compartilhariam também os seus corpos.

Em 1978, tornaram-se amantes.

Capítulo 21

Estilhaços de um sonho lançados na noite

Em 1978, meia dúzia de camaradas se embrenharam na encosta da serra, para uma pescaria. Em uma corredeira do Rio São Sebastião, encontraram uma pepita de ouro. Ouro! A palavra mágica, capaz de aguçar a ganância dos homens.

Eram todos lavradores. Mas não tiveram dúvida: largaram suas obrigações, suas roças e suas famílias e penetraram na mata a procura de mais ouro. A princípio, mantiveram silêncio acerca de sua descoberta. Mas o segredo se espalhou, e outros homens vieram. Em pouco tempo, a cidade estava em completa euforia, em busca do precioso metal. Lavradores abandonaram suas lavouras, comerciantes deixaram seus estabelecimentos, funcionários públicos evadiram-se das repartições. Movidos pela cobiça, os homens abandonavam seus trabalhos e suas casas para se embrenharem na serra. As roças, o comércio, as mulheres e as crianças ficaram à própria sorte, e os homens só tinham tempo e pensamento para o garimpo. A notícia atravessou a serra, e outros homens vieram, de diversos lugares. Garimpeiros do século XX, numa desatinada busca de fortuna. A pequena cidade de São Sebastião das Corredeiras não estava preparada para aquela invasão de aventureiros e viveu dias de caos. Faltou água, comida, houve saques e até mortes, em nome do precioso metal.

A notícia que correu, então, era de que havia muito ouro nas entranhas da serra. Não demorou muito, e o fato chamou a atenção de políticos e empresários poderosos. A cidade foi invadida, então, por uma legião de geólogos, engenheiros e outros doutores, comandados por uma grande empresa de mineração, contratada pelo governo do estado. Foram dias de euforia em São Sebastião. Salazar, como prefeito, viveu dias de glória, mas também de muita

tensão. Em um momento como aquele, em que foi despertada a cobiça dos homens, logo surgem os conflitos de interesses. E não demorou para que surgissem os primeiros impasses. A serra estava sitiada pelos garimpeiros, quando chegaram os técnicos do governo. A animosidade foi inevitável. Pelo ouro da serra, os homens estavam dispostos a empunhar suas armas, tanto de um, como do outro lado. Na tentativa de apaziguar os ânimos, vieram os mediadores: psicólogos, sociólogos e até religiosos. Na mesma época, chegaram também os ecologistas: a mata, que encobria a serra, estava sendo violentada e destruída. Em sua defesa, foram feitos protestos e passeatas. E logo foi levantada a questão da propriedade da terra: afinal, a serra era propriedade pública. Mas estadual, ou municipal? Vieram advogados, escrivães e outros letrados. Vasculharam os registros da Prefeitura Municipal e do pequeno Cartório, mas não havia legislação ou documentos que comprovassem a propriedade da terra.

O impasse se arrastaria por meses, anos talvez, se o sonho do ouro durasse o suficiente para alimentar a discussão. Mas o ouro começava a escassear. Houve um desespero geral quando os homens começaram a perceber a fugacidade de seu sonho de riqueza. Então, os geólogos, que estavam há meses embrenhados na mata, desceram a serra e se reuniram a portas fechadas com o prefeito e os diretores da empresa mineradora. Depois dessa fatídica reunião, anunciaram em um documento aberto à população o parecer dos técnicos e a decisão do governo: na serra não havia mais que o ouro de aluvião, que já estava totalmente esgotado. Mas os estudos haviam revelado uma grande jazida de bauxita. E o governo estava decidido a explorá-la.

Em março de 1979, foi cravada na serra a pedra inaugural da EMISA – Empresa de Mineração de São Sebastião das Corredeiras. Invadido pelo progresso, o vale nunca mais foi o mesmo. A velha estradinha da serra foi duplicada e asfaltada, e a pequena cidade de São Sebastião das

Corredeiras foi subitamente exposta ao convívio com o resto do mundo.

Vieram máquinas, operários, geólogos e engenheiros. Uma nova cidade começou a surgir na encosta da serra, com ruas largas e asfaltadas, onde se enfileiravam alojamentos de madeira, para abrigar os operários e técnicos da Emisa. Por trás dos alojamentos, surgiram umas poucas casas de alvenaria, amplas, modernas e bem construídas – as chamadas “casas de chefia”.

As velhas ruelas de paralelepípedo pareciam se abalar sob as rodas de tantos carros e tratores, que, a partir de então, se incorporaram à rotina da cidade.

Os pais tentavam prender em casa as suas filhas, para resguardá-las do convívio com os forasteiros, que invadiam a cidade. Ainda assim, no ano seguinte, muitas crianças nasceriam, de paternidade duvidosa, e muitas moças seriam consideradas perdidas.

Foram tempos de grande euforia. A bauxita estava mudando radicalmente a vida no vale. Mas o sonho do ouro jamais seria totalmente esquecido. As pessoas chegaram mesmo a dizer que eram fraudulentos os resultados dos estudos dos geólogos, revelados à população. E que aquela história de bauxita era uma grande farsa, e o verdadeiro objetivo da Emisa era explorar secretamente o ouro, o precioso e farto ouro da serra. Salazar seria, então, o grande Judas, capaz de trair seu povo. Mais uma vez, verdade e lenda se misturavam e desafiavam a sensatez daquele povo.

E logo vieram as desapropriações de terra, os intermináveis litígios, e a pequena e pacata São Sebastião das Corredeiras estava transformada no palco de uma grande luta de interesses. Mas, por outro lado, pelas velhas ruelas da Cidade, o dinheiro corria farto. Pequenas vendinhas se transformaram, da noite para o dia, em grandes mercados, e o comércio prosperou como nunca. Eram lojas, lojinhas, empórios, para atender às demandas dos forasteiros. Era a bauxita se transformando em ouro, no bolso e na vida de cada um. As desapropriações de terra

atingiam apenas uma minoria, que foi facilmente esquecida pelos seus conterrâneos.

E assim, não foi difícil para o povo acostumar-se àquela nova realidade.

Ficou perdido no tempo aquele ar mágico e poético do vilarejo de casas caiadas e ruazinhas de paralelepípedo. Como se o progresso pudesse realmente comprar as pessoas, e matar a inocência e a poesia do vale...

O ano de 1980 estava particularmente quente e seco, como se o verão ameaçasse entrar pelo outono e inverno adentro. Quando a tarde caía, Maria Laura e Pietra gostavam de ficar na varanda do casarão, vendo o inusitado movimento de carros e de pessoas na praça.

Maria Laura gostava de olhar a serra, ao longe. Naquela distância, era certamente impossível enxergar o movimento dos tratores e operários. Mas também era impossível não sentir a vibração que vinha da serra.

Com a euforia do ouro e depois da bauxita, até mesmo os romeiros haviam desaparecido do casarão. Maria Laura sentia qualquer coisa estranha no ar.

Subitamente, em abril, o cume da serra ficou encoberto, mas não eram aquelas nuvens leves e brancas que geralmente coroadavam o topo da montanha no outono. Eram nuvens escuras, pesadas, estacionadas no alto da serra. Não se mexiam com o vento, mas também não se precipitavam. Ficavam ali, no topo da serra, imóveis, e durante algumas semanas, o vale não foi banhado pelo sol.

Quando maio chegou, Maria Laura estava apreensiva. Certa noite, sonhou que a pequena Igreja da cidade ardia em chamas, como na noite de seu casamento. A praça estava apinhada de gente, mas as pessoas iam e vinham, ignorando a destruição da Igreja. No coreto da praça havia um homem,

que tentava em vão chamar a atenção das pessoas. Era Mundico. E ele repetia para seu povo a profecia que ficara célebre em 1931:

“Os deuses estavam bravos, com a ganância dos homens no vale. Como castigo, uma seca viria, e secaria suas entranhas.” Mas as pessoas continuavam passando pela praça, apressadas, alheias às palavras de Mundico e ao fogo da Igreja.

Maria Laura acordou sobressaltada, suando frio, como nos tempos de menina. Naquela noite, não dormiu mais. Era a primeira noite de maio, mas ainda fazia calor em São Sebastião. O ar estava pesado e nebuloso, e Maria Laura sentia nele um cheiro estranho, meio adocicado. Como um cheiro de rosas, muitas rosas, recém colhidas...

Carmela chegou naquele mesmo dia, ao anoitecer. Estava de férias, e ficaria alguns dias em São Sebastião. Queria passar com Maria Laura o dia das mães. Depois, pretendia fazer uma viagem. Para onde? A Dra. Carmela não sabia... se possível, para um lugar onde conseguisse se esconder de si mesma...

O romance de Américo e Carmela já durava dois anos. Se, a princípio, o amor havia superado todos os preconceitos, com o tempo vieram à tona os escrúpulos e conflitos. Afinal, Américo era um homem casado, tinha filhos. A relação proibida era perturbadora, mas o sentimento que os unia parecia estar acima das convicções, da lógica, do certo e do errado, do bem e do mal. Secretamente Carmela alimentava a ilusão de que Américo um dia se separasse da esposa e assumisse uma vida nova, ao seu lado. Mas com o passar do tempo, Carmela percebia que para ele era cômoda aquela situação...

E então, subitamente, o destino pareceu conspirar para que Américo tomasse, enfim, uma atitude. Havia pouco mais de um mês, o Coronel, sogro de Américo, fora transferido para uma base militar no estado de São Paulo. Era chegado o momento da decisão. Se, mais uma vez, Américo abrisse mão de sua própria vida, e partisse com o

sogro, seria o fim. Um ponto final nos conflitos, mas também no amor. Se, por outro lado, sua esposa decidisse ficar no Rio de Janeiro, a seu lado, estariam fortalecidos os laços entre eles. E a ligação dos amantes se tornaria inviável, até mesmo imoral, frente ao sacrifício da legítima esposa. Se, por outro lado, Viviane teimasse em acompanhar os pais, mas Américo decidisse ficar... eram tantos os “se”, era tamanha a incerteza e a insegurança de Carmela... A sua vida nas mãos de outras pessoas...

E foi então que Carmela decidiu tirar aquelas férias. Passaria uns dias em São Sebastião, ao lado da mãe. Mesmo nada sabendo a respeito de Américo, ninguém melhor que Maria Laura, para transmitir-lhe a paz e a serenidade de que ela tanto precisava. E sua ausência certamente ajudaria Américo a refletir e lhe daria a oportunidade de se decidir, com liberdade e lucidez.

Por volta do dia 10 de maio, subitamente as nuvens escuras que encobriam o cume da serra se precipitaram numa chuva fina e densa, que regou o vale durante horas a fio. Quando a chuva parou, já noite avançada, por trás da serra o céu estava respingado de estrelas. A temperatura caiu bruscamente, o ar tornou-se úmido e gelado. Da varanda do casarão, Carmela enxergava a serra, envolvida em bruma tênue, e o céu estrelado.

Já terminava a segunda semana de suas férias, e Carmela não tivera de Américo qualquer notícia. Um telegrama, um telefonema, um recado sequer... Mas ele fatalmente já teria tomado sua decisão. E mentalmente Carmela imaginava Américo em seu consultório, encaixotando cada objeto, cada livro... depois interditando os dois elevadores, na mais irreverente das mudanças... Era impossível continuar sonhando, acalentando ilusões. Era preciso erguer a cabeça, encarar a realidade: Américo, na certa, havia partido com a família. E seguiria, mais uma vez, o sogro, arrastando consigo seus sonhos, suas mágoas, os cacos de suas vidas.

Da varanda, de costas para a rua, Carmela podia ver o relógio de parede da sala de visitas. Faltava apenas um segundo para a meia noite. Um tênue e fugaz segundo separava a noite do dia. Como a marca tênue que separa o bem e o mal... O sim e o não... a vida e a morte...

Era o dia 11 de maio de 1980, e esse dia ficaria marcado na memória e na vida de cada habitante de São Sebastião das Corredeiras.

Carmela ouviu ao mesmo tempo as badaladas do relógio e um estrondo pavoroso, que parecia vir das entranhas da serra. Mesmo de costas percebeu o clarão. A luz que se infiltrava na bruma e que teria o poder de tingir de vermelho a mais negra das noites.

A explosão que aconteceu na mina pôde ser vista e ouvida a muitos quilômetros da serra. As pessoas se levantaram atordoadas e apareciam nas portas e nas janelas das casas, enroladas em cobertores de lã. Em poucos minutos, a cidade inteira havia despertado e olhava atônita o clarão das labaredas que devoravam a serra.

São Sebastião das Corredeiras viveu a mais dolorosa das noites de toda a sua história. Com a explosão, pedras e destroços da mina foram lançados em um raio de quase um quilômetro. Estilhaços de um sonho, lançados na escuridão.

Casas humildes, da periferia, e os alojamentos, construídos na encosta da serra, para abrigar os operários da mineradora, foram os locais mais atingidos. Entre as chamas e os destroços ouviam-se gemidos, gritos de dor e de pavor e choro de criança. O resgate dos mortos e feridos,

que começou na madrugada, prosseguiria por todo o dia seguinte.

São Sebastião das Corredeiras, nessa época, tinha apenas um pequeno Posto de Saúde, ao lado da Prefeitura, onde um médico atendia não mais que três vezes por semana. Os recursos eram escassos, e a estrada da serra, bloqueada pela explosão, impedia a passagem dos feridos para Esmeraldina ou qualquer outra cidade vizinha. De helicóptero, os casos mais graves e os acidentados mais ilustres foram removidos. Mas a grande massa ficaria na praça, espalhados pelo chão, exibindo em praça pública as suas chagas.

Na madrugada, Maria Laura abriu as portas do casarão. Para seu povo e para os forasteiros. Para os mutilados e para os feridos. Para aqueles que agonizavam e para aqueles que lutavam pela vida.

Sob o comando da Dra. Carmela, o casarão transformou-se em um verdadeiro hospital. Antonieta e Mercês chegaram ao amanhecer e se juntaram a elas.

De todos os cantos da Cidade, vieram voluntárias e se uniram a elas. “As Santinhas do Casarão”: assim ficariam conhecidas aquelas mulheres...

Como em uma operação de guerra, quartos, salas, cada cômodo do casarão se encheu de leitos. Tão logo a estrada foi recuperada, de Esmeraldina vieram remédios, médicos e enfermeiros, que se juntaram às mulheres do casarão. Maria Laura, Pietra e os outros voluntários se revezavam nos cuidados com os feridos, mas Carmela foi incansável. Naquela luta pela vida, os dias e as noites se emendaram, intermináveis, e Dra. Carmela passou de um leito a outro, de uma a outra ferida, com a obstinação e a força de quem cumpre o mais sagrado dos juramentos.

Uma semana depois da explosão, um homem bateu à porta do casarão. Procurava a Dra. Carmela. Naquela época, a cidade estava tomada por forasteiros – a maioria parentes das vítimas, à procura de seus familiares, ou jornalistas, à procura de notícias – e Carmela, que naquele momento trocava os curativos de uma criança, pediu a Pietra que o atendesse.

Alguns minutos depois, Pietra estava de volta.

– O homem que está lá fora insiste em ver você, Carmela. Acho que eu posso terminar o curativo por você... – Pietra fez uma pausa, depois acrescentou com um sorriso malicioso de quem conheceu bem o amor – É um rapaz tão simpático! Tem um sorriso tão bonito... um sorriso de menino...

Naquela mesma tarde, mais um médico – um certo Dr. Américo – se juntava às mulheres e aos outros voluntários do casarão.

Nem mesmo a explosão da mina seria capaz de mudar o propósito de riqueza dos homens, no vale. Muitas feridas ainda estavam em chagas, e muitas famílias ainda choravam seus mortos, quando chegaram os tratores e as escavadeiras. Retiraram os escombros e retomaram as escavações no pé da serra. E, a despeito de todo o sangue, e de todas as lágrimas derramadas, em pouco tempo, as atividades na mina foram retomadas, e a cidade voltou a prosperar loucamente...

Estava claro que nada mais poderia deter a ânsia de fortuna e de progresso que se apossara dos homens, no vale.

Capítulo 22

Como pombos, em revoada

Algun tempo depois da explosão da mina, quando o último ferido desceu curado as escadarias do casarão, Maria Laura chamou Carmela e Américo para uma conversa. Vinha comunicar a eles que estavam de partida, ela e Pietra. Estavam-se mudando para a Fazenda Santa Marta. Deixava-lhes o casarão. Que fizessem dele o melhor uso possível. Quem sabe até mesmo pudessem transformá-lo numa clínica... São Sebastião precisava com urgência de um hospital!...

A princípio, Carmela relutou. Maria Laura não podia deixar o casarão! Afinal, aquela era a sua casa, o lar em que sempre vivera, onde ganhara e criara seus filhos...

Mas a decisão estava tomada, e ela não voltaria atrás. Aquela casa precisava cumprir sua verdadeira vocação... Na semana seguinte, Maria Laura e Pietra se mudaram para a Fazenda Santa Marta... E, alguns meses depois, sob o comando do Dr. Américo e da Dra. Carmela, o casarão foi transformado em uma clínica – a “Casa de Saúde Santa Maria”.

Que seria sempre conhecida, pelo povo de São Sebastião das Corredeiras, como a “Casa da Santinha”.

A explosão da mina, se não destruiu o sonho de riqueza dos homens, no vale, abalou profundamente o prestígio político de Salazar. O prefeito foi acusado de negligência e traição. A imagem desgastada, vieram à tona mandos e desmandos das gestões anteriores.

A reeleição tornou-se inviável. Os articuladores de sua

campanha, companheiros de partido, buscavam desconsolados uma solução.

“– Que ironia!” – comentou exausto um deles – “Salazar, depois de tantos anos de governo, desacreditado pelo seu povo! E D. Mercês, D. Santinha, a Dra. Carmela, todas aquelas mulheres do casarão... veneradas pelo mesmo povo! Simplesmente porque passaram mercúrio cromo em meia dúzia de feridas... Fosse D. Mercês a candidata...”

A idéia surgiria assim, meio sem propósito, no desabafo sarcástico do companheiro de partido. Mas a Salazar – verdadeira raposa, acostumado a todo o tipo de truques e artimanhas, para sobreviver na política – a idéia não passaria despercebida. Mercês candidata a prefeita! Explorando ao máximo aquele momento delicado e emotivo da vida do povo de São Sebastião das Corredeiras. Uma vez eleita, fariam com que ela se ocupasse das tarefas sociais do governo. E Salazar assumiria um cargo qualquer no governo – secretário, chefe de gabinete – mas deteria o poder, seria ele o verdadeiro prefeito da cidade!

A idéia, a princípio, assustava pela originalidade. Mas o partido não tinha outro candidato. Salazar não teria a menor chance de se reeleger!... Aceitaram por unanimidade a solução e investiram maciçamente na campanha de Mercês.

Mercês venceu por maioria esmagadora as eleições de 1982 e tornou-se a primeira prefeita de São Sebastião das Corredeiras. Uma bela prefeita, mulher determinada, voluntariosa, que tinha nas veias o sangue dos Monte Castros! E que, em momento algum, se contentaria em se distrair apenas com pequenas tarefas sociais.

Para surpresa do partido e total espanto de Salazar, Mercês assumiu verdadeiramente a Prefeitura de São Sebastião das Corredeiras. Se aqueles homens tudo sabiam sobre a política e sobre como conduzir a opinião pública... naturalmente pouco sabiam sobre as mulheres. Depois de tantos anos correndo atrás do marido infiel, Mercês convivera bastante naquele meio e adquirira experiência suficiente para assumir a prefeitura da cidade.

Salazar ganhou um cargo de chefe de Gabinete, como era o seu desejo, mas teve de se curvar à autoridade da Prefeita. Com o tempo, aprendeu a respeitar e admirar aquela mulher... polêmica, audaciosa, símbolo vivo de um novo tempo...

Em 1983, abalado pelas desapropriações de terra, que lhe levaram mais de metade da Fazenda Santa Esmeralda e praticamente toda a Serra Negra, Lourenço ficou doente. Mesmo o coração de um Monte Castro não resistiria a tantos despropósitos, como lhe pareciam todas aquelas novidades: mina de bauxita, desapropriações de terra, uma mulher à frente da Prefeitura! Lourenço foi definhando e faleceu no final daquele mesmo ano. Djanira, entretanto, ainda viveria por muitos e solitários anos...

Em 1984, José de Arimathéia foi subitamente possuído por uma nova crise de sonhos e devaneios. Na mente fértil, um novo projeto de vida tomou forma. Largou, então, o emprego de quase cinco anos, em um banco, com o firme propósito de abrir um depósito de material de construção. São Sebastião das Corredeiras estava em franco processo de expansão. Dia a dia surgiam casas novas pelos arredores da cidade, e, no centro, outras tantas eram reformadas. Sem dúvida, um projeto audacioso, mas no momento propício. Tudo isso, José de Arimathéia explicou à mulher. Maria Antonieta estava incrédula: depois de tanta luta, os últimos anos haviam sido de calma, e ela acreditara que o marido estava curado. Era inconcebível tamanha insensatez: Téia estava perto de se aposentar, onde e como arrumaria ele outro emprego, depois que o castelo de sonhos se desmoronasse? Antonieta procurou dentro de si, mas não encontrou forças para enfrentar mais aquela crise. Os filhos estavam todos moços, bem criados e independentes, e Antonieta largou casa, marido, filhos, e todo o seu passado de abnegação... deixou tudo para trás e mudou-se para a

Fazenda Santa Marta.

Téia alugou um pequeno galpão, próximo ao centro da cidade, e abriu o seu negócio. Com um firme propósito: vencer e trazer Antonieta de volta.

Os primeiros tempos foram difíceis, mas ele continuou firme. Sem o apoio de Antonieta, Téia não podia esmorecer. Por outro lado, o vale em completa euforia, tudo seria possível em São Sebastião das Corredeiras, até mesmo os sonhos do poeta. O pequeno depósito cresceu depressa. Depois de algum tempo, era um comércio sólido, e o filho do padre, um homem estabelecido e respeitado.

E então, certa noite, José de Arimathéia pegou seu velho violão e partiu para a Fazenda Santa Marta. Junto à janela de Antonieta, Arimathéia faria sua última serenata: a mais bela, a mais romântica de todas as serestas de sua vida. Depois de músicas e lágrimas, a janela se abriu... Naquela noite Arimathéia deixou na Fazenda Santa Marta o seu violão. Mas levou de volta para casa a mulher amada...

Xisto morreu novo, em 1985, de um infarto fulminante. Seu atestado de óbito seria para Rosário como uma Carta de Alforria. Tinha, agora, a sua liberdade... Mas Rosário estava tão acostumada ao cativeiro, que não sabia o que fazer com aquela liberdade...

Continuou limpando, lustrando, organizando... cuidando dos filhos, da sogra e depois dos netos... Era assim que Rosário insistia em ser feliz!...

O Professor Samuel, o velho amigo, tornou-se uma presença cada vez mais constante em sua casa. À tarde, tomavam chá na varanda, apreciando o movimento. Aos domingos, assistiam juntos à missa das dez, na Igreja Matriz de Esmeraldina. Mas ninguém nunca soube dizer o que poderia realmente haver entre aquelas duas almas gêmeas... além, é claro, de uma grande afinidade e uma doce harmonia...

E Rosário tocou adiante a sua vida, insistindo em ser feliz...

Em 1986, Maria Laura completou setenta anos, e a data foi comemorada com uma linda festa, que reuniu toda a família na Fazenda Santa Marta.

Os gêmeos não eram muito dados à bebida, mas naquela noite estavam alegres, descontraídos e se excederam. Lá pelas tantas, em meio ao tumulto da festa, Maria Laura encontrou os filhos no quarto da frente, que dava para a varanda – aquele que, no passado, fora o quarto de Elvira. José Francisco e José Augusto, de frente para o espelho, tocados pela bebida, soltavam gargalhadas sonoras.

– Mãe, o que a senhora vê naquela quadro? – perguntou Augusto, logo que Maria Laura entrou, apontando para o espelho.

De frente para o espelho, os gêmeos insitiam na pergunta:

– Mãe, o que a senhora vê naquele quadro? Quem são aqueles meninos?

O espelho fora de Elvira, certamente teria mais de cinqüenta anos. Estava gasto e com as beiradas carcomidas pelo tempo. Maria Laura olhou o espelho, mas a imagem dos filhos não estava refletida neles. Viu apenas dois meninos. Dois moleques, descalços, com os cabelos despenteados e com cheiro de mato. A imagem durou uns poucos segundos, mas foi tão nítida que jamais seria esquecida.

Naquele instante, Maria Laura teve uma única certeza: eles voltariam! Ela não poderia precisar quando, nem como, mas seus meninos voltariam.

Quando a mãe de Américo faleceu, em 1987, os filhos se reuniram para a dolorosa tarefa de dividir os pertences dos pais e fechar para sempre aquela casa.

Todos os pertences – móveis, roupas de cama, louças, quadros – foram repartidos em oito lotes, e os lotes, sorteados entre eles. Américo levou o que lhe coube para o casarão, mas durante algum tempo não teve coragem para abrir aquelas caixas e remexer naquelas lembranças.

O sucesso da Casa de Saúde Santa Maria acabou por expulsar Américo e Carmela do casarão. O movimento aumentava consideravelmente, tornou-se impossível continuar morando ali.

Alugaram uma casinha simples, a uma quadra do casarão, e, na mudança, Américo decidiu abrir as caixas com os pertences de seus pais. Desembalaram um velho fogão, algumas panelas, roupas de cama, enfeites... Na última caixa, estavam as louças, embrulhadas em jornal. Carmela desembalou-as uma a uma, com cuidado. A última peça era bem pequena e estava cuidadosamente embalada. Em vidro cor-de-rosa, uma peça única, talvez a mais valiosa das heranças: uma pequena tampa de licoreira! A tampa que se encaixaria perfeitamente na licoreira que Carmela guardava há tantos anos...

Um desses caprichos do destino. A mãe de Américo, certamente tivera uma licoreira idêntica à de Maria Laura. Todas as peças haviam-se quebrado, mas ficara a tampa. A pequena tampa que, se destinada a qualquer um dos outros oito filhos, seria naturalmente desprezada. A tampa que vinha curiosamente parar nas mãos de Carmela... e se encaixar perfeitamente em sua velha licoreira...

Maria Laura envelheceu devagar, sem perder os encantos de forma brusca, como acontece a algumas mulheres.

Os filhos partiram de sua vida assim como aquela revoada de pombos, que tanto a encantara na Cinelândia: havia a hora certa de voar, e eles bateriam as asas com certeza. Mas voltavam sempre e arrulhavam ao seu redor.

Depois partiam de novo, e não se podia dizer para onde esse vôo os levaria.

Capítulo 23

*Por detrás da serra,
por detrás do céu*

Neste ano de 1998, os fenômenos astrológicos mexem com o humor e o destino das pessoas.

No limiar do século XXI, o homem já pode prever os ímpetos da natureza. Mas ainda não conseguiu entender seus desmandos, nem controlar seus caprichos. Os países têm sido assolados por tornados, enchentes, nevascas. As pessoas, em todo o mundo, sofrem impotentes com a fúria da natureza. Há em tudo uma certa desordem: nos países, nas estações do ano. Como sinal – ou final ? – dos tempos...

Por outro lado, a proximidade do final do milênio contribui para que as mentes estejam mais alertas, os corações mais atentos. Há uma grande ânsia em descobrir o que haverá além deste milênio... além desta era... depois de todos os tempos...

Palavras como “infinito” e “eternidade” estão saindo da inércia dos dicionários e perturbam as mentes dos homens. Os homens descobriram que suas mentes abrigam mais incertezas que convicções. Mais perguntas que respostas...

Juca, Maria Laura e Pietra vivem juntos no casarão da Fazenda Santa Marta. Estão velhinhos, exibem suas cabeças brancas como troféus de vida. Não há mais ninguém no casarão. Todos os outros já partiram.

Perto dos noventa anos de idade, Juca ainda tem vigor e vontade suficiente para levantar-se junto com o sol. Toma uma xícara de café preto e, apesar dos protestos das irmãs,

todos os dias, pela manhã, percorre a pé ou a cavalo as ruas do cafezal. Na verdade, é José Francisco – o menino voltou! – quem administra a Fazenda, mas Juca está sempre presente, no dia-a-dia e nos momentos de decisão. Como um secular guardião, o anjo da guarda das terras e de todos daquela família.

Depois do almoço, Juca, Maria Laura e Pietra cochilam no sofá da sala. Nessa hora, o casarão parece tomado por um mágico silêncio. Como se povoado por anjos. Por volta das duas horas da tarde, invariavelmente, eles despertam. Com movimentos lentos, ensaiados, medidos. A rotina é imperiosa na infância e na terceira idade. É um referencial para quem está assim tão perto de um momento de grande intimidade com o desconhecido.

Dentro dessa rotina, as tardes são longas no casarão. Quando começa a anoitecer, Juca, Maria Laura e Pietra gostam de ficar na varanda, olhando a serra.

Olham a serra com carinho... e o céu, por detrás da serra, com devoção. O que haverá por detrás da serra?... E o que haverá por detrás do céu?...

E, juntos, esperam o anoitecer...

Fim

OS DEUSES NÃO DORMEM



*O que haverá por detrás da serra?
E o que haverá por detrás do céu?*

Auxiliadora Magalhães Garcia